

- **Diagnóstico e propostas para uma Loja Maçônica (PEREIRA; DE JESUS).**
- **A Maçonaria Operativa e os seus trabalhos (MEDEIROS).**
- **A Música na Maçonaria (DE SOUSA; DOS SANTOS).**
- **Método de construção de um Plano de Desenvolvimento Pessoal Maçônico (PEREIRA; DE JESUS).**
- **O impacto de um rito sobre outro (ISMAIL).**
- **Universal, mas diversa: a Maçonaria ao redor do Mundo (DOS ANJOS).**
- **Ressignificando a Iniciação, sua Jornada Arquetípica e efeitos psicológicos (GUIMARÃES).**



# C&M

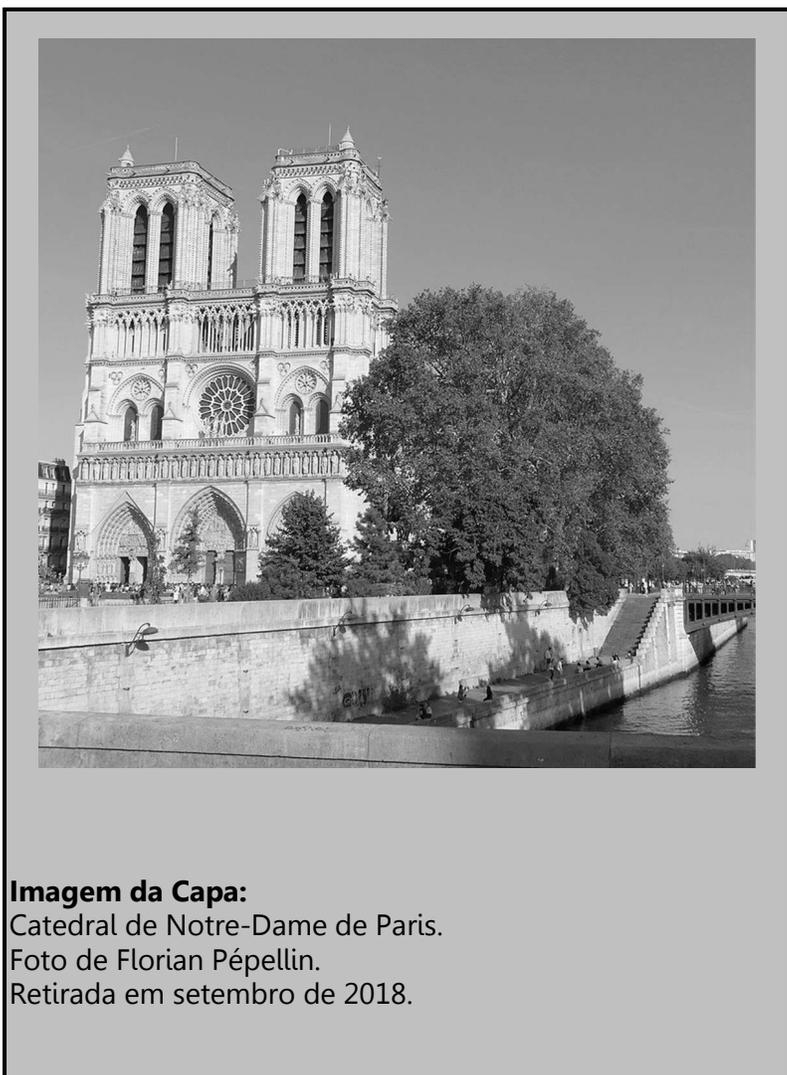


## Revista Ciência & Maçonaria

**“A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria”**

### **Missão:**

Democratizar a produção acadêmico-científica sobre Maçonaria e seu acesso no Brasil.



### **Imagem da Capa:**

Catedral de Notre-Dame de Paris.  
Foto de Florian Pépellin.  
Retirada em setembro de 2018.

### **Dados Catalográficos:**

ISSN 2318-0129  
Julho a Dezembro de 2021  
Volume 08.  
Número 01.

### **Periodicidade:**

Semestral

### **Conselho Editorial:**

Kennyo Ismail  
Max Stabile Mendes  
Nihad Faissal Bassis  
Rafhael Guimarães

### **Conselho Científico:**

Vide in website:  
<http://cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/about/editorialTeam>

### **Contatos:**

Editor-Chefe: Kennyo Ismail  
[contato@cienciaemaconaria.com.br](mailto:contato@cienciaemaconaria.com.br)

Suporte Técnico: Nihad Bassis  
[nihadbassis@yahoo.com.br](mailto:nihadbassis@yahoo.com.br)

Portal - [www.cienciaemaconaria.com.br](http://www.cienciaemaconaria.com.br)

### **Realização:**

NP3-CEAM-UnB - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas, Governo e Gestão do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília.

### **Aviso:**

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista Ciência & Maçonaria. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.

CRB1-079

C&M: Revista Ciência & Maçonaria / NP3-CEAM-UnB – v.8, n.1 (2021)  
Brasília, DF: NP3-CEAM-UnB, 2021.

Semestral  
ISSN 2318-0129

1. Maçonaria – Periódicos. I. NP3-CEAM-UnB (Brasília)

CDD: 060

CDU: 061.236.61



---

**"A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria"**

---

## Sumário

Palavra do Editor .....	5-6
DIAGNÓSTICO E PROPOSTAS PARA UMA LOJA MAÇÔNICA: Um Estudo de Caso de Aplicação de Ferramentas de Gestão (PEREIRA; DE JESUS).....	7-17
A MAÇONARIA OPERATIVA E O SEU TRABALHO: O simbolismo nas catedrais góticas (MEDEIROS) .....	19-27
A MÚSICA NA MAÇONARIA: Uma história de músicos e influências nas cerimônias maçônicas (DE SOUSA; DOS SANTOS) .....	29-35
MÉTODO DE CONSTRUÇÃO DE UM PLANO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL MAÇÔNICO: Uma proposta (PEREIRA; DE JESUS) .....	37-44
O IMPACTO DE UM RITO SOBRE OUTRO: Três cruzamentos entre o REAA e o Rito Moderno (ISMAIL) .....	45-52
UNIVERSAL, MAS DIVERSA: A Maçonaria ao redor do Mundo (DOS ANJOS) .....	53-60
RESSIGNIFICANDO A INICIAÇÃO, SUA JORNADA ARQUETÍPICA E EFEITOS PSICOLÓGICOS (GUIMARÃES) .....	61-71
SOBRE A REVISTA .....	72





## Palavra do Editor

Prezados leitores,

No editorial de nossa última edição, fizemos um breve desabafo das dificuldades impostas à humanidade por conta da pandemia de COVID-19, em especial a nós, brasileiros, peões em uma guerra ideológica anti-cultura, anti-educação, anti-ciência, anti-pesquisa. Infelizmente, passado um ano daquela publicação, pouco desse cenário mudou. Devo dizer que para nós, professores e pesquisadores, a situação até piorou. Um ano com menos aulas, menos turmas, menos pesquisas, menos ou nenhum recurso, desmantelou incontáveis centros e núcleos de pesquisas, levando muitos colegas ao abandono da carreira e vocação acadêmico-científica em busca de sobrevivência.

Nunca é demais lembrar que a Ciência & Maçonaria é uma revista multidisciplinar qualificada como B2 em Ensino pela Qualis CAPES, e que consta em importantes diretórios e indexadores internacionais, como DOAJ, ROAD e Latinex. Seus artigos, inéditos e relevantes, são fruto do trabalho sério de pesquisadores, mestres e doutores que têm dedicado seus tempos e esforços em prol de trazer e espargir mais luz sobre seus temas de pesquisa envolvendo a Maçonaria. Tendo acumulado mais de 200 mil visualizações desde sua existência, a C&M é atualmente uma referência de periódico 100% gratuito a quem se dedica ao estudo da maçonaria em seus mais distintos aspectos. E por isso somos solidários a cada pesquisador brasileiro.

Ainda, ao mesmo tempo em que a C&M é 100% gratuita, ela não possui qualquer financiamento ou fonte de renda que a sustente, que cobre seus custos básicos de domínio, hospedagem, manutenção, revisão, diagramação, etc. As-

sim, por trás da C&M, sem dúvida alguma a principal publicação do gênero no Brasil, há apenas a doação de tempo e recursos de um ou outro amante do conhecimento.

Neta edição, escolhi uma foto da Catedral de Notre-Dame de Paris, É um belo exemplo da diferença do trato com a cultura e a história. O Museu Nacional do Rio de Janeiro sofreu um incêndio em 2018 e a Cinemateca Brasileira, um em 2021, enquanto a famosa catedral sofreu um incêndio em 2019. Breves pesquisas online já indicam a atenção dispensada pela população e pelo governo e cada um desses casos, que dispensam maiores apresentações.

Contudo, a famosa catedral francesa não merece nossa capa apenas pela beleza e pela atenção que recebe em sua restauração, mas por sua relação com os temas abordados em alguns dos artigos desta edição, em especial no trabalho do professor Medeiros, sobre as catedrais góticas

Outros dois artigos que estão publicados nesta edição são frutos do trabalho de pesquisa em conjunto dos pesquisadores José Antônio Maciel Pereira e João Damasceno de Jesus, sendo um sobre diagnóstico de situação organizacional e outro uma proposta de plano de ação individual para maçons.

Já outro artigo apresentado é uma breve pesquisa bibliográfica de Kleber de Sousa e Josenildo dos Santos sobre músicos na maçonaria e suas supostas influências.

Há ainda o trabalho histórico de Ismail, apresentando três cruzamentos históricos entre o Rito Escocês Antigo e Aceito e o Rito Francês ou Moderno, e como esses cruzamentos impactaram em cada um.

O arquiteto e artista plástico Rodrigo dos Anjos, com larga experiência em Relações Internacionais no meio maçônico, retorna à nossa revista com um artigo sobre a diversidade de organismos, landmarks, ritos e rituais que se tem na Maçonaria mundial.

E falando em retorno, o pesquisador Raphael Guimarães, depois de alguns anos, volta às nossas páginas, ressignificando seus trabalhos anteriores relacionando a Maçonaria à Jornada do Herói e os efeitos psicológicos da prática ritualística.

Esses artigos, enveredando pelas mais diferentes ciências, colaboram para que a a revista "Ciência & Maçonaria" continue a cumprir seu objetivo institucional, de publicar produção acadêmico-científica multidisciplinar de qualidade, tendo a Maçonaria como objeto de pesquisa, de forma ampla e gratuita.

Por fim, apresentamos nossa solidariedade a cada leitor que perdeu um ente querido nessa pandemia.

Boa leitura a todos!

Fraterna e Sinceramente,

*Kennyo Ismail*

**Editor-Chefe**

## **DIAGNÓSTICO E PROPOSTAS PARA UMA LOJA MAÇÔNICA: Um Estudo de Caso de aplicação de ferramentas de gestão**

(DIAGNOSIS AND PROPOSALS FOR A MASONIC LODGE: A Case Study of the application of management tools)

Jose Antônio Maciel Pereira <sup>1</sup>

João Damasceno de Jesus <sup>2</sup>

### **Resumo**

Apresenta-se o diagnóstico da situação organizacional de uma Loja Maçônica, uma organização civil do Terceiro Setor, a partir de um estudo de caso, que parte de uma análise de suas forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, com a posterior aplicação da ferramenta de análise de conteúdo. Os resultados são discutidos através de matriz de hierarquização de atividades, apresentando-se um plano de ação. Conclui-se que o Planejamento Estratégico pode ser um grande vetor para manter os seus membros e suas famílias integrados, motivados e realizando um trabalho social para o fim específico da existência da Loja.

**Palavras-chaves:** Loja Maçônica; Planejamento Estratégico; Maçonaria.

### **Abstract**

The diagnosis of the organizational situation of a Masonic Lodge, a third sector civil organization, is presented, based on a case study, which starts with an analysis of its strengths, weaknesses, opportunities and threats, with the subsequent application of the content analysis. The results are discussed through a hierarchy of activities matrix, presenting an action plan. It is concluded that Strategic Planning can be a great vector to keep its members and their families integrated, motivated and carrying out social work for the specific purpose of the Lodge's existence.

**Keywords:** Masonic Lodge, Strategic Planning, Freemasonry.

<sup>1</sup> Engenheiro, Administrador e Bacharel em Ciências Náuticas. Pós-Graduação Lato Senso em Ciências Náuticas e Gestão Empresarial. Mestre em Administração pela FGV/EBAPE. Doutor em Engenharia e Ciências de Materiais, na área de concentração de Metrologia e Métodos. E-mail: [josemaciel1963@gmail.com](mailto:josemaciel1963@gmail.com)

<sup>2</sup> Engenheiro, Administrador e Bacharel em Ciências Náuticas. Pós-Graduação Lato Senso em Ciências Náuticas e Gestão Empresarial. Mestre em Sistemas de Potência pela UNIFEI. Doutorando em Engenharia de Produção na UNIFESP. E-mail: [jdamassaj@gmail.com](mailto:jdamassaj@gmail.com)

## 1. Introdução

A Maçonaria teve o seu berço no Reino Unido no início dos anos 1700, expandiu-se pela Europa, tendo um crescimento global e nos dias de hoje está presente em vários países do mundo. Possui uma característica especial de ingresso após um processo de pesquisa da vida do pretendente e preza pela discricção e fraternidade entre seus membros, que são engajados em ações sob a bandeira da fraternidade e do voluntariado, podendo este conjunto ser "a razão dessa Instituição estar, durante séculos, atraindo os mais distintos homens" (Ismail, 2013, p.30). Seus membros reúnem-se em locais denominados, no Brasil, de Lojas Maçônicas e exercem o tratamento mútuo de Irmãos.

Está distribuída globalmente em Instituições "consideradas independentes, autônomas e soberanas entre si" (ISMAIL, 2016, p.5), ou seja, não existe uma linha hierárquica de comando mundial entre elas, mas buscam o reconhecimento entre si (ISMAIL, 2016) para uma convivência mútua. Em relação à sua distribuição, "a maçonaria estadunidense e inglesa, que juntamente com a do Brasil, compõem o pódio das maiores nações maçônicas do mundo" (MONTEIRO; ISMAIL, 2019, p.70), sendo que "metade dos Maçons do mundo se encontra nos Estados Unidos" (AZEVEDO, 2019, p. 5).

Organizações do Terceiro Setor vêm, cada vez mais, ocupando em solo brasileiro, espaços importantes em questões sociais junto à sociedade em atividades diversas, primordialmente, através de trabalho voluntário, que em tese, seriam de responsabilidade do Estado. Trazer ferramentas da área de Gestão para diagnóstico de empresa de Terceiro Setor é algo já predominante recomendado e existente em organizações do terceiro setor, porém, sendo relativamente novo para o mundo maçônico, tanto na área de sua atividade, quanto no seu mundo acadêmico, apesar de já existirem Lojas Universitárias ou Acadêmicas, que se dedicam a estudos diversos. Trazer ferramentas da área de Gestão para diagnóstico de empresa de Terceiro Setor é algo já predominante recomendado e existente em organizações do terceiro setor, porém, sendo relativamente novo para o mundo maçônico, tanto na área de sua atividade, quanto no seu mundo acadêmico, apesar de já existirem Lojas Universitárias ou Acadêmicas, que se dedicam a estudos diversos.

Este artigo pretende responder à inquietação acadêmica, ou seja, à pergunta de pesquisa de "como

realizar um diagnóstico situacional de uma Loja Maçônica" e se justifica por trazer ao campo da Literatura um assunto pouco explorado em trabalhos e pesquisas acadêmicas no país para esta Instituição do Terceiro Setor. Além do que, neste momento, uma Loja Maçônica enfrenta o seu maior desafio em seus mais de 300 anos de existência da Maçonaria que é lidar com as ameaças e consequências da pandemia devido ao vírus Covid.

Assim, possui o objetivo de apresentar um estudo de caso de aplicação prática de uma matriz SWOT, em uma Loja Maçônica brasileira, que preferiu não ser identificada, onde são levantadas as suas Forças, suas Fraquezas, suas Oportunidades e suas Ameaças. Seus resultados são categorizados e expostos a uma Matriz de Priorização de Atividades para o desenvolvimento de um Plano de Ação, com sugestão de metas factíveis a serem atingidas. Todo este arcabouço alimentará a base, ou seja, a etapa inicial, da fase do diagnóstico situacional da organização para a construção do seu ciclo do Planejamento Estratégico (BAUMAN, 2019).

Esta investigação científica tem o fundo utilitarista e se justifica por contribuir para as Organizações do Terceiro Setor, a Academia e com a própria Maçonaria, ao propor um estudo acadêmico de diagnóstico para uma Loja Maçônica, provendo ferramentas e técnicas de aplicação para a sua organização administrativa, garantindo a sua evolução e continuidade sustentável ao longo do tempo.

## 2. Referencial Teórico

Uma Organização do Terceiro Setor é uma organização sem fins lucrativos, composta por pessoas dedicadas a um trabalho voluntário, com finalidade pública, que busca provocar, conforme Darradda (2019, p.19) identifica na Literatura, "mudanças nos indivíduos e na sociedade, de modo que os recursos sejam otimizados a partir da atuação social, visando solucionar as questões não resolvidas pelos entes públicos e privados".

Sob esta ótica, uma Loja Maçônica encontra-se categorizada com uma Organização do Terceiro Setor e "toda Loja é uma Empresa Jurídica, estabelecida, pelo Código Civil Brasileiro, na forma de Associações" (DE SOUZA, 2020, p.21), com foco na ação de voluntariado, pois "o trabalho voluntário é essencial para as organizações do terceiro setor, bem como para a Maçonaria" (DE MORAIS; ISMAIL, 2017, p.1),

dentro de um sistema maior, que é a própria Maçonaria. Uma Loja Maçônica representa uma célula da Maçonaria, que é uma organização-base desta Instituição, onde pessoas que a ela pertencem, se reúnem regulamente há mais de trezentos anos, embasada em regulamentos e valores, pois enxergam retorno em suas regras e costumes, pois “encontram uma resposta na Maçonaria, uma “estrutura” flexível e com uma ideologia suave e tolerante e que permite a todos construir seu próprio eu maçônico” (AZEVEDO, 2019, p.5).

Apesar destas características próprias e a evolução realizada ao longo dos anos, não possui uma definição formal estabelecida, já que não existe uma “que seja oficial da instituição ou mesmo que descreva satisfatoriamente o que realmente a Maçonaria seja” (ISMAIL, 2016, p.4). Porém, sendo “possível supor que, dadas as suas especificidades, a Maçonaria tornou-se uma forma de sociabilidade competitiva, que combina as necessidades de comunidades locais e preocupação com a integração no mundo” (AZEVEDO, 2019, p. 5).

Uma Loja Maçônica, em geral, se divide em dois tipos, a tradicional, ligada aos Símbolos e à Filosofia e a universitária ou acadêmica, que privilegiam o ingresso “de universitários, de professores e demais candidatos ligados à área acadêmica” (GALDEANO, 2013, p.3). Independente da classificação, ambas são formadas por membros que exercitam o voluntariado e prezam pela fraternidade e, como organização do terceiro setor, devem buscar ter alta representatividade junto à sociedade dentro do seu papel específico que lhe cabe.

Em sua composição administrativa, a cúpula diretiva é responsável pela condução da trajetória dos destinos e decisões na Loja Maçônica, trabalhando dentro de uma hierarquia vertical, “tendo o Venerável Mestre como o dirigente de tal organização” (ISMAIL, 2016, p.4), sendo este responsável pela organização, direção e gestão administrativa e, também, por assim dizer da gestão maçônica. Deve sempre ter em mente que “o rigor administrativo deve ser uma constante preocupação de uma Loja Maçônica” (MEIRINHOS, 2018, p.1), o que transmite uma grande importância para as ferramentas de gestão organizacional, bem como estimulando a sua total aplicabilidade. Neste sentido, Bauman (2019, p.2) estabelece que as ferramentas de gestão aplicadas a uma Loja Maçônica “podem trazer melhores resultados, principalmente afastando riscos, sem jamais alterar as regras e princí-

pios da Ordem Maçônica”. Deste modo, o diagnóstico do momento atual da Loja Maçônica através da aplicação de ferramentas de gestão se traduz como um grande fator contribuinte para uma melhor relação com a sociedade, stakeholders, mercado e o próprio Estado (DARRALDA, 2019).

Este movimento de adequação da gestão de uma Loja Maçônica com o suporte de técnicas e ferramentas da área de conhecimento da Administração de Empresas, vem sendo recomendado por diversos autores, apesar de que, no caso do nascimento da Maçonaria, “enquanto instituição é anterior ao surgimento e desenvolvimento da ciência organizacional da Administração” (ISMAIL, 2016). Deste modo, existe a necessidade de um novo direcionamento, uma mudança, um novo caminho ou aperfeiçoamento, o que deve ser o norte dos líderes de uma Loja Maçônica, em sintonia com sua tradição de mais de 300 anos. Souza (2020, p.8) vai adiante ao estabelecer que esteja a se aproximar “mudanças de procedimentos, de comportamentos e a inclusão da maçonaria na era digital e no século XXI”, em conexão com Monteiro e Ismail (2019, p.70) que sugerem que “a Maçonaria Brasileira se encontra em claro processo de internacionalização (ou globalização)”.

Assim, uma Loja Maçônica precisa se adaptar aos novos padrões e à evolução, contudo, suportada pelos seus dois marcos principais: “a natureza da instituição ... e as formas de confiança (psicológica, social, cultural e espiritual)” (AZEVEDO, 2019, p.9) que devem ser uma constante dentro do seu meio.

### 3. Metodologia

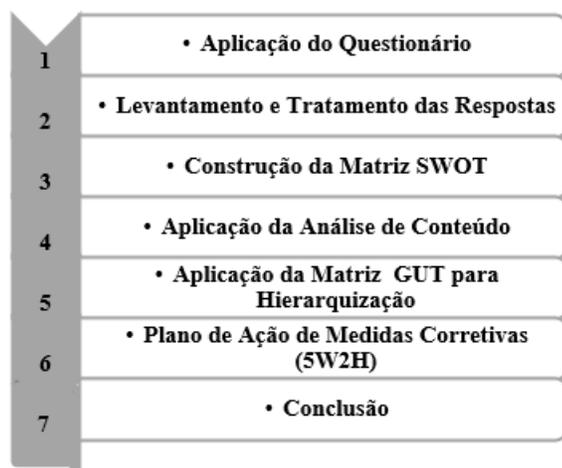
A Metodologia tem a sua estrutura a partir de uma pesquisa descritiva, já que se propõe “a descrever um fenômeno, valendo-se de questionários e observação sistêmica e ... busca levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população” (MEDEIROS; TOMASI, 2015, p.21). Em relação a sua natureza, trata-se de um artigo científico original observacional de um estudo de caso, com base qualitativa, em pesquisa de campo, com procedimento técnico de uso de questionário com perguntas abertas para coleta de informações de pessoas e substanciada por base bibliográfica.

Dentro destas condições de categorização da pesquisa, foi aplicada uma ferramenta qualitativa para o levantamento das Forças, Fraquezas, em relação ao seu Ambiente Interno e Oportunidades e Ameaças,

frente ao seu Ambiente Externo (Matriz SWOT) para identificar as categorias iniciais de relacionamento para a análise. Souza, et al (2015, p.46) descrevem e estabelecem a aplicabilidade desta ferramenta para a levantamento de atividades para planejamento, com a afirmação de que, com base na Matriz SWOT, "definem-se as ações prováveis, que, analisadas...podem/devem virar projetos".

A técnica de Análise de Conteúdo foi aplicada em sequência, cuja descrição e condução das etapas são encontradas em Silva e Fossé (2013), gerando as categorias finais de análise, as quais foram submetidas à outra ferramenta de priorização, a Matriz de Gravidade, Urgência e Tendência (GUT), que fornece a trajetória necessária de foco na criação de ações ou projetos para a geração de um Plano de Ação. Este Plano de Ação, por sua vez, está baseado em uma Matriz de 5W2H, onde as perguntas "Como? Quando? Onde? Por quê? Quem? Como? e Quanto?" são respondidas, pois "possibilita a utilização do sistema de mensuração nas organizações do terceiro setor por meio da elaboração da Análise SWOT e plano de ação", (DARRADDA, 2019, p.5).

Seus parâmetros de validação são metas no conceito de que sejam específicas, mensuráveis, atingíveis, relevantes e temporais (conceito SMART), que servem de indicadores de sucesso para o projeto (SOUZA, et al, 2015). O delineamento tda dinâmica do processo metodológico deste artigo está representado na Figura 1.



**Figura 1:** Processo Metodológico do Artigo

Fonte: Autores.

ja formação deu-se a partir da geração de um questionário, o qual foi enviado por correio eletrônico ao universo dos 22 membros que compunham a organização maçônica. Utilizou-se um conjunto de perguntas abertas e subjetivas, visando a que os respondentes dispusessem de flexibilidade e liberdade na elucubração das respostas. Foram recebidos de retorno 15 questionários, que foram tabulados, estabelecendo um percentual de respostas 68%, o que garante uma amostra representativa e robusta, que consubstancia os resultados deste artigo. As quatro perguntas foram assim determinadas:

- "Olhando para o ambiente INTERNO de nossa Loja, convivência, interação, Templo entre outros: O que considera PONTOS FORTES de nossa LOJA?"
- "Ainda sob os aspectos INTERNOS a nossa Loja: Quais são os PONTOS FRACOS de nossa LOJA?"
- "Agora, considerando aspectos EXTERNOS à nossa Loja, ou seja, fatores que não controlamos, existem OPORTUNIDADES à vista?"
- "Ainda considerando aspectos EXTERNOS, ou seja, fatores que não controlamos, o que AMEAÇA a nossa Loja?"

## 4. Resultados

### 4.1. Aplicação da Matriz SWOT

A Matriz SWOT é uma ferramenta amplamente utilizada em organizações públicas, privadas e do terceiro setor para a verificação da condição atual da empresa, quanto ao seu ambiente interno e ambiente externo. Kuhlkamp (2019) desenvolve o histórico da ferramenta, a identificação das variáveis e o seu método de aplicação, bem como a construção de uma tabela de prioridades.

### 4.2. Aplicação de Análise de Conteúdo

Apresenta-se a análise de conteúdo neste estudo qualitativo para a definição das categorias iniciais, intermediárias e finais. Silva e Fossé (2015) desenvolvem a abordagem teórica e o método para aplicação da ferramenta e construção das três categorias de análise: Iniciais, Intermediárias e Finais, através de um conceito norteador único de eficiência organizacional, que estão expostas a seguir.

A amostra é definida como não probabilística, cu-

#### 4.2.1 Identificação das Categorias Iniciais

Aplicação de Análise de Conteúdo:  
CATEGORIAS INICIAIS para FORÇAS

Convivência	Acolhimento	Membros
Lideranças	Harmonia	Carinho
Venerável Mestre	Respeito	Sucesso Pleno
Habilidades	Intelectual	Desprendimento/Humildade
Fortalecimento	União	Dedicação
Estudo	Comprometimento	Ágape
Transparência	Colaboração	Clareza
X	Diversidade	x

Aplicação de Análise de Conteúdo:  
CATEGORIAS INICIAIS para FRAQUEZAS

Distância dos Lares	Pouca Interação	Reuniões dentro do Protocolar
Compromisso c/ Ritualística	Organização dos Adornos/Materiais	Integração c/Cunhadas/Familiares
Traje Inadequado	Pouco Tempo	Baixa Frequência
Atraso	Ruídos do Passado	Falta de relacionamento <del>extra-Loja</del>
Longo Tempo	Posturas e Decisões	Indicação de Candidatos
Ausência	Destino da Loja	Reuniões dentro do Protocolar
X	Sucessão	Missão ou Propósito comum

Aplicação de Análise de Conteúdo:  
CATEGORIAS INICIAIS para OPORTUNIDADES

Reuniões Familiares	Ações Benéficas	Eventos Coletivos
Palestras online com outras Lojas	Conectividade c/ Público através de Redes Sociais	Exposição de Trabalhos em outras Lojas
Grupos de Trabalhos Benemerência	Divulgar a Profissão dos Irm e promover seus trabalhos	Criar um Site p/ Documentos da Loja
Utilizar Reuniões Virtuais p/ assuntos administrativos	Contratar Serviços de Irmãos	x

Aplicação de Análise de Conteúdo:  
CATEGORIAS INICIAIS para AMEAÇAS

Falta da participação de alguns Irm virtualmente	Desmotivação dos Irm do Grupo de Risco	Fragilidade na segurança de reuniões virtuais
Vaidade nos leva à queda	Inadimplência	As próprias reuniões virtuais
Indicação de Profanos que não condizem	Falta de interesse de Bons Profanos pela Ordem	Influência externa das Discórdias/ciúmes/ego/vaidade
Disputas GOB	Dificuldade Financeira	Saída e Adormecimento

#### 4.2.2. Definição das Categorias Intermediárias

<b>Categorias Interm.: Forças+Oportunidades</b>	<b>Categorias Interm.: Fraquezas+Ameaças</b>
Convívio entre Irmãos	Lidar com as situações da Pandemia
Participação em Eventos Maçônicos Externos	Melhor seleção de Profanos
Acolhimento Esposas e Filhos	Problemas do GOB
Benemerência	Lidar com situações de baixa receita
Divulgação	Problemas do Passado influenciam presente
Habilidades para Socialização Conhecimento	Divulgação Assuntos Loja
Dedicação para Contatos Profissionais	Falta de Critérios para reuniões virtuais
União para Projetos da Loja	Integração com as Famílias
Ações de Diversidade na Loja	Baixa frequência nas reuniões virtuais
X	Ausência de Direção ao Futuro da Loja

#### 4.2.3. Análise de Conteúdo: Categorias Finais

Integração	Covid	Pessoal	Financeiro	Divulgação	Pass. Pres.
Desenv. Neg.	Vaidade	Beneficência	Planej. Estrat.	Socializ. Conhec.	Participação

### 4.3. Aplicação de Matriz Gravidade Urgência e Tendência (Matriz GUT)

O uso do Método GUT foi utilizado como mecanismo de auxílio na análise e hierarquização para ações de mitigação de problemas. A abordagem teórica, identificação das variáveis e método de aplicação da ferramenta para a construção de uma tabela de prioridades podem ser encontrados em De Fávori e Da Silva (2016).

**Tabela 1:** Priorização das Categorias de Análise Finais através da Ferramenta GUT.

Categorias	Gravid.	Urgênc.	Tend.	Result.
Financeiro	5	5	5	41,7
Integração	4	4	5	33,3
Beneficência	5	4	4	26,7
Covid	5	4	4	26,7
Planej. Estrat.	4	5	4	21,3
Participação	4	4	4	16,0
Desenv. Negócios	3	3	3	9,0
Divulgação	4	3	2	8,0
Socializ. Conhec.	4	2	3	8,0
Vaidade	4	1	3	4,0

Fonte: elaborado pelos autores

### 4.4. Aplicação de Matriz 5W2H como Plano de Ação: Categorias Finais

Finalizando-se a fase de diagnóstico, são elencadas ações desenvolvidas a partir de uma Matriz 5W2H, que cujo método de aplicação seguiu Kuhlkamp (2018) e Bauman (2019), acompanhadas de objetivos simples no padrão SMART. É importante colocar que esta pesquisa não tem o objetivo de ações propostas sejam as únicas a serem consideradas. Por outro lado, é necessário que uma organização esteja sempre disposta a entender o que se passa dentro e fora dela e se ajustar em uma nova trajetória se quer sobreviver ao longo do tempo. Assim, um diagnóstico acompanhado de um plano de ação não deve "ditar regras, mas mostrar a realidade e a necessidade de mudanças" (SOUZA, 2020, p.8). Este Plano de Ação é colocado de modo individual para as categorias finais, a seguir:

#### 4.4.1 Categoria Final: "Financeiro"

Uma Loja Maçônica sendo uma Instituição do Ter-

ceiro Setor é uma organização sem fins lucrativos e, por conseguinte, não pode, legalmente, fazer a geração de recursos através de atividades comerciais e, por isso, fica limitada a certos procedimentos que dependem de contribuições e doações. Galdeano (2013, p.133) estabelece que "o aspecto financeiro é uma das maiores dificuldades" na gestão de uma Loja Maçônica, pois a falta de recursos pode inibir o funcionamento e mesmo impedir o seu funcionamento. Neste sentido, em contra-ponto, a Loja Maçônica objeto de estudo, possui um pensamento e ações são voltados a uma gestão financeira ainda muito provinciana, trazendo dificuldades financeiras, que ainda é agravada pela crise econômica gerada pela pandemia que existe atualmente.

Possui a sua existência para o exercício de seu fim filantrópico, tradicionalmente, condicionada à entrada de doações arrecadadas ou valores cobrados dos seus membros ou novos entrantes para arcar com seus custos internos, projetos assistenciais e pagamento de taxas às Instituições Estaduais e Federais a que pertencem. De um modo geral, este pagamento de taxas às instituições maçônicas estaduais e federais já vem sendo questionada pelas Lojas Maçônicas (GALDEANO, 2013), que acabam por sustentar uma estrutura muito grande, com também custos elevados, que, se racionalizados, podem desafogar as Lojas Maçônicas de taxas mandatórias e, como, por exemplo, assumir a responsabilidade pelo pagamento das contribuições dos membros inadimplentes.

Neste sentido, a mudança de mentalidade de seus membros para inovar em relação à geração e captação de receitas a partir de projetos inovadores, como o crowdfunding, por exemplo, e de benchmarking com outras instituições, além de implantar controles financeiros "representa um avanço conceitual" (DARRADDA, 2018, p.17) e gerando e controlando recursos para torna-se, "portanto, independente financeiramente" (Ismail, 2016, p.10) e prover uma vida mais sortida em termos de colaboração para com a sociedade. Kuhlkamp (2018) avança neste assunto, apresentando possíveis caminhos para uma Instituição do Terceiro Setor captar recursos financeiros junto à sociedade e Souza (2020, p.23), realça a necessidade de "preparar as futuras administrações com cursos e treinamentos" na área financeira e fiscal para a continuidade da boa gestão de recursos de uma Loja Maçônica.

#### 4.4.2. Categoria Final “Integração”

A necessidade da integração da família do membro na dinâmica de uma organização do terceiro setor, como uma Loja Maçônica, toma uma importância muito grande diante da situação peculiar de que as Lojas Maçônicas regulares não possuem autorização para o ingresso de mulheres e menores de idade entre seus membros.

As esposas (ou cônjuges), ao mesmo tempo em que podem ser determinantes para o ingresso (ou não) do esposo na Loja Maçônica, já que são consultadas no seu processo de entrada, podem, também, ser determinantes para a sua saída, pois os motivos familiares são uma das maiores razões do pedido de desligamento de uma Loja Maçônica, pois existiria a “cobrança por parte da esposa e filhos ou insatisfação quanto ao comparecimento às reuniões e atividades da ordem” (ISMAIL; DE MORAIS, 2017, p. 107)

Por outro lado, já existem entidades ligadas à Maçonaria ou Para-Maçônicas, com projetos sociais em vigor, que supririam esta carência, contribuindo para a representatividade de familiares de membros de uma Loja Maçônica em projetos sociais, eventos, comemorações e outras atividades relevantes ligadas a órgãos públicos, privados e do próprio terceiro setor. Elas possuem o condão “em ampliar, incrementar ou criar relações com amigos, familiares ou pessoas da comunidade” (ISMAEL; DE MORAIS, 2017, p.103) e, de certo modo, pode minimizar um futuro conflito de gerações, caso os filhos destes maçons ingressem na Loja Maçônica, já que a dinâmica de trabalho é conhecida. Como contraponto, estas entidades ainda parecem ter suas atividades desconhecidas na Loja Maçônica objeto de estudo e, muito provavelmente, ocorrendo a mesma situação em diversas Lojas Maçônicas Brasileiras, o que justificaria um trabalho coordenado de divulgação.

#### 4.4.3. Categoria Final “Beneficência”

Daradda (2018, p.19), baseado em Literatura, entende que uma organização do terceiro setor tem o escopo de “provocar mudanças no indivíduo e na sociedade”. Assim, é necessário que haja uma atuação social também entre os seus próprios membros, já que estes devem estar em condições para poderem executar as atividades pertinentes no meio externo e meio interno. É necessário que a organização também cuide de seus membros, desenvolvendo um ar-

cabouço de condições específicas que a própria condição profissional do membro ou de sua esposa, já que é comum que sejam encontrados como membros e familiares, engenheiros, médicos, advogados, empresários e outros profissionais que podem e devem dar apoio entre si em processos assistenciais entre si e, podendo exportar este tipo de cuidado para a sociedade de um modo geral, incluindo parcerias entre a Loja Maçônica com outras Organizações do Terceiro Setor. Promover “a participação de grupos familiares envolvidos nestas atividades é um importante elemento medular” (FERNANDES, et al, 2017, p.175) na construção o sucesso de uma Organização do Terceiro Setor.

#### 4.4.4. Categoria Final “COVID”

É necessário um total cuidado com esta nova situação, pois trouxe um impacto muito grande para a Loja Maçônica objeto de estudo, que teve as suas reuniões presenciais suspensas por um grande momento, implementando as reuniões administrativas virtuais. A incerteza é por demais elevada e, deste modo, a Loja Maçônica deve estar preparada para se adequar aos protocolos de saúde vigentes quando da realização de suas sessões presenciais e se tornar flexível para a ausências ou mesmo perda de membros que se sintam desconfortáveis com reuniões presenciais.

#### 4.4.5 Categoria Final “Planejamento Estratégico”

Ao que parece, a Loja Maçônica não possui uma trajetória planejada, o que dificulta a sua gestão em todos os sentidos, ou seja, é dito livremente que “para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve” (Autor Desconhecido) e as consequências pertinentes chegam ao longo do tempo.

Neste cenário, autores como Galdeano (2013), Rodrigues (2013), Ismail e Moraes (2013), Ismail (2013 e 2016), Moraes (2019), Santos Silva (2017), Bauman (2019) e Souza (2020) já apresentam trabalhos que propõem a implantação do Planejamento Estratégico, corroborado por uma estratégia definida e implementada, como de vital importância para o sucesso de uma Loja Maçônica e o progresso de seus próprios membros. Corroborando esta ótica, Daradda (2019, p.5) estabelece que “a avaliação da implementação da estratégia contribui ao desempenho das organizações do terceiro setor”, já que o planejamento estra-

tégico é “um eficaz instrumento de gestão para todo Venerável Mestre, cujo principal objetivo é ajustar instantaneamente a Loja Maçônica ao momento e ambiente onde tem suas atividades” (Bauman, 2019, p.49).

Para a determinação da estratégia, a tríade de uma Missão, de uma Visão e determinação de Valores deve ser definida pela Loja Maçônica. Em resumo, podem ser traduzidas como: “missão é a razão de existir da organização; visão é onde ela quer chegar; e valores são os princípios que seus membros se comprometem a seguir para cumprir a missão e alcançar a visão da organização”. (Ismail, 2016, p.9). Em relação a metodologias para a sua implementação e definição da estratégia, estas podem ser encontradas de modo específico em Kuhlkamp (2018), Daradda (2019) e Bauman (2019), por exemplo.

Destaque-se também a necessidade de maior permeabilidade da Loja Maçônica em manter relacionamentos estratégicos com entidades do poder público e outras instituições do terceiro setor para a apresentação e discussão de “temas importantes para todos, deverá ser uma constante para podermos passar as nossas ideias e as nossas preocupações”, (AZEVEDO, 2019, p. 3).

#### 4.4.6 Categoria Final “Participação”

Sendo as atividades desenvolvidas na Loja Maçônica à base do voluntariado, estar motivado para isto é algo determinante, com o que De Moraes e Ismail (2017, p.104) corroboram ao estabelecerem que “a motivação é essencial e indispensável no trabalho com voluntários”. Já que não existe um pagamento pecuniário pela atividade do voluntariado, o se deseja de recompensa é a satisfação interna por um ideal próprio atingido através do tempo disponibilizado em função de outrem e não a venda de seu tempo para a realização de um trabalho qualquer.

A motivação é algo intrínseco e pessoal, que se manifesta através dos pontos fortes ou fracos do membro da Loja Maçônica, baseado em sua situação temporal, ou seja, de como interpreta os estímulos que recebe no momento de condição atual de vida. Deste modo, devem ser criados estímulos pela Loja Maçônica para que a participação de membros se torne efetivas, tanto em reuniões presenciais ou virtuais. Estas devem ter um formato mais dinâmico, gerenciando o conflito entre a tradição e a modernidade (SOUZA, 2020) e tendo a necessidade de criar barreiras

que inibam ou dificultem a presença de maçons não regulares ou mesmo alguém não pertencente à Ordem Maçônica.

Destaque-se, também, que há a necessidade de que novos entrantes sejam recebidos pela Loja Maçônica para o rejuvenescimento e a oxigenação de seu quadro, o que “é um problema que deve ser encarado de modo muito sério”. (AZEVEDO, 2019, p.2) e tomado como uma necessidade de estratégica para a sobrevivência ao longo do tempo da Loja Maçônica. Contudo, esta preocupação de aumento do quadro de obreiros não se traduziria em melhor qualidade de seus membros, conforme De Moraes (2019, p.15), que alerta que “não há dados ou evidências científicas que atestem a relação entre quantidade e qualidade de maçons”.

Uma Loja Maçônica é regida pelos regulamentos maçônicos, tendo entre os principais, o seu Regimento Interno, um Regulamento Geral e uma Constituição. Em conjunto, pretendem estabelecer um sentido de organização, disciplina, aperfeiçoamento e relacionamento entre seus membros com o mundo maçônico e o mundo não maçônico, ou, denominado profano. Neste sentido, existe a necessidade de que as regras estabelecidas sejam seguidas de modo equânime e democrático por todos os seus membros em ambiente de fraternidade, o que converge para uma construção organizacional tida como uma característica especial própria que “é, sem dúvida, uma das causas do desenvolvimento da Maçonaria durante três séculos” (AZEVEDO, 2019, p.8).

#### 4.4.7 Categoria Final “Desenvolvimento de Negócios”

Uma Loja Maçônica tem em sua constituição sólidos valores morais e éticos como base de um relacionamento sob uma base de fraternidade entre seus membros, que são insumos básicos para um possível relacionamento comercial baseado na integridade e confiança em negócios. O sentido de criação de uma célula ou mesmo eventos de negócios, utilizando a tecnologia como vetor de disseminação, atenderia perfeitamente esta oportunidade, que podem gerar benefícios entre seus membros e a própria Loja Maçônica, desde a troca, venda e compra de produtos, geração de parcerias ou mesmo apoio direto de ou para outras entidades de terceiro setor.

Destaque-se que não se trata de um grupo fecha-

do de cunho exclusivista ou mesmo sectário, pelo contrário, desenvolve a abordagem de um networking profissional, atendendo o conceito de desenvolvimento de uma Central de Negócios, defendido por Daradda (2017, p.68) que entende ser “um ponto fraco em uma organização de terceiro setor”, que se bem desenvolvida, pode se tornar um ponto forte da organização. Estas ações robustecem o propósito de uma instituição do terceiro setor de ser uma organização filantrópica com oportunidade de desembolsos sustentáveis em prol da melhoria da sociedade através de maior quantidade de recursos por doação interna, captações ou projetos desenvolvidos.

#### 4.4.8 Categoria Final “Divulgação”

Novamente, identifica-se na tecnologia como sendo um vetor de divulgação das atividades da Loja Maçônica para a sociedade. Neste sentido, os resultados internos devem também ter o mesmo destaque entre os seus membros, com a divulgação e implementação de controles ou métricas podem ajudar neste sentido. Isto se traduz no claro recado que é transparente e demonstra o que se propôs fazer e o que de fato realizou, com transparência na gestão de recursos financeiros e do próprio direcionamento estratégico como uma instituição do terceiro setor.

Por outro lado, não se trata de propor uma divulgação para fazer novos seguidores ou meramente buscar holofotes e, sim, inspirar pessoas que se identifiquem com a causa de uma instituição ética, com o suporte da transparência de resultados e da integridade de suas ações mandatórias atualmente. Essa divulgação reforçam a percepção dos seus membros e da sociedade para a construção de uma “imagem pública através do apoio de iniciativas solidárias, directa e indirectamente, junto da sociedade profana”. (AZEVEDO, 2019, p.3).

#### 4.4.9 Categoria Final “Socialização de Conhecimentos”

Um dos pilares de uma Loja Maçônica é o aprimoramento intelectual de seus membros e dos novos maçons que adentram a organização, através da socialização de conhecimentos e do auto-desenvolvimento. Neste sentido, a aproximação com as denominadas Lojas Universitárias, Academias Maçônicas ou mesmo outras Instituições do Terceiro Setor pode ser vista com uma ótima oportunidade de

geração de conhecimento e desenvolvimento organizacional. Galdeano (2013, p.133) corrobora com esta proposta ao estabelecer que um incentivo coordenado nas Lojas Maçônicas “para que haja uma difusão cada vez maior deste tipo de Loja” seja estimulado. Outra necessidade identificada é a criação de propagadores de conhecimento em seus próprios membros, que possuam a capacidade de socializar o saber para dentro do ambiente da Loja Maçônica e, até mesmo, para seu ambiente exterior. Mais uma vez, a aproximação com outras Lojas ou mesmo Instituições não Maçônicas ajudarão neste sentido de gerar os estímulos necessários.

#### 4.4.10 Categoria Final “Vaidade”

Apesar de que seria ingenuidade, ou mesmo utopia, supor que uma Loja Maçônica seja composta por somente por pessoas totalmente sem defeitos ou que não cometessem erros, já que é um micro-extrato da sociedade e “qualquer grupo social tem o seu lado sombrio” (MEDEIROS; TOMASI, 2015, p.36). Esta situação é vista com bastante pesar por muitos dos seus membros, o que de certo modo se torna uma postura crítica exagerada, principalmente para um recém-admitido, que toma estes problemas da Loja Maçônica, como um contra-ponto ao que se prega como valores da Instituição, como fraternidade, maximizar as virtudes e não dar espaços para as imperfeições prosperarem. O que se veria, na prática, é diferente, com indicação de que a Maçonaria estaria perdendo o foco (ISMAIL, 2013), “encontrando dificuldades para interpretar e entender, tanto a Instituição e seus propósitos, quanto a sua doutrina e seus desafios” (RODRIGUES, 2013, p.106) e priorizando conviver com problemas não resolvidos que estariam levando uma Loja Maçônica a ter sérios problemas de permanência de seus membros (DE SOUZA, 2020). Este tipo de trade-off gerado por conflitos que se apresenta como a principal causa da evasão maçônica no ano de 2019 (DE MORAIS, 2019).

## 5. Conclusão

Esta pesquisa teve como pergunta de pesquisa “Como realizar um diagnóstico situacional de um Loja Maçônica?” e o seu objetivo principal utilizar ferramentas gerenciais da área da área de conhecimento Administração de Empresas e como objetivo secundário gerar um Plano de Ação para melhorias tendo

como referência as categorias identificadas.

A proposta utilitarista deste artigo mostra que a implantação seu planejamento estratégico, com a aderência a ferramentas específicas, faria descortinar uma nova oportunidade para que os seus membros possam fazer progressos, desenvolvendo motivação interna através de estímulos pela Loja Maçônica. Assim, seus membros podem desenvolver trabalho voluntário qualitativo e quantitativo, fazendo progressos no âmbito familiar, pessoal, relacional, financeiro, administrativo e cultural de seus membros e da sociedade. Isto, de certo, fará a organização assumir o seu papel de agente modificar da realidade, como organização do terceiro setor que se constitui, seguindo uma trajetória de realizações no campo social utilizando as ferramentas e métodos que as boas práticas de gestão mostram ou recomendam.

Sem buscar uma posição hermética ou mesmo uma verdade fundamentalista, pode-se dizer que a Loja Maçônica não soube se proteger dos ventos de uma mentalidade reinante nos últimos vinte anos, que desconstruiu de modo bastante pungente os quadros que prezavam pela disciplina e organização, pois estes atributos eram tomados como atitudes de abuso de força ou mesmo como resquício ditatorial. Deste modo, com a pureza de raciocínio, uma Loja Maçônica que, por força de um Planejamento Estratégico deve, e tem que, ser disciplinada e organizada, urge desenvolver esforços em sintonia com a evolução da sociedade, mas o que se depreende que ainda são pouco coordenados pelas suas lideranças.

Sob esta ótica, apresenta um momento ímpar para o seu progresso e realização de suas práticas, pois a tecnologia está a seu favor para a aquisição e implementação de novos conhecimentos e práticas para uma gestão efetiva como organização do terceiro setor, fazendo o amalgamento com a tradição e modernidade para exercer a sua finalidade social como membro do terceiro setor no cenário atual, com as restrições impostas pela pandemia do COVID. E ao mesmo tempo, se robustecer para lidar com a sua continuidade frente aos desafios que se avizinham com a presença ou não do COVID.

## 6. Referências

AZEVEDO, A. *Comunicação à 48ª Assembleia da Confederação da Maçonaria Simbólica Brasileira - Grão Mestre Grande Loja Legal de Portugal/Grande Loja Regular de Portugal*. Brasília, Jul. 2019.

BAUMANN, S. Planejamento Estratégico na Maçonaria, *C&M*, Brasília, Vol. 6, n.1, p. 47-55, jan/jun, 2019.

DARRADDA, L. F. R. Mensuração do Desempenho Estratégico no Terceiro Setor: O Caso Amic. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel (PR). 2018. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3667/5/Lidiane%20Fernanda%20Rocha%20Daradda.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2020.

De FÁVERI, R. e DA SILVA, A. Método GUT Aplicado à Gestão de Risco de Desastres: Uma Ferramenta De Auxílio Para Hierarquização de Riscos. *Revista Ordem Pública* v. 9, n. 1, jan./jun. 2016 Disponível em < <http://www.acors.org.br/rop.emnuvens.com.br/rop>>. Acesso em 24 out. 2020

DE SOUZA, A. B. *Maçonaria Executiva*. Apresentação em PPT [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <joseantonio.maciell@uol.com.br> em 31 out. 2020.

DE SOUZA, L. P.; BONELLA, R.A.; RANGEL, T; MENEGUSSI, R. C. Estratégia na Prática da Visão ao Projeto. Científica CET-FAESA: *Rev. da Faculdade de Tecnologia FAESA*. Vitória, Ano 6, nº 7, p. 45-52, Jan. / Jun 2015.

FERNANDES, R. D.; RAMALHO, A. M. C.; ALVES, A. C. Empreendimento de Economia Solidária e Análise SWOT: Perspectivas e Desafios. *Qualitas Revista Eletrônica*, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 172-202, oct, 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.18391/req.v18i2.3722>.

GALDEANO, L. F. As Lojas Universitárias e a Modernização da Maçonaria: Um Estudo no GOB na Primeira Década do Século XXI. *C&M*, Brasília, Vol. 1, n.2, p. 125-136, jul/dez 2013.

GLMMG - Grande Loja Maçônica do Estado de Minas Gerais. Evasão Maçônica Análise da situação da Grande Loja Maçônica de Minas Gerais Belo Horizonte – MG Maio de 2018. Disponível em: <http://www.cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/article/download/87/45>. Acesso em 20 out. 2020.

ISMAIL, K. Por que a Maçonaria Brasileira está perdida: uma análise comparativa da influência dos diferentes lemas sobre as atividades maçônicas. *C&M*, Brasília, Vol. 1, n.1, p. 29-50, Jan/Jun.2013.

ISMAIL, K. Introdução à Maçonaria. Apostila do Centro de Treinamento *No Esquadro*. 2016 Disponível em: <<https://www.noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2016/12/APOSTILA-INTROD-A-MA%C3%87ONARIA-ENE.pdf>>. Acesso em 20 out. 2020.

ISMAIL, Kenyo. *O Livro do Venerável Mestre*. Londrina: Editora Maçônica. 2018

ISMAIL, K. e PINTO JR, R. F. GLMERS - *Relatório de Pesquisa: CMI – Maçonaria no Século XXI*. 2019. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2018/04/RELAT%C3%93RIO-CMI.pdf>. Acesso em

20 out. 2020.

KÜHLKAMP, C. Planejamento Estratégico: uma aplicação no Terceiro Setor. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Universidade Federal da Fronteira Sul - Chapecó (SC) 2018. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2754> 17oct20> Acesso em 20 out. 2020

MEDEIROS, João Bosco; TOMASI, Carolina. *Redação de Artigos Científicos: Métodos de Realização, Seleção de Periódicos e Publicação*. São Paulo: Ed. Atlas 2015 301p.

MONTEIRO, R. C.; ISMAIL, K. Ensino Maçônico à Distância: Evolução e Desafios. *C&M*, Brasília, Vol. 6, n.1, p. 65-70, jan/jun 2019.

RODRIGUES, R. A Missão Permanente da Maçonaria: Um Sacerdócio Maçônico. *C&M*, Brasília, Vol. 2, n.2, p. 105-119, jul/dez 2014.

SILVA, A. H.& FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica* vol.17. No 1. Brasília-DF, 2013.



## **A MAÇONARIA OPERATIVA E O SEU TRABALHO: O simbolismo nas catedrais góticas**

(OPERATIVE FREEMASONRY AND ITS WORK: Symbolism in Gothic Cathedrals)

Adriano Viégas Medeiros <sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho apresenta a atuação dos maçons operativos, os artífices da cantaria e a colocação em prática de todo o estudo matemático e filosófico para o desenvolvimento do pedreiro livre que atuava nas guildas, também destaca o simbolismo praticado nas construções dos grandes templos, desde os fundamentos até o acabamento das obras e que ficou de herança para observação depois da construção das catedrais góticas que são um exemplo de trabalho dos construtores da chamada baixa Idade Média na França do século XII.

**Palavras-chaves:** maçons; pedreiros; catedrais góticas.

### **Abstract**

This work presents the performance of the operative Freemasons, the artisans of stonework and the putting into practice of all the mathematical and philosophical study for the development of the free mason who worked in the guilds, also highlights the symbolism practiced in the construction of the great temples, from the foundations until the finishing of the works and that was left of inheritance for observation after the construction of the gothic cathedrals that are an example of work of the builders of the call low Middle Ages in France of 12th century.

**Keywords:** freemasons, masons, gothic cathedrals.

<sup>1</sup> Graduação em História pela PUC-RS (2006); Especialização em Metodologia do Ensino de História e Geografia pela EADCON (2009). Professor de História. E-mail: [adrianoviegasmedeiros@hotmail.com](mailto:adrianoviegasmedeiros@hotmail.com)

## 1. O simbolismo: uma breve introdução

Os maçons operativos ao iniciarem suas atividades na construção das catedrais não fizeram somente um grande trabalho de engenharia e arquitetura, se trata na verdade de um simbolismo mais profundo onde as principais leis da natureza são empregadas, tais obras são ricas em elementos e os maçons operativos tiveram que estudar e dominar várias técnicas para chegar aos altos graus de requinte para construir estes espaços.

Desde a Grécia antiga estudiosos já se dedicavam ao reconhecimento de elementos fundamentais, tudo fala pela inspiração do universo segundo os grandes filósofos, e os ritos matemáticos, proporções, estruturas são princípios da natureza e a evolução humana tratava de seguir as chamadas leis naturais que eles iam aos poucos aprendendo, deste modo o ser humano foi adquirindo conhecimento, simbolismos e tradições desde os tempos mais antigos.

Deus geometriza constantemente destacava Plutarco e ainda para Platão Deus é o grande geômetra, geometriza sem cessar, por toda a parte existe Geometria segundo Lawlor (1994, p. 16), então devemos observar como as tradições antigas chegam pelas escolas de conhecimento empírico até as guildas dos pedreiros livres e deste ponto em diante eles ao mesmo tempo que elevam templos físicos para a religião estão estudando e evoluindo em seu templo interior.

A arquitetura Gótica também merece um destaque especial neste estudo, mais precisamente a sua história de formação, afinal de onde é advinda e como ganhou suas características fundamentais, qual a sua filosofia relacionada com as proporções matemáticas, se o grande pintor e arquiteto italiano Giorgio Vasari declarava que a palavra "gótico" é em referência aos godos, povo bárbaro germano, podemos observar que existe uma ligação com a construção árabe, relações de contato dos cruzados e troca de informações entre os pedreiros e outros grupos que iniciam suas atividades principalmente na França.

Também ao longo do texto será identificado a formação de um simbolismo na construção das catedrais francesas, associando estudos do cristianismo, obviamente a conotação teológica que deveria ser usada para fortalecer a fé e que durante o período românico não era tão vista, pelo menos em sua arquitetura, também a alquimia, alguns elementos de transmutação, o maçom operativo aplica técnicas de construção, arquitetura e ocupação do espaço em

uma clara alusão ao antigo sistema de estudo dos alquimistas, obviamente que se tratando de uma relação dos antigos estudos feitos durante a alta Idade Média, e a astronomia também pode ser encontrada, os alinhamentos, formação de planos e linhas com as antigas orientações de estudo, tudo isto faz parte de uma nova observação de inquirição para os maçons operativos que estão elevando prédios e ao mesmo tempo seus conhecimentos para um novo patamar.

Ao final deste trabalho a ideia é elencar a formação de uma arquitetura sagrada, idealizada pelos maçons operativos, ligando o celestial e o territorial, dando origem aos simbolismos de uma geometria que pode filosoficamente nos elevar e evidenciar a ação humana, é quando o homem chega mais perto de Deus, quando ele tenta criar uma harmonia e assim erigir suas ações, estudando, observando, destacando em segredo as filosofias que ele acredita ter interpretado na natureza e tenta colocar em prática, assim segue seu caminho em busca das virtudes teológicas na edificação da razão humana.

## 2. Formação do gótico

Na história da Europa as catedrais são muito importantes, pois nelas podemos ver a transformação da identidade cultural, social, religiosa e a mentalidade do povo que foi se estruturando de acordo com as necessidades que foram surgindo, inicialmente as igrejas de estilo românicas não tinham o requinte arquitetônico, o motivo era simples, a sua construção era mais para fortificação e defesa dos religiosos e não para destacar a beleza e a arquitetura do espaço sagrado para a religião e ocupação territorial elevando o espaço para o uso diante de Deus.

A alta Idade Média ainda guardava nas construções religiosas uma clara alusão ao estilo românico e mesmo com a formação do feudalismo e o desenvolvimento da igreja cristã como maior doutrina na Europa, o estilo era de fortificação, não existia uma necessidade de ornamentar os templos, uma clara herança do período romano, a forma de vida era mais simples e ruralizada então era importante manter tudo em uma constante vigilância com paredes fortes e sob grande proteção, clausura e vida interna, recolhidos em oração ou trabalho para suas ordens monásticas.

Os templos religiosos apresentavam como característica de construção poucas aberturas, paredes sólidas, grossas, baixas, um templo muito horizontal

com uma idealização introspectiva, levando os sacerdotes ao recolhimento, usando como base o arco pleno romano em sua entrada principal, sempre associados aos feudos e tentando se proteger dos saques contra igrejas onde se colocavam relíquias e obras de maior valor econômico.

Até o ano de 311 d.C. As igrejas eram salas de reuniões insignificantes, mas a igreja passou a ser o supremo do poder do reino, os lugares de culto não podiam adotar os modelos antigos. As igrejas não usaram o templo pagão, mas adotou o tipo amplo de salão de reuniões que nos tempos clássicos eram concebidos por Basílica "pórtico real" antes mercado e recinto para audiências públicas de tribunal (GOMBRICH, 1993, p. 94).

Os historiadores não trabalham com uma data de origem de formação do estilo gótico, mas de forma geral, com um período e com um local, acabaram determinando a baixa Idade Média e a França como a referência para a formação deste estilo, entre os séculos XII e XIV se desenvolve principalmente na região setentrional da França, sendo chamada de "opus francigenum", ou "obra francesa" por muito tempo.

Segundo alguns autores, a origem da palavra gótico está associada aos godos ou aos povos bárbaros do Norte, não se sabe ao certo, sendo escolhida pelos italianos do Renascimento a fim de descrever essas construções de proporções descomuns que, em sua opinião, estavam um pouco fora dos critérios bem proporcionados da arquitetura (LYRA, 2008, p. 43).

Uma das questões que deve ser ressaltada é justamente a retomada das cidades e o avanço do comércio, com isto as corporações de ofício ou guildas se tornam importantes para a estruturação dos trabalhos nas cidades que voltam a se desenvolver, neste momento podemos observar o fortalecimento da ação dos maçons a guilda dos pedreiros livres com eles o desenvolvimento de uma grande formação de construções e o gótico está ligado ao processo de transformação da mentalidade.

A igreja foi a responsável por evidenciar este processo de crescimento da cidade, usa a territorialidade

para designar o poder da fé e colocar Deus o Grande Arquiteto como o centro deste espaço que estava surgindo novamente, uma observação feita é que as ordens militares já tinham contato com povos do oriente e com isto muito da engenharia e da arquitetura árabe já era dominado por grupos europeus que tinham se formado principalmente na França, isto é um indício claro que pela ação dos cruzados e dos templários a arte gótica chega até os pedreiros de ofício e eles podem assim aplicar os estudos filosóficos e estruturais para seus trabalhos de elevação das catedrais.

Em meados do século XII, o prestígio dos grandes mosteiros era incontestável. Os religiosos e intelectuais mais influentes eram monges, como abade beneditino Surger e o organizador da Ordem Cisterciense, São Bernardo de Clairvaux. Os empreendimentos artísticos eram totalmente dominados e controlados pelos principais hierarcas monásticos, e era nos mosteiros que se encontravam as melhores oportunidades de trabalho (WILLIAMSON, 1998, Introdução).

O Abade Suger de Saint-Denis foi um grande diplomata, também foi o regente da segunda cruzada e é considerado o grande organizador da arquitetura gótica na França, já que graças ao seu trabalho na Basílica de Saint-Denis a arquitetura se espalhou pela Europa, segundo consta as três portas características das entradas das igrejas são uma inspiração do arco de Constantino em Roma e a ideia era permitir o movimento maior de pessoas nos pórticos de entrada e usar as paredes como espaço de demonstração das figuras de destaque do catolicismo como santos e religiosos em geral.

Assim, os ensinamentos da igreja acerca do objetivo final de nossa vida terrena foram consubstanciados nessas esculturas do pórtico de uma igreja. Essas imagens perduraram no espírito das pessoas ainda mais poderosamente do que as palavras do sermão do pregador (GOMBRICH, 1993, p. 134).

São Bernardo de Clairvaux o idealizador das regras dos Templários ajudou na elaboração de gran-

des conceitos religiosos, também conviveu com o Abade Suger no Oriente durante a segunda cruzada e aproveitaram para aprofundar seus estudos em matemática e outros temas, mas também em vários outros estudos artísticos para ser aplicados nos mosteiros do ocidente, uma evidência forte que a arte gótica da construção pode ter sido organizada desta mescla de saberes entre oriente e ocidente, mas seja como for, devemos observar que neste período a formação do gótico deu um salto e principalmente na França ela ganha um destaque formidável, para depois se espalhar pela Itália, Alemanha e outros países onde inclusive templários e as guildas dos pedreiros foram progredindo em seu ofício.

A nova concepção e estudo de construção usa a verticalização, vitrais, espaços amplos, tudo isto pedia uma grande quantidade de trabalhadores especializados e novas técnicas de produção, são iniciados então novos processos que vão ser os ícones ou as grandes referências do gótico, as construções são verticais, altas e com duas torres ornamentadas e uma agulha central que delimita o ponto zero de início da construção da catedral, indicando assim a busca pelo celestial, nestas catedrais fazem o uso de grandes vitrais e rosáceas com muita luz interna, arco ogival e arcobotante, tudo composto de uma nave central com espaço lateral e abóbadas, contraforte e gárgulas nas fachadas.

Nas catedrais góticas não eram usados simples arcos, mas sim a criação de um novo tipo de arco, que ficou conhecido como o arco ogival. Esse novo estilo de arco consiste em ser a união de dois segmentos de arco, pois assim poderia fazer um arco mais profundo no vão existente entre dois pilares (GOZZOLI, 1986, p. 50).

Junto de toda estrutura de engenharia também empregaram um estilo de vitrais e rosáceas que marcaram profundamente o recurso gótico, mas um aspecto que chama muita atenção é o elemento chamado "tracery" que pode ser traduzido como um rendilhado, que na verdade é um dispositivo arquitetônico com características geométricas muito organizada e completa com vitrais, e o Abade Suger foi o responsável por iniciar o uso deste meio, tal recurso é muito parecido com os ornamentos arabescos encon-

trados nas mesquitas do Oriente Médio.

### 3. O trabalho do maçom operativo.

Qual a finalidade das construções tão bem traçadas, o que significa cada elemento da fachada das catedrais, os vitrais que inundam as igrejas de luz e cores tinham um significado mais profundo dentro de uma filosofia oculta, quais ferramentas foram empregadas, como estes trabalhadores livres iniciaram obras tão belas, difíceis e de longa duração e mantiveram a exatidão dos trabalhos para a sagração de um templo com requintes fortes e uma engenharia tão complexa, ao longo deste trecho vamos observar tudo isto e aprofundar a visão do maçom operativo, como este homem se fortalecia ao mesmo tempo em que mantinha o foco em uma construção tão imponente.

Podemos contar com o manuscrito de Villard de Honnecourt da Picardia, na França escrito no século XIII (FILHO, 2005). Honnecourt, foi um importante mestre pedreiro e ele deixou documentos registrados sobre o trabalho de construção das catedrais góticas, ainda hoje seus trabalhos são estudados por historiadores para entender como a arte da cantaria se desenvolveu na Europa, especialmente na França construção com tamanha perfeição e dotada de elementos que passam informações que mesmo aparentes, estão ocultas dos olhares profanos, cabendo o entendimento somente para aqueles iniciados na arte real, é impressionante o requinte de instruções que Villard organizou, tudo baseado na geometria, arquitetura, estereotomia,<sup>2</sup> geometria aplicada, mnemotécnica,<sup>3</sup> companheirismo e em outros elementos importantes para os maçons operativos da época das grandes construções na França durante a baixa Idade Média em torno já do século XIII onde as grandes catedrais se proliferaram por toda a Europa.

Fica evidente que o estudo para a confecção das obras é de grande qualidade e a intenção é de elevação da mentalidade dos iniciados nestas guildas, eles estão praticando na verdade uma retomada de orientações da geometria que era uma tradição da antiguidade clássica, com isto tentam fazer uma ligação do céu com a terra ao buscar a harmonia com as leis da natureza, tentando aplicar sempre uma linguagem simbólica em suas construções, nada é feito por acaso existe ali uma transmutação humana, em uma alu-

<sup>2</sup> Técnica de dividir científica e regularmente materiais de construção (pedras, madeiras, cantarias).

<sup>3</sup> Arte de desenvolver a memória por meio de exercícios apropriados ou métodos específicos; mnemônica.

são aos estudos da alquimia para a busca de uma perfeição que pode ser inserida na arquitetura para os desígnios de Deus o Grande Arquiteto, mas para sua evolução, onde a própria igreja em suas diferentes ordens propõe o estudo para o entendimento do mundo.

E foi com o compasso que o próprio Deus veio a ser representado na arte e literatura gótica, na qualidade do Criador que compôs o universo segundo as leis geométricas. É apenas observar essas mesmas leis que a arquitetura se torna uma ciência no sentido agostiniano. E ao submeter-se à geometria, o arquiteto medieval sentiu que estava a imitar a obra do seu divino mestre (SIMSON, 1991, p. 50).

Existia o entendimento que os maçons operativos com seus estudos poderiam aplicar na dimensão terrestre a dimensão celestial, usando as leis da natureza, manifestando na materialidade teriam como desenvolver a geometria sagrada aquela que poderia ser observada na construção de tudo que estava disposto no universo em que vivemos, assim poderiam entender melhor suas razões e buscar sua evolução, não para contrariar, mas para dignificar o Grande Arquiteto, mostrando que o avanço da sua construção era a vontade de seu criador mantendo uma simetria, proporção e um sentido criado anteriormente para que o pedreiro pudesse seguir aprendendo.

A ciência do arquiteto é ornada de muitas disciplinas e de vários saberes, estando a sua dinâmica presente em todas as obras oriundas das restantes artes. Nasce da prática e da teoria. A prática consiste na preparação contínua e exercitada da experiência, a qual se consegue manualmente a partir da matéria, qualquer que seja a obra de estilo cuja execução se pretende. Por sua vez, a teoria é aquilo que pode demonstrar e explicar as coisas trabalhadas proporcionalmente ao engenho e à racionalidade [...] A geometria, por sua vez, proporciona à arquitetura muitos recursos. Em primeiro lugar, logo a seguir às linhas retas, ensina o uso do compasso, com o qual se efetuam muito mais facil-

mente as representações gráficas dos edifícios nos seus próprios locais, juntamente com a ajuda dos esquadros, dos níveis e dos direcionamentos de linhas. Em segundo lugar, porque, através da óptica, se orientam corretamente os vãos de iluminação nas construções, a partir de determinadas zonas da abóbada celeste. E, por último, porque, através da aritmética, se calculam as despesas dos edifícios, se define a lógica das medidas e se encontram soluções para as difíceis questões das comensurabilidades através da lógica e de métodos geométricos (VITRÚVIO, 2008, p. 63).

Deste modo o mestre construtor partia para o trabalho onde seguia algumas etapas dominadas por ele, aplicando assim conceitos de geometria plana, estudo de astronomia, alquimia e matemática aplicada, iniciava com a escolha do local e depois de organizar o espaço partia para a delimitação de um eixo vertical, seria importante colocar um mastro e com isto seria delimitado um círculo, para delimitação do espaço sagrado de construção, podemos notar aí o ponto e o círculo como um elemento importante de uso no canteiro de construção, logo depois seria o momento de usar os elementos da natureza para a marcação da obra, usando os pontos cardeais.

É importante entender que a orientação para a delimitação era feita com o uso do sol, o rito solar de característica da alquimia indica uma ação celeste para uso do terrestre, aí está a necessidade de dominar as datas de solstícios e equinócios, os dias mais longos para a delimitação da sombra no mastro, dando as indicações dos eixos da obra, no sentido Leste para Oeste desde o nascer do sol se marca o ponto *decumanus*<sup>4</sup> quando projeta a sombra no mastro até o círculo delimitado, durante o zênite na Europa o sol projeta a sombra para o Norte promovendo assim a formação do *cardus*,<sup>5</sup> indicando assim os eixos de ligação e o ponto zero da obra.

Depois de criar a orientação espaço tempo o mestre partia para a delimitação dos padrões das bases, fazendo direto no chão os riscos e depois indicando com linhas os quadrados geométricos para a colocação dos pilares da catedral, iniciando pelo quadrado celeste e depois o quadrado terrestre, isto levava a uma organização de módulos geométricos que

<sup>4</sup> Do latim, *decumanus* era uma rua ou via, orientada Leste para Oeste nas povoações romanas.

<sup>5</sup> Denota uma rua com orientação norte-sul.

seriam riscados na prancha de delinear do mestre da obra para depois colocar os pedreiros nos diferentes setores do trabalho, a orientação deste evento era constante e deveria seguir uma filosofia, era Theo tocando o Caos e gerando a ordem, designando a figura do cosmos para a contemplação do homem.

Durante todo o processo de elevação do espaço os construtores eram instruídos e assim a guilda ia se organizando e novos pedreiros eram recebidos nos locais de trabalho, uma obra deste porte demorava muitos anos para ser concluída, obviamente os que ali passavam e se destacavam eram aos poucos instruídos e ganhavam mais espaços, podendo até ensinar novos aprendizes, assim funcionava toda a estrutura do grupo de maçons operativos que se dedicava a arte da construção.

Todos os instrumentos eram feitos de madeira, nos relatos de Villard, somente os dentes da serra e nada mais, eram de metal, além disto contavam nas construções com elementos variados como alavancas, corda reboque e engrenagens para elevadores, usados para levantar materiais mais pesados dentro das obras.

#### 4. Simbolismo.

Na medida que as catedrais foram sendo erigidas os maçons operativos foram se aprofundando em estudos variados como cabala ou alquimia, então colocam elementos fortes na configuração de tais obras, não só na engenharia, mas na própria arte, tudo isto para continuar evidenciando sua elevação como maçom, como destaca Eco (1991, p. 16) o simbolismo na arte são figuras a que associamos em conceitos, por exemplo a cruz ao cristianismo.

Era importante para os maçons operativos utilizar os espaços como um grande centro de organização de saber, o canteiro de trabalho se torna uma grande "loja" e aos poucos as instruções vão sendo desenvolvidas com grande requinte de qualidade, os estudos advindos das escolas antigas de matemática e filosofia eram ali colocados em prática, existiam entre eles uma grande organização de companheirismo, onde usavam palavras, sinais, ainda mais, ali nos canteiros de obras tinham tradições e uma ritualística para iniciar os irmãos e depois em caso de necessidade um sistema de solidariedade como aponta os documentos deixados por Villard de Honnecourt.

Isto demonstra que desde o momento de forma-

ção da maçonaria operativa já era importante um estudo profundo de informações que deveriam permanecer ocultas, e aparentes somente para aqueles que dominavam tais estudos, naquele momento o aspecto além de ser filosófico era também sobre o trabalho e a produção de materiais e como destaca Macnulty (2007, p. 101) a simbologia é uma forma de transmissão do conhecimento e que a maçonaria especulativa deriva a maior parte de seus símbolos da arte operativa.

Quando o mestre de obras fazia a designação dos espaços e traçava os planos ele na verdade estava usando uma grande simbologia de estudos para a construção, usando a relação do tempo que movimenta o espaço acaba recriando através daquela delimitação física, ou tenta recriar, os ciclos do universo, dia, mês e ano, vida e morte, sendo uma grande designação do cosmos, elemento importante na obra que é feita pela mão do criador e naquela dimensão terrestre pode ser copiada aplicando a geometria sagrada.

Iniciando pelo altar no ponto ao Leste a referência seria o Oriente onde representa a formação da criação, onde nasce o sol, ali o nascente, a infância, ou dos elementos da natureza seria a primavera, representação da cor verde nos vitrais, depois se dirige para o Sul onde seria o mundo manifestado e a plenitude da vida, o elemento terra ou o verão a maturidade ou fase adulta a cor dos vitrais seria o amarelo, local de maior quantidade de sol, seguindo sua jornada iria para a parte Oeste ou ocidente, região do sol poente, a velhice, indicando o período do outono, final dos tempos, o tom dos vitrais seria o vermelho, local da entrada do templo, onde ficam as portas principais, por fim o Norte o mundo oculto espiritual, indicando a noite ou o céu, representa a estação do inverno e sua cor nos vitrais seria o azul escuro, local de menor quantidade de sol no templo.

Este simbolismo empregado de grande representatividade parece indicar que todos que procuram uma catedral estão na verdade buscando por uma evolução, passam por um estudo da vida, a disposição do espaço pelos construtores tenta criar uma consciência naqueles que conseguem ler os elementos, fazendo assim uma jornada para sua renovação, indicando que ao entrar pela porta principal estão indo em direção ao altar para se renovar, saindo de um mundo exterior e rumando para outro de instruções para evolução de consciência.

O uso de elementos cardeais com relação a jorna-

da da vida ou ainda com os ciclos do ano são também uma clara indicação de que tudo está conectado, céu e terra e que a passagem deve ser feita com uma finalidade, para que possam despertar novas possibilidades de saber, viver e conhecimento, mas obviamente tudo isto estava oculto e colocado à disposição para quem quisesse ver, como destaca Saint-Exupéry (1989, p. 56) Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.

Outro elemento simbólico um tanto forte colocado nas catedrais e que pode ser visto logo no momento da entrada no átrio inicial são os labirintos, dispostos na parte leste indicam que ao entrar este procura um caminho, está desorientado, ao rumar por este local ele pode ir até o fundo de si mesmo, jogando aos poucos luz no que é importante, este labirinto pode representar a saga humana em busca dos elementos fundamentais e que todo o ser que estuda o simbolismo procura em si e no universo, o que pode ser a salvação, sabedoria, felicidade, dependendo das suas referências elementares.

Podemos lembrar que o elemento labirinto já faz parte do estudo mitológico grego, Teseu mata o Minotauro e depois sai deste local para regressar para sua vida plena, o uso destes elementos de simbolismo podem ser aplicado nas construções de estilo gótico como uma clara interpretação de iniciação dos trabalhadores, não se pode afirmar com categorização, mas lembrando que no trabalho da maçonaria operativa nada era aleatório, ou fora de uma conexão, podemos interpretar que os pedreiros estudavam muito os simbolismos antigos e com a construção destes espaços poderiam agora materializar seus estudos, o espaço arquitetônico ou urbanístico era a chave para ligar a ação de Theo o grande arquiteto na figura do sagrado com o Chaos o terreno e material, formando assim o cosmos na união dos elementos para o estudo do maçom operativo.

De toda forma a questão mais importante é que os maçons operativos conseguem desenvolver uma gama de conhecimentos fundamentais e são eles os responsáveis por elevar grandes templos, a idealização de um espaço sagrado foi feita e edificada, todos podem ver e tocar, frequentar, com uma nobreza e paz que só podia vir de Deus.

Agora, essa visão descera do Céu a Terra. As paredes dessas igrejas não eram frias e intimidativas. Eram formadas de vitrais policromos, que refletiam como rubis e

esmeraldas. Os pilares, nervuras e rendilhados despediam cintilações douradas. Tudo o que era pesado, terreno e trivial foi eliminado. Os fiéis entregues à contemplação de toda essa beleza podiam sentir que estavam mais próximos de entender os mistérios de um reino além do alcance da matéria (GOMBRICH, 1993, p. 141).

Elementos matemáticos, estudos filosóficos, o trabalho manual, o uso de alegorias, tudo isto era possível, o estudo aprofundado, a instrução simbólica aplicada na arte da cantaria estava pronta, estes maçons operativos faziam a análise dos conceitos clássicos, instruíram outros irmãos, mas o fundamental é que continuavam a edificação de seu templo interior com dignidade e humildade.

## 5. Considerações finais

Ao longo deste trabalho podemos notar que a ação dos pedreiros operativos buscava a formação de catedrais com uma arquitetura especializada, isto seria fruto de uma tentativa de conexão filosófica e ao mesmo tempo material, buscavam uma evolução e ligação entre o céu e a terra, o humano na sua construção seria o elo com o sagrado, enquanto constrói ele pode evoluir em si naquela busca pelo saber que é a essência da vida para o maçom que se dedica.

A proporção áurea ou seção áurea que os gregos empregavam na arquitetura dos templos são estudadas pelos pedreiros e os padrões geométricos e matemáticos recorrentes na natureza são amplamente usados na arquitetura gótica, a intenção é fazer das igrejas um espaço de religião do profano com o sagrado pela construção, buscando uma evolução, e o ponto zero ou seu pináculo seria a marcação do local de início da obra, referenciando que ali seria o dedo de Deus indicando a sua sagração para o uso do espaço.

Podemos dizer que a França foi a pioneira na organização da arte gótica e que o Abade Suger com a catedral de Saint-Denis deu todo o direcionamento para que o estilo pudesse seguir com força total, mas historicamente quando ocorre uma transformação nos estilos arquitetônicos os historiadores indicam que existe um período de adaptação, em alguns casos em torno de até trezentos anos para que se diminua a interferência de um e se torne forte a estrutura-

ção de outro estilo, mas isto não ocorreu com o gótico, podemos notar que surgiu no século XII na França e já foi dominando e finalizando as ações do estilo românico, em uma clara demonstração que ele já se coloca maturado, indicando assim que ao ser colocado em prática existiam outros estudos sobre sua forma de uso, seria então no oriente, onde os monges estiveram e conseguem aprender sobre as bases de construção para depois colocar em prática assim que voltar para a França.

Ao observar as obras e suas alegorias encontramos muito do que ainda é aplicado em lojas maçônicas, principalmente naquelas que seguem os ritos de origem latina, obviamente agora podemos ter uma ideia de onde os maçons especulativos tiram alguns elementos alegóricos e também vários simbolismos, já que os Ritos como o R\EA\A\ e o Rito Adonhiramita são fruto das atividades da escola maçônica francesa de certeza, e para enumerar podemos observar o uso de elementos como mobília ou ainda instrumentos de trabalho que os maçons operativos aplicavam, mas uma questão que podemos destacar que é empregada de forma geral no ritual de iniciação são a corda reboque que já era empregada nos canteiros de obras e ganha um simbolismo e também do metafórico do labirinto, pode ser que o maçom ao ser iniciado vendado esteja sim andando em um labirinto, seria aí a questão do uso deste elemento na entrada das igrejas, para fazer uma viagem de orientação para o iniciado.

O uso de pontos cardeais e a nomenclatura de alguns espaços da loja, os pontos norte, sul, leste e oeste, bem como a quantidade de luz dentro da igreja, tudo isto era estudado pelo maçom operativo e parece que de certa forma é aplicado pelas lojas simbólicas, sem falar na questão da divisão dos espaços, a colocação de colunas, tudo isto nos deixa uma clara noção que podemos interpretar ou que devemos retomar o entendimento da maçonaria operativa para que possamos evoluir na nossa atividade como maçom.

Por fim um dos pontos de maior destaque é que a arquitetura empregada vai refletir os valores de uma época e de uma sociedade, o seu simbolismo impregnado na materialidade das paredes, do piso e de todos os locais pensados para uso acabam marcando uma busca pela harmonia entre o humano e o celestial, entre o profano e o sagrado, ou seja, a evolução do saber alegórico se destaca na materialidade, aquele saber que ali fica visível para os iniciados é um sa-

ber do cosmos, feito pelo arquiteto superior e que o humano aprende a usar para dominar seus vícios e exaltar suas virtudes.

## 6. Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BASTIDE, Roger. *Arte e Sociedade*. Tradução de Gilda de Mello e Souza. 2ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da USP, 1971.
- BLOCH, M. *Apologia da História ou Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRICHTA, T. *A conclusão tardia das Catedrais de Praga e Colônia: Desenho das Catedrais, Renovação do Movimento Gótico, Conclusão como Conservação*. Scottish Centre for Conservation Studies. Edinburg School of Architecture and Landscape Architecture. Edinburg College of Art. University of Edinburg. Submission 31/07/14.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. 15ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Série fundamentos. Nº 64. São Paulo. Ed. Ática, 1991. 304 p.
- FERNANDES, C. *ALUNOS ONLINE*. Disponível em: <<http://alunosonline.uol.com.br/educacao-artistica/artegotica.html>>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.
- FILHO, Francisco Borges. *O Desenho e o Canteiro no Renascimento Medieval (séculos XII e XIII): Indicativos da formação dos arquitetos mestres construtores*. São Paulo: FAUUSP, 2005.
- FOLLET, Ken. *Os pilares da terra*. Tradução de Paulo Azevedo. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1991.
- GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. 16a. edição. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- GOZZOLI, M. C. *Como Reconhecer a Arte Gótica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, 69 p.
- GRODECKI, Louis. *Gothic Architecture*. Milão: Electa Editrice, 1978.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. V 1. São Paulo, Mestre Jou. 1982.
- HOBBSAWM, E. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HONNECOURT, VILLARD DE. *Les cathédrales gothiques dans les villes*. Disponível em: <<http://classes.bnf.fr/villard/pres/index.htm>>. Acesso em 07 de abril de 2021.
- JANSON, H. W. *História Geral da Arte*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- JONNES, Denna. *Tudo sobre Arquitetura*. Ed. Geral. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

- LAWLOR, Robert. *Geometria sagrada: filosofia e prática*. Coleção "Arte e imaginação". Tradução García Ripoll. Debate Editorial. Barcelona, 1994.
- LE CORBUCIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- LYRA, Wilton Luiz Duque. *Intercomunicação entre matemática – ciência – arte: um estudo sobre as implicações das geometrias na produção artística desde o gótico até o surrealismo*. São Paulo: USP, 2008.
- MACNULTY, W. Kirk. *A Maçonaria: símbolos, segredos e significados*. Ed. Martins Fontes. S. Paulo, 2007.
- MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. *Brunelleschi: o caçador de tesouros*. Vitruvius, 2003. Arqutextos. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/04.040/651>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2021.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história suas origens, transformações e perspectivas*. Tradução de Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1998.
- PINTO, T. S. *ARTE GÓTICA*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/arte-gotica.htm>>. Acesso em 05 de março de 2021.
- RIBEIRO, F. *História crítica da Arte – 5 volumes*. Rio de Janeiro: Fundo Cultura, 1965, 265 p.
- RIBEIRO, H.P. *A arte gótica*. Bauru: Unesp, 1969, 108 p.10
- ROCHA, Bruno Massara. *A Arquitetura Gótica*. Disponível em: <[http://www.territorios.org/teoria/H\\_C\\_gotica.html](http://www.territorios.org/teoria/H_C_gotica.html)>. Acesso em 08 de março de 2021.
- ROZESTRATEN, Artur Simões. *Estudo sobre a história dos modelos arquitetônicos na Antiguidade: origens e características das primeiras maquetes de arquitetos*. São Paulo, 2003.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. São Paulo SP, Círculo do Livro, 1989.
- SANTANA, A. L. *INFOESCOLA*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/estilo-gotico/>>. Acesso em 11 de março de 2021.
- SIMSON, O.V. *A Catedral Gótica: origens da arquitetura gótica e o conceito medieval de ordem*. Tradução João Luiz Gomes. Lisboa: Presença, 1991.
- TAVARES, Henio. *Teoria literária*. Ed. Itatiaia: Belo Horizonte, 1978.
- TREVISAN, A. *O Rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã*. Porto Alegre: AGE, 2003.
- VITRÚVIO, Marco Polião. *Tratado de Arquitetura*. M. Justino Maciel, tradução do latim, introdução e notas. Martins Fontes, 2008.
- WILLIAMSON, Paul. *Escultura Gótica 1140 – 1300*. Tradução de Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- ZACHARIAS, D. *Catedral de Colônia versus Arranha-Céus: Proteção da herança cultural como arquétipo de um sistema multi-nível*. A von Bogdandy and R. Wolfrum, (ens.), Max Planck Yearbook of United Nations Law, Volume 10, 2006, pp. 273-366.



## **A MÚSICA NA MAÇONARIA: Uma história de músicos e influências nas cerimônias maçônicas**

(MUSIC IN FREEMASONRY: A History of Musicians and Influences on Masonic Ceremonies)

Kleber Cavalcante de Sousa <sup>1</sup>

Josenildo Cesar Soares dos Santos <sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho discutiu o papel histórico da música na Maçonaria e o seu papel de harmonizar as reuniões. Essa prática é identificada na Maçonaria do século XVIII, inicialmente tratada como uma das sete ciências liberais e necessária para a formação profissional, contudo ela também teve um papel de harmonização e socialização das reuniões. Observa-se que a presença de músicos na Ordem contribuiu para a musicalidade na Ordem Maçônica, realidade que permanece até os dias atuais. Portanto, a música foi, e é um importante instrumento de harmonização das reuniões maçônicas, quer sejam ritualísticas ou sociais.

**Palavras-chaves:** cerimônias maçônicas, música, músicos, harmonia

### **Abstract**

This research paper discussed the historical role of music in Freemasonry and its role in harmonizing meetings. This practice is identified in 18th century Freemasonry, initially treated as one of the seven liberal sciences and necessary for professional training, however it also played a role in harmonizing and socializing meetings. It is observed that the presence of musicians in the Order contributes to the musicality of the Masonic Order, a reality that remains until today. Therefore, music was, and is, an important instrument for harmonizing Masonic meetings, whether ritualistic or social.

**Keywords:** Masonic ceremonies, music, musicians, harmony.

<sup>1</sup> Administrador, historiador e professor. Especialista em Gestão e estratégia de negócios, Gestão Públicas e Maçonologia. Mestre em Engenharia da Produção. Doutorando em História. E-mail: [ksnat@hotmail.com](mailto:ksnat@hotmail.com)

<sup>2</sup> Historiador e músico. Atua como servidor público estadual. E-mail: [josenildocezar17@gmail.com](mailto:josenildocezar17@gmail.com)

## 1. Introdução

A presença da música em diversas atividades humanas, desde as primeiras civilizações é comprovada pelas mais diversas fontes históricas conhecidas. A música é considerada uma linguagem universal e com grande capacidade de transformar ambientes, por meio da sua influência musical e vibracional. Nessa perspectiva a música pode ser compreendida como sendo uma combinação harmoniosa e expressiva de sons e como a arte de se exprimir por meio de sons, com base em regras variáveis, de acordo com a época e a civilização (BRESCHIA, 2003).

Ademais, estudos comprovam que o som produzido pelas melodias, canções ou ritmos gerados por instrumentos exercem alguma influência no ser humano, desde as suas emoções até os seus comportamentos. Em todas as civilizações a música tem sido utilizada para diversos fins, (diversão, religiosidade, ensino, harmonização, terapias medicinais, etc.), inclusive para preparações rituais (WONG, 1998; HERMANOWICZ; MORGAN, 1999; RAPPOPOR, 2004).

Não obstante, vale a pena ressaltar, que desde os primeiros anos da Maçonaria especulativa, a música esteve presente nas atividades maçônicas, especialmente nas reuniões ritualísticas e nos seus banquetes. Segundo Davies (2014) nas Constituições de Anderson, em suas versões de 1721 e 1738, pode ser observado a presença de canções maçônicas para ser utilizadas nas reuniões. Ademais, durante o século XVIII e XIX a maçonaria iniciou em seus quadros diversos músicos proeminentes, inclusive, alguns escreveram músicas maçônicas e participaram ativamente dos trabalhos de suas lojas (HAYWWOD, 1944).

Por conseguinte, em diversos ritos maçônicos, até os dias atuais, observa-se que a música está presente suas diversas cerimônias, de modo a contribuir de alguma forma para a realização da prática ritual, mesmo que não seja considerada em alguns deles como um elemento obrigatório, contudo notadamente percebe-se a importância que ela exerce, inclusive com a previsão de cargos em lojas para esse fim, como é o caso do mestre de harmonia ou sonoplasta.

Diante disso, esse estudo pretende discutir o papel da música como um instrumento de harmonização das cerimônias maçônicas, em virtude dos seus efeitos emocionais e sociais que ela gera nos participantes, de modo a contribuir para tornar as reuniões mais amenas e agradáveis, em especial no caso brasileiro, em que estudos recentes comprovam que muitos membros da Maçonaria Brasileira evidenciaram em pesquisas recentes que frequentam as suas lojas,

principalmente em virtude da fraternidade e da prática ritualística (DE MORAIS, 2017; ISMAIL, 2017, 2018).

Para tanto, o presente trabalho abordará a música e os seus efeitos no ser humano, a sua relação histórica com a Maçonaria, os músicos maçons e a presença da música acácia amarela e hino da maçonaria como um elemento harmônico nas reuniões das lojas maçônicas brasileiras.

## 2. A música através do tempo e os seus efeitos no ser humano

Em todas as civilizações, a música era (é) cultivada por meio do cântico e de instrumentos; inicialmente de percussão, depois de sopro e, mais tarde, de cordas; hoje, com a eletrônica, obtém-se os sons mais variados que possam surgir.

Bréscia (2003) destaca que a antropologia confirma que as primeiras músicas seriam usadas em rituais, como: nascimento, casamento, morte, recuperação de doenças e fertilidade, chegando inclusive a ser utilizada para louvor de líderes e nas procissões reais do antigo Egito e na Suméria. De acordo com Montanari (1993) a civilização egípcia, em 3200 a.C., cultivava a música como elemento obrigatório em cerimônias religiosas e festas, além de desenvolver o canto e instrumentos musicais, tais como harpas e liras.

Desde os tempos bíblicos, a música é uma arte muito apreciada pelos povos que são citados nas antigas escrituras, em especial os judeus. A Bíblia destaca que Davi, um exímio músico, mencionado nas escrituras, atribui poderes sobrenaturais à música. A suave melodia vinda de sua harpa é capaz de acalmar o rei Saul, quando este é acometido por maus pensamentos. Esse é o primeiro exemplo de que se tem notícia da música utilizada como terapia (BIBLÍA, 2020).

Em outras inúmeras passagens da Bíblia hebraica, é destacado a presença da música e instrumentos musicais como meios para harmonizar ambientes ou realizar cerimônias. Acredita-se que os salmos de Davi possivelmente foram compostos para ser cantados com acompanhamento instrumental. Para exemplificar cita-se os Salmos 98 e 144. No Salmo 144, em seu versículo 9 lê-se: "A ti, ó Deus, cantarei um cântico novo; com o saltério e instrumento de dez cordas te cantarei louvores". Já o Salmo 98, em seu versículo 5 observa que é citado os instrumentos que Davi utiliza para cantar ao senhor: "Cantai louvores ao Senhor com a harpa; com a harpa e a voz do canto" (BIBLÍA, 2020).

Na antiguidade há relatos da importância da música na sociedade romana e na Grécia Clássica, onde o ensino da música era obrigatório, inclusive alguns filósofos tinham a música como objeto de estudo e pesquisa. Alguns pensadores da época estudavam os efeitos de determinados acordes musicais e certas melodias e as suas influências no organismo humano. Pitágoras, inclusive foi um dos primeiros a usar a música com terapia, chegando a demonstrar “que os sons produzidos, com uso de instrumentos adequados tem o poder de mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, 2003).

Na sociedade medieval a música estava presente tanto na vida religiosa como profana. Sobre a música religiosa é importante destacar que a Igreja Medieval foi a responsável por preservar os tratados contendo grande parte do conhecimento grego e posteriormente latino referente a música. Todo esse conhecimento, deixado pela Antiguidade foi aproveitado e trabalhado pela Igreja medieval e se tornou a base da música que se desenvolveu no ocidente.

O canto gregoriano e o cantochão se destacam como música religiosa, entoado nos mosteiros e castelos medievais, enquanto o trovadorismo - música popular profana – presente na vida cotidiana dos camponeses, cantado nas ruas e nos casebres. Essas cantigas e suas melodias retratavam elementos culturais dos países pelos quais o trovador passou, sempre acompanhado de um instrumento como o alaúde ou a viela (APEL, 1990; PAHLEN, 1965).

É importante destacar que a música, desde a antiguidade fora considerada uma arte liberal, que deveria ser ensinada aos homens livres. Essa mentalidade perdurou por toda Idade Média e início do Renascimento. Outrossim além da Música eram Artes Liberais, a Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria e a Astronomia que deveriam constituir o currículo escolar dos homens livres (CESCON, 2017).

A música também exerceu um papel de harmonizar ambientes e de influenciar comportamentos nos seres humanos. Acredita-se que desde a antiguidade bíblica, nas tavernas medievais, e nos saloons e cafés da Europa Ocidental se utilizavam da música para tornar os ambientes propícios a socialização e maior integração dos presentes, de modo a contribuir com os debates, conversas e relações sociais.

Neste sentido, Stewart (1989) defende que existe uma relação entre a música e a consciência humana, pois a música é uma força poderosa, capaz de alterar

a percepção e cognição de indivíduos e influenciar comportamentos individuais ou de grupos de seres humanos, de modo a transformar os ambientes.

Para o pesquisador e musicólogo David Tame, a música afeta o corpo físico do homem. Ele afirma que “é difícil encontrar uma única fração do corpo que não sofra a influência dos tons musicais” (TAME, 1984; p.146-147). Ele defende que a música afeta o corpo de duas maneiras diferentes: diretamente – como reações provocadas pelo som sobre os órgãos, e indiretamente – atuando sobre as emoções, que também acabam influenciando inúmeros processos físicos.

Dentre esses processos, Tame (1984) destaca que através do ritmo, melodia e harmonia, a música pode influir na digestão, circulação, nutrição e respiração, além de provocar estados de tensão ou relaxamento em muitas partes do corpo humano. Já Ruud (1991) destaca que a música exerce uma influência no sistema endócrino, afetando o nível de alguns hormônios, especialmente o cortisol, a endorfina, serotonina, testosterona. Todos hormônios responsáveis pelos sentimentos de excitação, bem-estar, prazer, etc.

Por conseguinte, a música assume um papel importante nos eventos mais relevantes, sociais ou pessoais, tendo papel de mediador entre o diferenciado (material) e o indiferenciado (a vontade pura), ou entre o intelectual e espiritual. Assim, observa-se que a música é utilizada por diversas organizações sociais, em suas reuniões a fim de contribuir no ambiente, tornando as pessoas mais receptivas e em mais harmonia com o ambiente e os fins desejados.

Portanto, o uso da música como método para contribuir na transformação de ambientes, é observada em diversas organizações sociais, em que desejam que os seus membros permaneçam em estados de harmonia, excitação ou de relaxamento. Ruud (1990; p.38-39) destaca que isso é possível, pois a música, por sua natureza abstrata, atinge de forma direta os centros mais profundos da mente. Assim, traz à tona emoções, conflitos e desejos latentes que podem ser expressos e reativados, levando o homem a um estado semelhante ao onírico.

E nessa perspectiva, observa-se que a música exerce um papel importante para contribuir com a harmonia e exercer um papel harmonização, e no caso específico da maçonaria, apesar da mesma não estar prevista como obrigatória nas suas sessões ritualísticas, observa-se a presença dessa prática, desde as primeiras lojas, oriundas das guildas e corporações de ofícios medievais. Notadamente, no século XVIII,

com a maior organização da maçonaria e sua expansão é possível identificar vestígios da presença da música nas reuniões maçônicas.

A seguir apresentamos e discutiremos a relação da Maçonaria com a Música, por meio da presença de maçons músicos na Ordem e qual o papel que a música exerceu em nossa instituição através do tempo.

### 3. A música e os músicos na Maçonaria

A historiografia da maçonaria comprova que a música esteve presente durante às cerimônias maçônicas, desde os tempos da sua organização como instituição. No início como um instrumento de harmonização para as cerimônias e reuniões e depois como uma componente dos estudos maçônicos.

Com a organização da Maçonaria Inglesa, no século XVIII, a partir da fundação da Grande Loja de Londres procurou estabelecer e regulamentar a atuação da Maçonaria Inglesa, por meio de um conjunto de práticas, regulamentos e procedimentos, quer sejam ritualísticas, administrativos e sociais. Essas práticas e procedimentos organizavam a forma em que as lojas deveriam atuar, realizar suas cerimônias e abordava os mitos maçônicos.

E foi neste sentido, que nas Constituições dos Maçons (1723 e 1738), escrita pelo reverendo James Anderson, que além dos mitos e lendas, também podem ser observadas a presença de canções maçônicas, que narravam uma versão mítica da história da ordem, ou com objetivos específicos a ser cantados em coro, quando o mestre da loja permitir.

Na edição de 1723, das Constituições observa-se quatro canções: 'The Master's Song' - uma 'história' recontada em 28 longos versos por Anderson. 'The Warden's Song' ou outra história da Maçonaria' (desta vez em apenas treze versos) também por Anderson. Duas canções mais curtas: 'The Fellow-Craft's Song' de Charles Delafaye e 'The Enter'd 'Prentice's Song' de Matthew Birkhead, falecido'. Mais sete canções foram adicionadas à edição de 1738. As letras variam de doggerel a poesia habilidosa. Seu conteúdo inclui referências ao mito poético história maçônica, a proposta de brindes e a expressão de uma ambição de alcançar a virtude (DAVIES, 2014).

Gérard Gefen (1993) afirma que no começo do século XVIII as reuniões maçônicas eram embelezadas com cânticos, como os presentes no "Cancionero" incluído no Livro das Constituições de Anderson

(1723), o qual compreendia quatro cânticos: o do Aprendiz (The Enter'd Prentice's song), o do Companheiro (The Fellow-Crafts' song), o dos Vigilantes (The Warden's song) e o do Venerável Mestre (The Master's song).

Por conseguinte, é possível depreender que a música estava presente nas reuniões maçônicas do período, inicialmente se utilizavam desses cânticos, mas com o passar do tempo, e o ingresso dos aceites na maçonaria, as lojas receberam em seus quadros músicos que elaboraram músicas e melodias para as lojas e suas reuniões.

O pesquisador, maçom e músico francês Roger Cotte em sua obra "La musique maçonnique et ses musiciens" aborda a relação da música com a maçonaria nos séculos XVIII e XIX, e destaca o papel dos músicos que ocuparam as cadeiras da Maçonaria naquele período (COTTE, 1988).

Já Paul Nettl em seu livro Mozart and Masonry, publicado em 1957, afirma que no Século XVIII, música maçônica consistia principalmente de canções para suas reuniões e os jantarem que se seguiam. Nettl (1957) afirma ainda que uma vez que a Maçonaria tinha uma predominância caráter social, os músicos se interessaram em pertencer a ordem, em razão das vantagens sociais que poderiam adquirir.

Robert Lomas (2007) em sua obra A Maçonaria e o Nascimento da Ciência Moderna destaca que a Música como uma das Sete Ciências Liberais deveria fazer parte dos ensinamentos maçônicos, inclusive fazendo referência ao antigo manuscrito Inigo Jones, de 1655, que estabelecia "as áreas de estudo apropriadas a um maçom" (LOMAS, 2007 p. 151).

Nesse manuscrito a Música é evidenciada como sendo uma ciência essencial a formação humana pois "dotará o homem a habilidade de Cantar, ensinando a arte da composição, e a tocar diversos instrumentos como a harpa e o órgão" (LOMAS, 2007, p.152).

Harry Carr, em seu livro o ofício do Maçom, apresenta um guia para o trabalho maçônico, com base nas pesquisas Loja Quatour Coronati. (DESCREVER ESSE GUIA) O livro é o resultado de pesquisas e foi estruturado de uma forma que aborda diversos pontos do trabalho maçônico, chegando inclusive a confirmar a presença da música, por meio de cânticos nas cerimônias maçônicas na Maçonaria Inglesa.

Sobre a música nessas cerimônias, Carr (2018) afirma que ocorriam durante a abertura e encerramento das reuniões. Eram utilizados cânticos líricos, conhecidos como Odes. As músicas foram escritas

pelo Ir. Walter Clegg, Past Grande Vigilante provincial (Lincs), que também foi mestre da Lodge of Harmony, Boston Lincs, em 1859. Quanto as músicas elas foram compostas pelo Ir. Walter B. Gilbert (CARR, 2018).

Assim, a Maçonaria europeia, no século XVIII tinha iniciado em suas lojas alguns dos músicos mais proeminentes de todos os tempos, Dentre eles destacamos: Abel, Thomas Arne, Johann Christian Bach, William Boyce, Luigi Cherubini, Joseph Haydn, Ferenc Liszt, Henri-Charles Litolff, Giacomo Meyerbeer, Wolfgang Amadeus Mozart, Leopold Mozart, Niccolò Puccini, Willem Pijper, Ignaz Pleyel, Louis Spohr, Jean Sibelius, John Philip Sousa, Daniel Gottlob Türk e muitos outros (HAYWOOD, 1944; THOMSON, 1976; DAVIES, 2014).

O ingresso de músicos na Ordem Maçônica contribui de forma efetiva, para a proliferação de canções e melodias maçônicas. Davies (2014) destaca que a maior coleção de canções maçônicas do século XVIII foi a *La Lire Maçonne*, publicada pela primeira vez em Haia em 1763 (*La Lire Maçonne 1763*; outras edições de 1763 a 1787). A última edição, de 1787, continha 270 canções, 219 em francês e 51 em holandês (DAVIES, 2014).

Nesta mesma linha, Lewis (2014) ressalta que no século 18, muitas canções de conteúdo maçônico eram cantadas em lojas, geralmente acompanhado por cordas e instrumentos de sopro que eram tocadas e frequentemente compostas por membros das Lojas. Lewis (2014, p.1-2) cita um programa musical realizado na *Crowned Hope Lodge*, em Viena no dia 9 dezembro de 1785:

1. Uma sinfonia que o irmão. Wranizky compôs para o lodge.
  2. Um concerto tocado por dois irmãos na trompa de baixo.
  3. Uma cantata do Ir. Mozart cantado pelo Ir. Adamberger.
  4. Um concerto para piano do irmão Mozart.
  5. Partitas para 6 instrumentos de sopro "elaborado pelo Ir. Stadler".
  6. Partitas interpretada pelo irmão. Lotz tocando baixo fagote.
  7. Fantasias de Bro. Mozart.
- (LEWIS, 2014, p.1-2)

Outrossim, é acredita-se que a música, naquele período exercia um papel importante nas reuniões maçônicas, quer seja para harmonizá-las, quer seja para torna-las mais sociáveis para os participantes.

Thomson (1974) destaca que Mozart foi um músico que ao ingressar na Maçonaria se dedicou e deixou importantes contribuições musicais maçônicas, dentre elas destacam-se: *Música Fúnebre Maçônica* e a *Flauta Mágica*, ambas com conteúdo e de inspiração maçônica, que além de oportunizarem a harmonização das cerimônias serviram para registrar o pensamento desse importante músico sobre o momento em que viviam e relação da maçonaria nesse contexto, como fora o caso da ópera "a Flauta Mágica".

Já a música funerária maçônica, segundo Mitchel (1969) intitulada originalmente como *Maurerische Trauermusik*, e escrita em 1785, para apresentação em uma sessão de luto para homenagear dois maçons famosos: o príncipe Franz Esterhazy e o duque Georg August Mechlenburg. Nesta obra Mozart conseguiu impressionar a todos e foi aclamado pela sua capacidade, por meio da música de sensibilizar as pessoas sobre a noção da finitude da vida humana e o simbolismo do morrer.

Com relação a sua outra obra, a flauta mágica é uma opera que incorpora o número três assim como outros símbolos, tanto na abertura da ópera, bem como na "Marcha dos Sacerdotes" e na ária "Ísis e Osíris". O tema da ópera tem sido objeto de muito debate e ela incorpora a mistura de misticismo, lenda e ritos maçônicos com seu simbolismo intrincado provavelmente nunca será desvendado (MITCHEL, 1969).

Não obstante, é importante destacar que a música continuou presente nas sessões maçônicas durante os séculos, e na Maçonaria brasileira destacamos três importantes músicos maçons que são bastante conhecidos e tiveram um papel importante na sociedade brasileira:

- D. Pedro I (1798-1834), Imperador do Brasil, e Grão Mestre da Maçonaria Brasileira, homem inteligente, teve boa educação e com acentuados dotes artísticos; cultuava a música. Instrumentista e compositor dileitante, escreveu diversas músicas, dedicando um "Hino" à Maçonaria.
- Antônio Carlos Gomes (1836-1896), o mais importante compositor brasileiro do século XIX, tornou-se célebre pelas suas óperas. Apesar de sua extensa produção musical, não tem se conhecimento de ter escrito alguma música dedicada à Ordem Maçônica.

- Luiz Gonzaga "Gonzagão" (1912-1989), figura sui generis da música popular brasileira, eternizou a cultura nordestina em suas músicas. Compôs a canção "Acácia Amarela" em homenagem à Maçonaria.

O hino à maçonaria e a acácia amarela são músicas bastante presentes na ritualística maçônica brasileira. A primeira ressalta o papel da instituição e evoca os obreiros a permanecerem alertas ao serviço da sagrada filosofia. Já acácia amarela alude a árvore da acácia, que tem um importante significado na simbologia maçônica, e onde o maçom Luís Gonzaga destaca a importância da harmonia, da concórdia e da felicidade de ser um obreiro da arte real.

Além da letra dessas músicas que fazem referência a questões filosóficas e morais a fim de influenciar a conduta e o comportamento dos maçons, a melodia e a harmonia musical contribuem para gerar efeitos emocionais nos presentes, de modo a tornar a reunião mais harmônica e os participantes mais sensíveis aos ensinamentos ministrados na loja. Na questão da harmonização da reunião, Blavatsky (2009) defende que para uma reunião ritualística ser harmoniosa é necessário que os participantes estejam em equilíbrio e com a mente livre de pensamentos negativos.

Boucher (1997) afirma que a ritualística é a prática mais importante na maçonaria, pois ela é responsável pela transformação do homem, por meio dos seus rituais, alegorias e lendas. Neste contexto, Sousa (2017, p. 58) assevera que "o ritual maçônico tem o objetivo de sensibilizar o 'eu interior' do homem a respeito dos ensinamentos simbólicos do grau e do rito que a sua loja pratica".

Neste sentido percebe-se que a música contribui para o bom andamento da reunião maçônica, especialmente para que a ritualística consiga alcançar o seu principal objetivo, sensibilizar o homem a perceber a necessidade de se aperfeiçoar e buscar o auto conhecimento, por meio dos ensinamentos que são compartilhados no ritual e nas instruções maçônicas sobre a arte real e toda a sua simbologia.

Por conseguinte, entendo que a música presente nas cerimônias maçônicas é fundamental para contribuir na harmonia de uma loja maçônica, tornando as reuniões mais amenas, fraternas e produtivas, e assim contribuído de forma efetiva para a manter a unidade e participação dos obreiros em loja.

#### 4. Considerações finais

O presente artigo analisou o papel da música e a sua influência no ser humano e nas organizações sociais, em especial a maçonaria. A partir da vasta bibliografia consultada observou-se que a música, desde os primeiros anos da maçonaria especulativa, esteve presente nas atividades das lojas maçônicas, sendo inclusive regulamentada e prevista em documentos oficiais da Ordem.

Não podemos definir exatamente quando começou a se empregar a Música nas sessões maçônicas, contudo, considerando que as sessões ocorriam nas Tabernas, logo no início da Maçonaria Especulativa, no primeiro quartel do Séc. XVIII, na Inglaterra e que algumas lojas possuíam músicos em seus quadros, e, que a Grande Loja de Londres, por meio das Constituições dos Maçons de Anderson, em 1721 e 1738, já previa o uso de canções nas reuniões, deduz-se ser de grande probabilidade o emprego da música nos primeiros cerimoniais maçônicos no início do século XVIII.

Além dessa questão, é importante destacar a forte presença de músicos na maçonaria nos séculos XVIII e XIX, demonstrando que as lojas buscaram aceitar em seus quadros esses profissionais, que possuíam relações próximas a burgueses e aristocratas. Alguns desses músicos maçons deixaram importantes legados para a Ordem Maçônica, tais como Mozart, que chegou a compor diversas músicas com forte relações com os ensinamentos e simbologia maçônica, tais como a Ópera Flauta Mágica e a Música Fúnebre Maçônica.

Ademais, vale ainda citar, que ao final do século XVIII, já se observavam diversas obras publicadas com a temática de coleções de músicas maçônicas, em especial na França. Acredita-se que isso pode ter ocorrido, em razão do maior ingresso de músicos nas lojas maçônicas da Europa continental, em especial França, Alemanha e Áustria.

A presença da música nas reuniões maçônicas do século XVIII e XIX se mantém até os dias atuais, inicialmente tratada como uma das sete ciências liberais e como uma importante formação profissional, ela também teve um papel de instrumento de harmonização e socialização de reuniões. Na maçonaria brasileira, na maior parte dos ritos praticados, adota-se uma variedade de músicas em suas cerimônias, quer sejam cantadas, orquestradas e até mesmo apenas melodias. Em geral a música presente nas lojas maçônicas da atualidade serve como instrumento acessó-

rio para harmonizar e tornar as reuniões amenas e agradáveis.

Em suma, a música é um importante elemento na prática ritualística maçônica, por meio de sua influência no comportamento e nas atitudes das pessoas, de modo a elevá-los a condição emocional mais favorável a percepção das mensagens e instruções da prática ritualística, de modo a contribuir na harmonia e na boa condução dos trabalhos maçônicos em loja, visto que as encenações e práticas realizadas com a musicalidade adequada, certamente contribuirá para sensibilizar o homem, influir nas suas emoções e fazê-lo mais reflexivo sobre os ensinamentos trabalhados em loja, em prol do aperfeiçoamento do homem-maçom, que busca ser mais justo e perfeito.

## 5. Referências bibliográficas

- APEL, Willi. *Gregorian Chant*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.
- PAHLEN, Kurt. *História Universal da Música*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- BÍBLIA SAGRADA. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 1980. 1409p.
- CARR, Harry. *O Ofício do Maçom*. São Paulo: Madras, 2018.
- CESCON, Juliane Panozzo. A produção azulejar-ensinamentos e aprendizados nas corporações de ofício em Portugal no século XVIII como muodo di fare. *Temporalidades*, v. 9, n. 1, p. 290-309, 2017.
- COTTE, Roger. *La Musique maçonnique et ses musiciens*. 2 ed. Paris, Éditions du Borrégo, 1988, 232 p.
- BOUCHER, Jules. *A Simbólica Maçônica*. São Paulo: Editora pensamento. 1997
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo, 2003.
- DAVIES, Malcolm. Freemasonry and Music. In: *Handbook of Freemasonry*. Brill, 2014. p. 495-522. Disponível: <http://milwaukeefreemasonryformenandwomen.com/wordpress/wp-content/uploads/Handbook-of-Freemasonry-Henrik-Bogdan-Jan-A.-M.-Snoek.pdf#page=518> Acesso em 24 jan. 2021.
- DE MORAIS, Cassiano Teixeira. *Evasão Maçônica: causas e consequências*. 1a. Ed. Brasília: DMC, 2017.
- GEFEN, Gérard. *Les Musiciens et la Franc-maçonnerie*. Fayard, Paris, 1993
- HAYWOOD, H. L. *Famous Masons and Masonic Presidents*. Chicago: The Masonic History Company, 1944. 328 pp
- ISMAIL, Kenyoo. *História da Maçonaria para adultos*. Londrina/PR: Editora Maçônica "A trolha" Ltda, 2017.
- HERMANOWICZ, Joseph C.; MORGAN, Harriet P. "Ritualizing the Routine: Collective Identity Affirmation", *Sociological Forum* 14, no. 2 (1999): 197-214.
- HOUBEN, Jan. "The Ritual Pragmatics of a Vedic Hymn: The «Riddle Hymn» and the Pravargya Ritual", *Journal of the American Oriental Society* 120, no. 4 (2000): 499-536;
- ISMAIL, Kenyoo. *Relatório de pesquisa*. —CMI – Maçonaria no século XXI, 2018. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2018/04/RELAT%C3%93RIO-CMI.pdf> Acesso: 25 Jan. 2021.
- LEWIS, David. Masonic Musicians and Composers: An overview of their contributions to Music. LYCEUM LODGE of RESEARCH no. 8682 E.C, 2014. Disponível: <http://www.lyceumlodge.com/lectures/Lecture%20Lyceum%20Masonic%20Composers.pdf> Acesso em 25 jan. 2021.
- MITCHELL, Lloyd Earl. *The influence of freemasonry on some of the music of Wolfgang Amadeus Mozart*. 1969.
- MONTANARI, Valdir. *História da música: da idade da pedra à idade do rock*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1993.
- NETTL, Paul. *Mozart and Masonry*. New York: Philosophical Library, 1957. 150 p.
- RAPPOPOR, Dana. "Ritual Music and Christianization in the Toraja Highlands, Sulawesi", *Ethnomusicology* 48 (2004): 378-404 and many more.
- RUUD, Even. *Caminhos da musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990. 107p.
- RUUD, Even. (org.). *Música e saúde*. São Paulo: Summus, 1991. 175p.
- SOUSA, Kleber Cavalcante de. *A Maçonaria em 24 lições: introdução ao estudo maçônico*. Natal: AMRA, 2017.
- STEWART, R. J. *Música e psique: as formas musicais e os estados alterados de consciência*. São Paulo: Cultrix, 1989. 179p.
- TAME, David. *O poder oculto da música*. São Paulo: Cultrix, 1984. 336p.
- THOMSON, Katharine. "Mozart and Freemasonry." *Music & Letters* 57, no. 1, 1976. p. 25-46. Disponível: <http://www.jstor.org/stable/733806>. Acesso em 24 jan. 2021.
- WILDER-SMITH, Annelies; FREEDMAN, D. O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. *Journal of travel medicine*, v. 27, n. 2, 2020. <https://doi.org/10.1093/jtm/taaa020>
- WONG, Deborah. "Mon Music for Thai Deaths: Ethnicity and Status in Thai Urban Funerals", in *Asian Folklore Studies* 57, no. 1 (1998): 99-130.



## MÉTODO DE CONSTRUÇÃO DE UM PLANO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL MAÇÔNICO: Uma proposta

(METHOD OF CONSTRUCTION OF A MASONIC PERSONAL DEVELOPMENT PLAN: A proposal)

Jose Antônio Maciel Pereira <sup>1</sup>

João Damasceno de Jesus <sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta um método de base multidisciplinar como proposta para a solução de uma das maiores dúvidas de um Maçom para o uso do seu tempo doado à Instituição para o seu autodesenvolvimento e sua contribuição para os que lhe são próximos, bem como a melhoria da meio social em que está inserido. Utiliza ferramentas de disciplinas de gestão de organizações, mais especificamente no Planejamento Estratégico, para a sua construção e critérios de decisão para ações baseados em premissas claras e objetivas. Avança ao inserir como variáveis o momento em que o Maçom se encontra na sua vida, bem como o convívio com as suas imperfeições pessoais. O método converge em um Plano de Ação de Desenvolvimento Pessoal Maçônico flexível, sob o uso de metas factíveis e que devem ser acompanhadas ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Plano; Desenvolvimento; Maçom.

### Abstract

This article presents a multidisciplinary based method as a proposal for the solution of one of the greatest doubts of a Mason for the use of his time donated to the Institution for his self-development and his contribution to others, as well as the improvement of social environment in which it is inserted. It uses tools from association management disciplines, more specifically in Strategic Planning, for its construction and decision criteria for actions based on clear and objective premises. It advances by inserting as variables the moment when the Mason is in his life, as well as living with his personal imperfections. The method converges on a flexible Masonic Personal Development Action Plan, using feasible goals that must be followed over time.

**Keywords:** Plan; Development; Freemason.

<sup>1</sup> Engenheiro, Administrador e Bacharel em Ciências Náuticas. Pós-Graduação Latu Senso em Ciências Náuticas e Gestão Empresarial. Mestre em Administração pela FGV/EBAPE. Doutor em Engenharia e Ciências de Materiais, na área de concentração de Metrologia e Métodos. E-mail: [josemaciel1963@gmail.com](mailto:josemaciel1963@gmail.com)

<sup>2</sup> Engenheiro, Administrador e Bacharel em Ciências Náuticas. Pós-Graduação Latu Senso em Ciências Náuticas e Gestão Empresarial. Mestre em Sistemas de Potência pela UNIFEI. Doutorando em Engenharia de Produção na UNIFESP. E-mail: [jdamassaj@gmail.com](mailto:jdamassaj@gmail.com)

## 1. Introdução

A sociedade tenta estabelecer padrões de comportamento a todos os seus participantes para uma boa convivência e seu progresso ao longo do tempo. Sendo a Maçonaria um extrato desta mesma sociedade, também não se poderia pensar diferente em termos de procurar o estabelecimento de um padrão de agir entre os seus membros, que esteja alinhada com os princípios e valores reinantes em uma organização maçônica, denominada Loja Maçônica.

Uma Loja Maçônica é o local físico e, atualmente, até virtual, onde os membros maçons se reúnem. Possui a característica de ser tomada junto à sociedade como uma organização do Terceiro Setor, ou seja, destaca-se por ser o exercício de um tipo de voluntariado para o seu crescimento como ser humano, onde existe um forte espírito de fraternidade e harmonia entre seus membros, bem como desenvolvendo atividades de suporte assistencial à sociedade. Ao final, ser membro de uma Loja Maçônica, é ser responsável por sua própria mudança de comportamento e pensamento, bem como ser reconhecido em seu seio como realizador de ações em prol deste seu autoaperfeiçoamento pessoal e do meio em que está inserido.

A inquietação que gerou este artigo apareceu a partir da palestra do Irmão Wálber Coutinho, Assessor do Grande Oriente do Brasil, intitulada: "O que é ser maçom", apresentada em sessão virtual de 31/08/2020 na Loja Maçônica Cláudia Maria Liz Sveiter, jurisdicionada ao Grande Oriente do Brasil, a qual leva a pergunta de pesquisa muito desafiadora: "é possível construir um plano de desenvolvimento pessoal maçônico (PDPM) customizado que leve em conta as minhas imperfeições e o meu momento pessoal?"

Sob esta ótica, o objetivo deste artigo científico é apresentar uma proposta de método, baseado em ferramentas de gestão, mais especificamente no Planejamento Estratégico de organizações, para a definição de quais processos de ações que devem ser tomadas naquele momento para que o maçom se desenvolva dentro dos padrões desejados na Maçonaria.

Este artigo se justifica e se torna relevante por trazer para a discussão da Academia um método de fácil aplicação, organizado, lógico, racional e construído a partir de bases bibliográficas recentes do ano de 2020 em 99% das referências citadas. Deste modo, avança ao não se limitar à retórica de recomendações genéricas com ar de simples proselitismo, sem a devi-

da materialização. Também se destaca ao trazer as características da temporalidade e da imperfeição de quem o prepara, dentro de um ambiente de quem executa, ou seja, é flexível e aberto a um possível ajustes de um viés de foro íntimo.

## 2. Desenvolvimento Teórico

### 2.1. Maçonaria e Voluntariado.

A Maçonaria é considerada como uma Organização do Terceiro Setor, sendo regulada por legislações federal, estadual, municipal e maçônica pertinentes e se caracteriza por não ter uma única direção nacional ou mesmo uma única linha de pensamento e ação. Dentro destas organizações não existe (ou se presume não existir) qualquer vínculo financeiro para que o participante seja remunerado pelo tempo dedicado aos fins a que ela se propõe. Neste sentido, Da Silva (2020, p. 4) define voluntário como "o cidadão que, motivado pelos valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não remunerada, para causas de interesse social e comunitário". Deste modo, o pressuposto de que exista uma ação voluntária subjetiva, sem remuneração, que irá balizar da dedicação do tempo e ações do participante, dentro de um padrão próprio de motivação e subjetividade (Lirio e Brandão, 2020). Estas, por sua vez, são os motores para o movimento de utilizar o seu tempo, mostrando a grande importância do voluntário e do seu serviço para as organizações e para o Estado, como meio efetivo de organização social (COSTA e CRISPIM, 2020, p. 7)

### 2.2. Base para Construção do PDPM.

O passo inicial, ou seja, o marco zero para a construção do PDPM se inspira no Planejamento Estratégico, para a criação de uma Missão Pessoal, uma Visão Pessoal e apontar Valores Pessoais em sua situação de vida atual. Note-se que não se deve tomar estas três variáveis como estáticas, pois, como é dito, trata-se de se olhar no espelho, verificar que o seu momento atual e que as suas imperfeições apresentariam uma correlação estatística forte dentro desta proposta do Planejamento Estratégico Pessoal, ou seja, influenciam diretamente o seu sucesso. Sob essa diretriz, deve, corajosamente, racionalmente e de modo transparente, elencar sua Missão, Visão e Valores pessoais, as quais devem ser revisadas a um período de

finalizado pelo Obreiro que se utiliza do PDPM, dentro da ótica de que “a motivação do voluntariado é interligada ao bem-estar do indivíduo sendo influenciado pelo ambiente que está inserido, interpretados pela percepção e objetivos próprios” (LIRIO e BRANDÃO, 2020, p. 11).

### 2.3. Motivação e Matriz SWOT.

A motivação é algo inerente, ou seja, intrínseca ao ser humano, carregada de subjetividade e emotividade, por conseguinte está ligada aos nossos pontos fortes e aos pontos fracos, que podem ser facilmente identificados, onde é possível ocorrer uma ação própria. Sob este mesmo raciocínio, deve-se considerar como interpretamos os estímulos externos recebidos do ambiente em que se está inserido, ou seja, através das ameaças e oportunidades observadas, onde não se pode influir diretamente.

Ainda falando sobre Motivação, as Teorias mais correntes nas organizações versam sobre autores consagrados como Maslow, Herzberger e Aldefer (PEREIRA e TREVELLIN, 2020). Contudo, as observações que originaram as respectivas teorias são fruto de pesquisas de campo em organizações com fins lucrativos.

Ademais, a dinâmica atual da sociedade, onde a volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade, enquadra-se com muita propriedade dentro do conceito de uma sociedade com alta entropia. Sob este conjunto fático, estas teorias não são as mais apropriadas a serem aplicadas em um ambiente maçônico, pois não possuem base de pesquisa de campo em uma organização voluntária, onde o tempo pessoal é doado.

Em fácil conclusão, após estas considerações argumenta-se que elas não são recomendadas para serem aplicadas para construção e definição de políticas de ação para a motivação pessoal em uma organização composta por voluntários.

Neste sentido, a necessidade de uma correção de rota faz-se importante, já que se entende a motivação algo de foro íntimo, que depende de uma série de situações que definiriam a nossa ação frente às variáveis que podem ser captadas pela Matriz SWOT e ponderadas pelo Paradigma da Indecisão.

### 2.4. Estímulo

Neste artigo, toma-se a premissa própria de que o estímulo é oriundo de uma ação externa interpretada em nosso campo íntimo motivacional, cujo resultado afeta os nossos pensamentos e ações, e daí, a motivação pessoal, é função das nossas imperfeições e do momento de nossa vida atual.

### 2.5. Imperfeições

Toma-se, novamente, uma livre definição de que sejam todas as características pessoais ou intrínsecas que não estejam dentro do padrão idealizado da moral, ética, bons costumes e socialização no momento atual de nossa vida.

### 2.6. Dilemas Éticos

O momento atual de nossas vidas é determinante para a percepção dos Estímulos que irão influenciar na nossa Motivação Pessoal. Nesta ótica, em situações em que a motivação intrínseca toma forma, moldada por decisões que devam ser tomadas a todo momento em nossas vidas, influenciadas pelos estímulos internos, ou seja, que podem ser enquadrados em três parâmetros totalmente subjetivos, que são denominados “Dilemas Éticos”, apresentado por Cortella (2016, p. 1), com a tipologia codificada em “Devo? Posso? Quero?”, que traz a inspiração processual metodológica deste artigo.

## 3. Método e Resultados

### 3.1 Desenho do Método de Construção do PDCM:

O arcabouço lógico de construção do método está delineado nas etapas que terão o seu desenvolvimento a seguir.

### 3.2 Definição das Referências Bibliográficas de Apoio

Realizada busca na Plataforma eletrônica livre “Google Acadêmico” em 15/01/2021, com a restrição temporal de produção ao ano de 2020 em diante, para levantar Literatura Acadêmica tida como estado da arte, com a sintaxe: “motivação+voluntariado+terceiro setor” filetype:pdf”. Como resultado da busca, 34 (trinta e quatro) trabalhos científicos foram identificados. Após a leitura do resumo foram desconsiderados 29

(vinte e nove) por motivos de que não se relacionavam direta ou indiretamente com a pergunta de pesquisa. Deste modo, somente 05 (cinco) trabalhos científicos recentes foram considerados como próprios, o que reforça a atualidade do tema, e abrilhanta esta viagem acadêmica, bem como as suas conclusões.

### 3.3. Construção do PDPM

O Plano é construído a partir de ferramentas gerenciais utilizadas, principalmente, na área de conhecimento de Administração de Empresas, ou seja, são de uso corrente em organizações públicas e privadas. Também houve o auxílio do software Microsoft Excel® para apoio na construção, organização e hierarquização do método. Suas etapas estão descritas sequencialmente a seguir:

### 3.4 Aplicação do Brainstorming

O passo inicial neste sentido seria determinar quais seriam os padrões de comportamentos ideais que a Maçonaria espera de seus membros no macro-processo de vencer as suas paixões e seus vícios, os quais estão apresentados no Quadro 1.

### 3.4. Aplicação da Matriz SWOT

De posse deste quadro indicativo preliminar em exercício pessoal de qualidades ou capacidades maçônicas necessárias, o passo seguinte é um momento de reflexão consigo mesmo em frente a um espelho, devemos olhar nos nossos próprios olhos e ter a coragem de, transparentemente, levantar os nossos pontos fortes e pontos fracos frente a estes padrões, que denominaremos doravante de variáveis internas. Estas variáveis são ditas como internas, pois estão totalmente ligados ao nosso próprio interior, ou seja, nosso ambiente interno pessoal (nossos vícios e paixões). Deste modo, podemos influenciá-las diretamente para aperfeiçoá-las ou minorá-las a partir da nossa própria determinação. Em outro movimento frente ao espelho, identifica-se também o que entendemos de oportunidades ou de ameaças ao nosso progresso para nos adequarmos ao padrão maçônico esperado, que denominaremos de variáveis externas. Estas variáveis são ditas externas, pois não é possível influenciá-las diretamente a partir da nossa própria determinação, ou seja, somos desafiados a lidar de alguma maneira com elas.

A partir da identificação das variáveis internas e das variáveis externas, podemos ter o entendimento de que existe uma interface muito clara entre elas, que nos motivam ou desmotivam a nos tornarmos um maçom melhor.

**Quadro 1:** Resultado do Brainstorm

Se preparar para a Maçonaria Global
Facilidade com a Tecnologia
Evolução no Estudo Simbólico
Evolução no Estudo dos Corpos Filosóficos
Evolução no Estudo Esotérico
Participação em Eventos Virtuais
Participação em Eventos Presenciais
Integração da Cunhada na Loja
Integração da Cunhada em Entidades Para-Maçônicas
Participação de Filhos em Entidades Para-Maçônicas
Contribuição em Dia dos Metais da Loja
Indicação de Boas Pessoas para a Maçonaria
Maçom com Frequência acima de 90%
Colaboração com os Projetos da Loja
Maçom Positivo em Loja
Negócios com os Irmãos
Estimulação da Harmonia na Loja
Divulgação de Conhecimentos
Gosto pela Aprendizagem Contínua
Conversas Edificantes Fora de Loja
Ser uma Boa Referência para os Irmãos
Cunhada ser citada como Boa Referência
Sobrinhos citados como Boa Referência
Uso Aceitável do Traje Maçônico
Cumprir o Regulamento Maçônico
Orientação dos Aprendizes, CComp e Mestres Novos
Tornar-se Venerável-Mestre da Loja
Participar da Direção da Potência/Obediência
Participação em Organizações Não Governamentais
Participação em Atividades de Formação
Ter Autodisciplina
Ter Boa Retórica - Uso da Palavra
Conflitos entre Gerações
Desenvolvimento da Inteligência Emocional
Desenvolver a Escuta Ativa
Contribuir com Energias Positivas p/ Egrégora da Loja
Entender/Falar outro Idioma

**Fonte:** elaborado pelos autores

### 3.2.3 Identificação do seu Dilema Ético

A motivação é função das variáveis internas e, em qualquer trajetória de ação, é influenciada pelas nossas imperfeições e pela temporalidade na nossa interpretação, isto é, como entendemos e assimilamos as variáveis externas. Assim, motivação é algo intrínseco, pessoal, temporal e dinâmico, e não pode ser limitada como um modelo hierarquizado de necessidades dentro de um mundo onde a vulnerabilidade, a incerteza, a complexidade e a ambiguidade reinam totalmente. Assim nesta ótica, é necessário darmos um sentido, uma direção e um foco a esta trajetória do entendimento de como estas variáveis afetam a motivação para seguirmos para construção do PDPM. Assim, devemos adicionalmente, levar em conta que este foco seja dado, inicialmente, através de uma hierarquização das variáveis identificadas, tanto internas e externas, levando-se em conta a nossa situação atual e das nossas imperfeições.

Neste sentido, Cortella (2016, p. 1) traz uma abordagem que bem se enquadra em nossa necessidade de busca de um foco, ao definir o que todos nós vivemos em um dilema ético, que se traduz em: “Tem coisa que eu devo, mas não quero; tem coisa que eu quero, mas não posso e tem coisa que eu posso, mas não quero”.

Assim, nos territórios das chamadas variáveis de “poder, quer e dever”, consegue-se englobar os nossos dilemas da situação de vida atual, bem como as nossas imperfeições. Contudo, para maior efetividade da personalidade na construção do que devem ser, também, ponderadas, para que seja possível variar dentro de uma escala de valor pessoal estabelecendo premissas ou critérios específicos para cada elemento do nosso Dilema Ético.

Assim, com a percepção de que o Dilema Ético é pessoal, intrínseco, temporal e individual, faz-se a proposição de significados em termos de Valor Pessoal, Retorno Pessoal e Recursos Pessoais para uma Matriz de Priorização para as suas variáveis, que é apresentada no Quadro 2.

Em um processo de burilamento destes Dilemas Éticos para uma maior acuidade do PDPM, é proposta uma faixa de gradação individual de 1 (um) até 5 (cinco), ou seja, uma escala em que deva ser levada, mais uma vez, em conta o momento atual em que o Maçom se encontra em termos de vida profana ou mesmo em relação ao doar e seu tempo para a realização de atividades para lapidar a sua Pedra Bruta.

Sob esta ótica, é apresentado o Quadro 3, com esta escala.

**Quadro 2:** Matriz Priorização ao Dilema Ético

Variável	Significado	Pergunta	Peso
DEVO?	VALOR PESSOAL: Relação de Custo Pessoal x Benefício Pessoal x Valores Pessoais	O que eu terei de retorno com isso está dentro do que devo fazer atualmente?	3
QUERO?	RETORNO PESSOAL: Atribuição de importância da atividade no seu presente	Dentro da minha vida atual, isto vale à pena?	2
POSSO?	RECURSOS PESSOAIS: Tempo, Dinheiro, Habilidades, Apoio da Família, Gosto por Viajar etc.	Tenho os recursos necessários para ir em frente?	1

**Fonte:** elaborado pelos autores

**Quadro 3:** Escala para Variáveis de Dilemas Éticos

Escala	Quero?	Devo?	Posso?
1	Nem um pouco	Só vai me causar problemas	Não disponho de nenhum
2	Pouco	Sem retorno pessoal, mas possível viver sem isso	Abaixo do mínimo
3	Pode Esperar	Baixo Retorno Pessoal	Tenho o mínimo
4	É uma boa opção	Ficarei feliz com os resultados	Tenho grande parte
5	Me completa totalmente	Ficarei muito feliz com os resultados	Tenho todos

**Fonte:** elaborado pelos autores

### 3.2.4 Critérios para a construção da Tabela de Hierarquização para o PDPM.

Aplica-se para cada variável levantada na Matriz SWOT, a ponderação temporal em função das variáveis do Dilema Ético. Este relacionamento é denominado Rank Pessoal (RP), resultado do cálculo da Média Aritmética Ponderada, conforme Fórmula 1.

$$RP = (1)$$

Sendo ED = "Escala de 1 a 5 - Devo"

Sendo EQ = "Escala de 1 a 5 - Quero"

Sendo EP = "Escala de 1 a 5 - Posso"

### 3.2.5 Construção da Tabela de Hierarquização de RP para o PDPM através da Matriz de Hierarquização.

Em passo seguinte a caminho do PDPM, devemos fazer um cruzamento das variáveis internas e das variáveis externas observadas inicialmente com esta escala de valor de cada elemento do nosso dilema ético, para que seja possível identificar em um modelo hierarquizado, como se adequaria a nossa aderência a cada uma delas. Sob este prisma, devemos considerar que somos seres humanos imperfeitos e temos diversas atividades a serem executadas no mundo profano. Ao mesmo tempo, não se pode esquecer de que ser obreiro na Maçonaria é uma decisão pessoal e voluntária para dedicar seu precioso tempo e energia a melhorar a si próprio, por conseguinte, ser um exemplo para a sociedade.

A partir destas premissas, temos esta nova matriz de relacionamento preparada com a hierarquização que onde serão feitas as análises posteriores.

### 3.2.6 Apresentação da Curva Pessoal Temporal.

Esta modelagem ocorre com a aplicação da ferramenta estatística de regressão linear simples, dentro de um conceito de "goodness to fit", onde se seleciona a melhor curva representativa do fenômeno, que pode ser representado no modelo, para o comportamento do fenômeno em estudo, na condição de rank pessoal é uma função exponencial de grau 2, ou seja, a influência das características de ser um bom maçom é quadrática no ranking pessoal. A curva é validada pelo coeficiente de determinação (R<sup>2</sup>), que pode ser traduzido como que as características de um bom

Maçom, tomada como a variável independente, possuem 99,21% de impacto sobre o rank pessoal, tomada como variável dependente, o que é uma excelente influência.

## 4. Análise dos Resultados

### 4.1. Definição da Região dos Ranks Pessoais de Trabalho

Seguindo-se no processo de construção do PDPM, a hierarquização das variáveis nos permite já identificar o que, em um sentido de prioridade, deveria ter ação ou não.

Faz-se necessário um maior rigor para que sejam, também, estabelecidos os limites máximo e mínimos de Ranks Pessoais Hierarquizados, já que não é o objetivo do PDPM não é tornar o maçom perfeito com ações para todas as variáveis. Isto seria um grande equívoco, pois seriam desconsideradas toda a personalidade e temporalidade já considerada na sua metodologia de construção. Isto, certamente, se não tomada em conta, levaria ao PDPM ser abandonado rapidamente.

Assim, devemos entender que valores muito altos obtidos, no relacionamento hierarquizado, indicam que a nossa aderência atual às variáveis é boa ou pode ser tomada como suficiente, dentro do que se deseja com ser um melhor maçom. Em outras palavras, em termos de movimentos de melhoria, não valeria muito à pena despender energia, tempo e motivação para melhorar o que já é aceitável e pode ser mantido neste patamar.

Por outro lado, valores com resultados muito baixos, indicam que alguma avaliação do Dilema Ético, ou seja, "poder, querer ou poder" é tida como um entrave muito grande a uma melhoria na situação atual de vida para aquela variável, indicando que não é o momento ideal para gastarmos energia e tempo em movimentos de busca de melhorias, pois a possibilidade de insucesso é muito grande. Isto se pode traduzir, em que a ação recomendável seria conviver com estas imperfeições, sob um prisma de ser desafiado, temporariamente, a gerenciá-la, para que na próxima oportunidade de revisão do PDPM, outra análise seja feita dentro de um novo cenário de temporalidade e novo foco seja dado.

À luz deste raciocínio, são propostas faixas que delimitarão o foco do Plano de Ação na fase seguinte, para valores altos e baixos para um dispêndio efetivo

e eficiente de energia e tempo, sob uma atmosfera de motivação intrínseca. Em outras palavras, apresentam-se os limites, critérios e justificativas para três faixas de ação surgidas, com o foco da busca da eficiência e eficácia de energia e tempo dispendidos no Quadro 4.

**Quadro 4:** Critérios de Adoção das Variáveis do Plano de Ação

Limites de Rank	Critério	Justificativa
Entre 1,0 a 2,9	Não Mexer: indicação de dispêndio inútil de energia para o momento.	Posso? Devo? Quero? problemáticos
Entre 3,0 a 4,0	No PDPM: energia total direcionada - foco	Grande possibilidade de soluções imediatas
Entre 4,1 a 5,0	Não Mexer: dispêndio mínimo de energia para o momento	Funcionam bem: Apenas manter

**Fonte:** elaborado pelos autores

Tendo como referência estes valores de máximo e de mínimo, surge uma faixa tida como ideal para as ações, determinada pelos valores do Rank Pessoal iguais e entre 3,0 e 4,0 que atuam como pontos extremos, superior e inferior, e determina a Faixa de Ações do PDPM. Sob estas premissas, apresenta-se a seguinte proposta para a relação Rank Pessoal com foco em Ação, para a seleção das variáveis que constarão no PDPM, conforme Quadro 5.

**Quadro 5:** Critérios de Seleção para o PDPM

RP	Critério
4,1 a 5,0	Manter
3,0 a 4,0	Faixa do PDPM
1,0 a 2,9	Conviver

**Fonte:** elaborado pelos autores

A partir destes dois limites estabelecidos, a região central será aquela onde as variáveis, tanto internas, quanto externas, serão incluídas no Plano de Ação. Isto se justifica com a premissa de que, nesta região, tende a haver um dispêndio de energia, dedicação de tempo e ímpeto de motivação mais eficiente, pois há um equilíbrio entre o “dever, querer e poder” e as variáveis internas e externas, o que pode ser traduzido em uma maior possibilidade de sucesso na realização da ação proposta.

Isto posto, são apresentadas no Quadro 6, as variáveis que apresentam RP no seguinte intervalo  $3 \leq RP \leq 4$ , tido como o ideal.

**Quadro 6:** Variáveis Dentro da Faixa Ideal de RP

Item	Caraterísticas de um Bom Maçom
1	Participação em Organizações Não Governamentais
2	Ter Boa Retórica - Uso da Palavra
3	Conflitos entre Gerações
4	Participação em Atividades de Formação
5	Orientação dos Aprendizes, Companheiros e Mestres Novos
6	Indicação de Boas Pessoas para a Maçonaria
7	Negócios com os Irmãos
8	Desenvolver a Escuta Ativa
9	Divulgação de Conhecimentos
10	Se preparar para a Maçonaria Global
11	Evolução no Estudo Filosófico

**Fonte:** elaborado pelos autores

#### 4.2. Construção do PDPM - Plano de Ação através de Metas SMART e 5W2H

Tendo já o foco estabelecido em quais variáveis serão parte do Plano de Ação, o insumo principal ao PDPM, este deve ser construído a partir de metas que se enquadrem no padrão SMART. Este acrônimo é utilizado na área de Administração de Empresas, mais especificamente, também no Planejamento Estratégico, é traduzido livremente por metas que sejam Específicas, Mensuráveis, Atingíveis, Relevantes e Temporais. Já as ações descritas no plano seguem a estrutura de outra ferramenta de gestão, a Matriz 5W2H, onde, por sua vez, devem ser definidas com verbos de ação e especificando claramente as seguintes informações: “o quê, quem, quando, onde, por quê, quanto e como”. Destaque-se que no campo “o quê”, tra-

ta-se da variável identificada e itemizada no Quadro 6 e “quem” se refere à próprio obreiro, já que se trata de um plano pessoal, sendo desnecessário que este campo seja mostrado no PDPM.

## 5. Conclusão

O PDPM responde à inquietação do Autor transformada na pergunta de pesquisa, bem como objetivo proposto é atingido, para que um membro da Maçonaria, que pretende se adequar ao que dele se espera. Releve-se que é um plano de trabalho de apoio temporal, para resultados que virão a médio e, em longo prazo, pois as nossas imperfeições podem se alterar com o tempo, bem como o modo como interpretamos as ameaças e oportunidades que nos rondam. Já que se trata de um Plano Individual, não há sentido em transferir para outro qualquer responsabilidade de sucesso ou dificuldade de realização ou mesmo revisão periódica.

O método possui considerável flexibilidade, podendo ser aplicado por qualquer membro de uma Loja Maçônica Simbólica ou mesmo de uma Loja dos Corpos Filosóficos. Longe da pretensão de apresentar um solução definitiva, o PDPM mostra um caminho com diversas possibilidades de adaptação, com o apoio de base científica, suporte de ferramentas qualitativas e quantitativas que utiliza de matrizes específicas consagradas na Literatura. O PDPM tem fundamento utilitarista, lida com variáveis subjetivas e poderia ser enquadrado no campo de estudos instrumentais da Maçonaria Autêntica onde busca técnicas aplicadas sob rigor metodológico, fontes acadêmicas e relevância em sua construção.

## 6. Referências

COELHO, Henrique Judson Amorim. Voluntariados no Brasil: um estudo entre os self-oriented e os other-oriented e sua influência no engajamento de voluntários. *Dissertação de Mestrado em Administração*. Faculdade Meridional – IMED. Passo Fundo 2020.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Dilemas Éticos*. 2016 [consult. 2020-10-20 12:09:17]. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/mjy1njg5mw/>.

COSTA, Tayane Silva e CRISPIM, Rute Irene Claudio. Perfil e Motivação de Voluntários nas ONG's de Floriano – Piauí. (2020). *VII CIEH Congresso Internacional de Envelhecimento Humano*. Envelhecimento baseado em Evidências: Tendências e Inovações. Campina Grande – PE. [consult. 2020-10-22 20:06:55]. Disponível em: <http://>

[editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2020/trabalho\\_ev136\\_md1\\_sa5\\_id1490\\_01072020195012.pdf](http://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2020/trabalho_ev136_md1_sa5_id1490_01072020195012.pdf)

DA SILVA, Fernanda Pereira. A Publicidade e a Propaganda Mediante o Contexto dos Programas de Ação Solidária. *Revista Científica Semana Acadêmica*. Fortaleza, ano MMXX, no 000195, 10/06/2020.

LÍRIO, Lauro André de Souza e BRANDÃO, Silvânia Soares Santos (2020) Trabalho Voluntário: Um Estudo De Caso Sobre O Perfil, Aspectos De Motivação e Subjetividade Dos Voluntários Do Lar Nossa Senhora Do Perpétuo Socorro. Associação Goiana de Administração *Conad*. 25ª Edição.

PEREIRA, Marriete Nágela e TREVILIN Ana Teresa Colenci. Qualidade de Vida no Trabalho: a importância das pessoas nas organizações. *Interface Tecnológica* - v. 17 n. 1 (2020). [consult. 2020-11-27 19:55:13]. DOI: 10.31510/inf.v17i1.716

**O IMPACTO DE UM RITO SOBRE OUTRO:  
Três cruzamentos entre o REAA e o Rito Moderno**

(THE IMPACT OF ONE RITE ON ANOTHER: Three encounters between the A&ASR and the Modern Rite)

Kenny Ismail <sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo trata de três fatos históricos selecionados propositalmente para ilustrar o impacto histórico que um rito maçônico pode gerar em outro, mudando assim seu curso, o que condiz com as leis universais da física, de que um corpo mantém seu movimento, a menos que haja uma força sobre ele; que a mudança é proporcional à força sobre ele; e que para toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade. Neste caso, os ritos utilizados para fins de exemplificação são o Rito Escocês Antigo e Aceito e o Rito Moderno.

**Palavras-chaves:** Rito Escocês Antigo e Aceito, Rito Moderno, História da Maçonaria.

**Abstract**

This article deals with three historical facts selected on purpose to illustrate the historical impact that one Masonic rite can have on another, thus changing its course, which is consistent with the universal laws of physics, that a body maintains its movement, unless there is a force over him; that the change is proportional to the force on him; and that for every action there is always an opposite reaction of equal intensity. In this case, the rites used for the purposes of illustration are the Ancient and Accepted Scottish Rite and the Modern Rite.

**Keywords:** Ancient and Accepted Scottish Rite; Modern Rite; History of Freemasonry.

<sup>1</sup> Mestrado Acadêmico em Administração pela EBAPE-FGV, MBA em Gestão de Marketing pela ESAMC, Bacharelato em Administração pela UnB. Professor de pós-graduação no Ibmec e na Uninter. E-mail: [kennyoismail@gmail.com](mailto:kennyoismail@gmail.com)

## 1. Introdução

Ao se estudar e pesquisar a história da Maçonaria latina e de seu protagonismo francês, não há como ignorar a relevância do Rito Francês ou Moderno, que não apenas esbarra, mas cruza com todas as vertentes que beberam dessa fonte, inclusive do Rito Escocês Antigo e Aceito, que se tornou o rito mais praticado por toda a Maçonaria Latina, seja no Velho como no Novo Continente.

Assim, para ilustrar apenas três desses cruzamentos históricos envolvendo o Rito Moderno e o Rito Escocês Antigo e Aceito, e como os acontecimentos envolvendo um podem, de alguma forma, terem refletido no outro, este breve artigo dedica-se a dissertar sobre a chegada (ou retorno) do REAA à França, em 1804, e como isso impactou no Grande Oriente de França; como a hegemonia do Rito Moderno no Brasil, em 1833, levou o Supremo Conselho do REAA de Montezuma a criar a equivalência entre ritos; e os desdobramentos do Congresso de Lausanne, de 1875, que influenciaram o Convento de 1877 do Rito Moderno.

## 2. O REAA e seu berço francês

Nos anos 1750, a "maçonaria escocesa" e seus graus estavam se desenvolvendo rapidamente, dominando a política interna da Maçonaria na França. Foi então que, em 1756, surgiu o "Conselho dos Cavaleiros do Oriente", dirigido por maçons da classe média (burgueses), com o intuito de organizar os Altos Graus do rito. Já os maçons de classe mais alta e da nobreza, liderados por Stephen Morin e não desejando ficar para trás dos burgueses, criaram o "Supremo Conselho de Imperadores do Oriente e do Ocidente", em 1758 (MORRIS, 2006). Ambos eram frutos do Capítulo de Clermont (COIL; BROWN, 1961). Ora, um "Supremo Conselho" soa maior do que um simples "Conselho", e "Imperadores" são logicamente superiores do que simples "Cavaleiros". Além disso, "Oriente e Ocidente" é o dobro do que apenas "Oriente"! Dessa forma, esse Supremo Conselho de Imperadores do Oriente e do Ocidente<sup>2</sup> conseguiu prevalecer sobre o semanticamente diminuído Conselho dos Cavaleiros do Oriente, se tornando a legítima "incubadora" do Rito de Heredom, aparentemente concluído no formato de 25 graus no início dos anos 60 daquele século, e inventando a patente de Morin que garantiu a exportação do rito para o novo

continente.

Em 1763, Stephen Morin, portando sua patente que lhe outorgava autoridade para estabelecer o Rito de Heredom no continente americano, concedeu outra patente a Henry Andrew Francken. Começando por Santo Domingo, Jamaica e, provavelmente, Louisiana, em 1767 o Rito de Heredom já estava sendo concedido em New York e de lá rapidamente se espalhou por todo o país, com dezenas de Grandes Inspectores disputando irmãos candidatos, sem divisões de territórios, e concedendo outros graus franceses ou até mesmo inventando novos graus para atrair mais clientes. Um verdadeiro caos.

Foi nos Estados Unidos, mais precisamente no estado da Carolina do Sul, que, por iniciativa dos chamados 11 cavalheiros de Charleston, definiu-se o sistema composto por 33 graus e o batizou com o nome de "Rito Escocês Antigo e Aceito", colocando ordem sobre o caos. Nessa ocasião, lá nos Estados Unidos, nasceu o 1º Supremo Conselho do REAA no mundo, em maio de 1801 (COIL; BROWN, 1961). Não demorou para que os Inspectores Gerais do Rito de Heredom aderissem ao Supremo Conselho, de forma a poderem comercializar 29 graus em vez de 22. E os poucos que não aderiram, acabaram por desaparecer.

Os 25 graus do Rito de Heredom e sua difusão nos Estados Unidos é que deram origem ao REAA. Entretanto, temos aí uma diferença de oito graus entre o Rito de Heredom (25 graus) e o Rito Escocês Antigo e Aceito (33 graus). Que maçom nunca se perguntou quais seriam esses oito graus, não é mesmo? Os graus que surgiram nos Estados Unidos e foram acrescentados entre os graus do Rito de Heredom, formando o sistema do Rito Escocês Antigo e Aceito como o conhecemos, são os graus hoje numerados entre o 23º e o 27º, e os 29º, 31º e 33º graus. Pike acreditava que esses graus acrescentados tinham origem em outros ritos franceses:

Os oitos novos graus têm sua origem em outros ritos praticados na França por volta de 1765. Os graus de Chefe do Tabernáculo (23º), Príncipe do Tabernáculo (24º), Cavaleiro da Serpente de Bronze (25º) e Escocês Trinitário (26º) pertencem a uma mesma série em que o último denota a origem. O mesmo ocorre com o 27º, Grande Comandante do Templo. O 29º, Grande Escocês de Santo André, encontraria sua

<sup>2</sup> Ferido de morte pelo Grande Oriente de França, em 1786.

origem no grau supremo da Ordem da Estrela Flamejante, de 1766. Quanto aos dois últimos graus anexados, Grande Inspetor Inquisidor Comandante (31º) e Soberano Grande Inspetor Geral (33º), sua origem francesa seria encontrada no seio da Mère Loge Écossaise du Contrat Social, da qual Grasse-Tilly era membro antes de partir para a América (PIKE, 1962 apud RIBEIRO, 2017, p. 98).

### 3. O bom filho a casa torna

O termo “o bom filho a casa torna” está relacionado à parábola cristã do filho pródigo. Neste caso em particular, refere-se aquele filho (Rito de Heredom), que viaja ao exterior (Estados Unidos) com sua herança (Escocesa) e depois de anos retorna a sua casa (França). Na parábola, dois filhos recebem de forma antecipada a herança de seu pai. Um deles resolve viajar e aproveitar o que o mundo tem a oferecer. Após gastar todo seu dinheiro em luxúria, percebe que o verdadeiro valor está na família e retorna para casa, onde é recebido de braços abertos pelo pai.<sup>3</sup> No entanto, neste caso maçônico, não retorna mais pobre do que foi, e sim “enriquecido” com graus.

Como já exposto, o Rito de Heredom, desenvolvido na França e com seus 25 graus, foi introduzido nos Estados Unidos, a partir de 1767, e lá transformado no Rito Escocês Antigo e Aceito, de 33 graus, mais precisamente em Charleston, na Carolina do Sul, culminando na criação do Supremo Conselho “Mãe do Mundo”, em 31 de março de 1801 (ISMAIL, 2015).

Em Charleston, desde 1795, vivia o Conde Alexandre François Auguste de Grasse-Tilly, aristocrata e militar francês, que havia se mudado para os Estados Unidos após a revolta dos negros na ilha de São Domingo, que hoje divide-se entre a República Dominicana e o Haiti. Ele era membro da célebre Loja Maçônica parisiense “São João da Escócia do Contrato Social”, então jurisdicionada ao Grande Oriente de França (MACKEY, 1914).

Ao mencionar essa Loja, faz-se necessário incluir uma pequena observação: essa Loja se auto intitulou, em 1776, a “Loja Escocesa Mãe”, abraçando em torno de si outras trinta Lojas “Escocesas”, ou seja, adeptas de ritos originados a partir das Lojas formadas por escoceses da corte dos Stuarts exilados na França.

Essa iniciativa deveu-se à postura do Grande Oriente de França em adotar o Rito Moderno, recém-criado, em detrimento dos demais ritos. O atrito dessas Lojas, lideradas pela “Loja Escocesa Mãe”, com o Grande Oriente de França durou até 1781, quando uma trégua foi alcançada (DARUTY, 1879).

Retomando a cronologia dos fatos, ao ser investido no 33º grau, em março de 1802, tornando-se Grande Inspetor Geral, o Conde de Grasse-Tilly recebeu do Supremo Conselho de Charleston carta que lhe permitia criar um Supremo Conselho para as ilhas das Antilhas Francesas. Apenas dois meses depois, em maio de 1802, ele retorna a São Domingos e funda seu Supremo Conselho, o Supremo Conselho de Porto Príncipe, tornando-se Soberano Grande Comendador do mesmo (COIL; BROWN, 1961).

Entretanto, após mais dois anos de serviço militar em São Domingos, o conde consegue garantir seu retorno à terra natal, desembarcando em Bordeaux em junho de 1804 e dirigindo-se com sua família a Paris. E enquanto aguarda sua nova designação no exército, aproveita para conceder os “novos graus escoceses”, criados nos EUA, nas Lojas “escocesas” da capital francesa, causando frisson na Maçonaria local.

O reflexo da dedicação do Conde de Grasse-Tilly ocorre em menos de quatro meses após seu retorno à França, com a fundação do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da França, em 20 de outubro de 1804, com o conde assumindo como seu Soberano Grande Comendador. Aproveitando o movimento iniciado pelo conde, cinco Lojas “Escocesas” (La Parfaite Union, La Réunion des Étrangers, Les Élèves de Minerve, Le Cercle Oriental des Philadelphes, Saint-Alexandre d’Écosse), que estavam enfrentando dificuldades com o Grande Oriente de França por não adotarem o Rito Moderno, apenas dois dias depois da fundação do Supremo Conselho, reúnem-se para fundar a Grande Loja do Rito Escocês Antigo e Aceito da França, escolhendo o Príncipe Luís Bonaparte como Grão-Mestre e o Conde de Grasse-Tilly como seu Adjunto. Na ocasião, justificaram a iniciativa pelo “sistema escocês ser o único (dos sistemas franceses) conhecido no estrangeiro e no qual os maçons de todo o universo podem unir-se e confraternizar-se, enquanto que o Rito Moderno não é permitido em qualquer país” (SIMON, 2013, p.26-27).

Ao tomar notícia do ocorrido e das personalidades envolvidas, o Grande Oriente de França se coloca

<sup>3</sup> BÍBLIA SAGRADA. Lucas 15:11-32.

à disposição para sentar-se à mesa e iniciar um processo de união. O resultado do acordo teve sua consumação em 27 de novembro daquele ano de 1804, com Joseph Bonaparte assumindo como Grão-Mestre do Grande Oriente de França e Luís Bonaparte, que antes havia assumido como Grão-Mestre da Grande Loja do Rito Escocês, tornando-se seu Grão-Mestre Adjunto. Em 1º de dezembro Napoleão é coroado como Imperador da França e, em 03 de dezembro, o Grande Oriente e a Grande Loja (já com uma dúzia de Lojas) assinam um ato de união, por meio do qual a Grande Loja deixava de existir e o Grande Oriente passava a reconhecer o governo dos altos graus pelo Supremo Conselho.

No entanto, o Grande Oriente de França, ainda apegado ao governo de todos os graus, resolve, em julho de 1805, criar sob sua administração um "Grande Diretório dos Ritos"<sup>4</sup> (uma espécie de ACAM<sup>5</sup> daquela época), causando revolta nos maçons do Rito Escocês, que compreenderam que o ato de união estava sendo violado e decidiram, por essa razão, reabrir a Grande Loja. O Grande Oriente volta atrás, mas não completamente: mantém o recém-criado Grande Diretório dos Ritos, mas modificando levemente seu escopo (WAITE, 2007). E o rito que mais sentiu tal centralização foi o Moderno, hegemônico na França à época.

#### 4. Nasce a polêmica "equivalência" entre Ritos no Brasil

No Brasil, cuja Maçonaria retoma os trabalhos ao final de 1831, o boom de lojas do Rito Escocês Antigo e Aceito somente ocorreu após a instalação do Supremo Conselho do Brasil, por Montezuma, em novembro de 1832. Diferentemente do processo de fundação de lojas simbólicas, um Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito somente pode ser fundado em um território soberano com uma carta de outro Supremo Conselho cuja linhagem possa ser comprovada até o Supremo Conselho "Mãe do Mundo". No caso do Brasil, Montezuma detinha carta emitida pelo Supremo Conselho "dos Países Baixos", que viria a se tornar o Supremo Conselho da Bélgica, da-

tada de 12 de março de 1829. Ele contou como seu Lugar Tenente Comendador o Irmão norte-americano David Jewet, portador de uma carta do Supremo Conselho de Cerneau, que, apesar de ser mais antiga, tinha origem irregular, e que por isso não fora utilizada para esse fim. Jewet era um militar norte-americano que havia servido a Inglaterra e liderado a conquista das Ilhas Malvinas. Posteriormente, trabalhou um período como corsário até ser contratado pela Marinha do Brasil.

Os decretos de Montezuma enquanto Soberano Grande Comendador do então recém formado Supremo Conselho dos Poderosos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33 e último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito para o Império do Brasil sugerem as dificuldades encontradas em implementar e consolidar um rito novo em uma Maçonaria recém reerguida no Rito Moderno e já sofrendo com um cenário de disputas e perseguições (SC33, 1837).

Montezuma contava com Candido Ladisláo Japi-Assú como Grande Secretário Adjunto, com quem assinou os primeiros decretos. Japi-Assú era médico e famoso advogado e jurista baiano que atuava no Rio. Ainda em dezembro de 1832, apenas alguns dias após sua instalação, o Supremo Conselho já decretava que um membro expulso de um de seus corpos não pode ser admitido em outro, assim como um irmão rejeitado em um corpo somente pode ser reapresentado no mesmo e observado um prazo mínimo de um ano para tal. Se esse assunto mereceu atenção já no primeiro momento do Supremo Conselho, pode-se imaginar a prática maçônica brasileira daquela época.

Em 1833, o Supremo Conselho definiu as taxas de iniciações, filiações e regularizações. Essas chegavam a até 50 mirreiros, relativa à investidura ao 33º grau, o que equivaleria a aproximadamente seis mil reais nos dias de hoje. Também decretou-se um sistema de correspondência (ou equivalência) entre o Rito Moderno e o Escocês, de forma a incentivar a filiação e regularização de membros oriundos do primeiro, ainda majoritário, no segundo: o 4º grau do Moderno (ou 1a. Ordem) correspondia ao 11º do REAA, o 5º (ou 2a. Ordem) ao 14º, o 6º (ou 3a. Ordem) ao 17º, e

<sup>4</sup> Que posteriormente teria seu nome mudado para Grande Colégio de Ritos.

<sup>5</sup> ACAM – Associação Cultural de Aperfeiçoamento Maçônico, criado em 2004 pelo GOB para abrigar e governar as Ordens de Aperfeiçoamento Inglesas e outras, todas sob a autoridade do Grão-Mestre Geral do GOB. Isso fere um princípio de regularidade de prática pelo qual a Maçonaria Simbólica somente pode governar os três graus simbólicos. A única exceção é referente ao Arco Real Inglês que, no sistema inglês, não é considerado um grau, e sim um complemento do grau 03 devendo, este sim, ser governado pelo GM.

o 7º (ou 4a. Ordem) ao 18º. Quanto a isso, cabe informar que o Rito Moderno tem tradicionalmente apenas sete graus. O 8º e o 9º graus do Rito Moderno (5a Ordem), que apresentam certa relação alegórica com os 30º e 33º graus do REAA, não existiam à época, sendo inovações brasileiras mais recentes, de 1999 (BATALLA, 2013).<sup>6</sup>

## 5. Lausanne: um Congresso desejado... e boicotado

O ciclo de vida não alcança apenas os seres dos reinos biológicos, mas também as organizações e até mesmo os ritos. Assim, após meio século de crescimento e expansão, começou-se a sentir a necessidade de ingresso na fase de maturidade, também conhecida como de institucionalização (KAUFMANN, 1999).

O Supremo Conselho da Inglaterra e País de Gales teve, em 1857, a ideia de reunir os Supremos Conselhos do Rito Escocês Antigo e Aceito regulares do mundo em um congresso. E Albert Pike, quando assumiu, em 1859, como Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho "Mãe do Mundo", a quem o Supremo Conselho da Inglaterra havia submetido a proposta, adotou esse sonho como se fosse seu. Até que, depois de mais de quinze anos de negociações, seu sonho foi efetivamente realizado, entre os dias 06 e 22 de setembro de 1875, em Lausanne, na Suíça. Mas, infelizmente, Pike não estava presente.

Neste ponto, é importante fazer um adendo: Em 1813, Joseph Cerneau fundou um Supremo Conselho em New York por "geração espontânea" (sem carta constitutiva). Não bastasse seu Supremo Conselho estar dentro da jurisdição do Supremo Conselho da Jurisdição Norte dos EUA, ele reivindicava jurisdição sobre todo o território dos EUA. Esse Supremo Conselho irregular concedeu, em 1826, carta para que David Jewet fundasse um corpo no Brasil. Apenas alguns anos depois disso, o Supremo Conselho da Bélgica forneceu carta similar para que Montezuma também fundasse um Supremo Conselho brasileiro. Mon-

tezuma, muito diplomático, fundou com sua carta (da Bélgica), concedendo o posto de Lugar Tenente Comendador (segundo no comando) a Jewet, portador da carta do Supremo Conselho de Cerneau. E por muito tempo, orgulhavam-se do Supremo Conselho do Brasil possuir duas cartas, mesmo uma sendo de origem irregular.

Em 1834, o Supremo Conselho da França, o da Bélgica (fundado pela França), o do Brasil (com carta da Bélgica e de Cerneau) e o Supremo Conselho de Cerneau, assinaram um tratado de Aliança, primeiro do tipo no mundo, mas que foi por décadas criticado e denunciado pelos dois Supremos Conselhos dos EUA, e especialmente por Pike, o que deve ter motivado, em parte, seu desejo de realizar um congresso mundial de Supremos Conselhos, para colocar "ordem sobre o caos". Pike chegou a sugerir que o Supremo Conselho do Brasil seria irregular ao apresentar sua carta do Supremo Conselho de Cerneau. Por sorte, a maioria dos membros do Supremo de Cerneau migraram para o Supremo Conselho da Jurisdição Norte dos EUA, em 1867; e os poucos remanescentes foram expulsos de suas respectivas Grandes Lojas, que resolveram comprar essa briga. E o Brasil rapidamente esqueceu-se do Supremo Conselho de Cerneau e apegou-se à carta da Bélgica, considerada regular por todo o mundo e a que efetivamente deu origem ao nosso Supremo Conselho.

Mas os estragos do Supremo Conselho de Cerneau não pararam por aí e podem ter refletido na ausência de Albert Pike no congresso que ele mesmo, por tanto tempo, idealizou e promoveu. Em 1834, o Supremo de Cerneau concedeu carta para a fundação de um Supremo Conselho da Louisiana, com sede em New Orleans. Como a Louisiana havia sido um território francês, vendido aos Estados Unidos em 1803, essa relação histórica motivou (ou serviu de desculpa para) o Grande Oriente de França a reconhecer o Supremo Conselho da Louisiana, em 1868.<sup>7</sup> Não bastasse, faltando apenas seis meses para o evento, o Supremo Conselho da França questionou o Supremo Conselho "Mãe do Mundo" (de Pike) sobre a funda-

<sup>6</sup> A 5a. Ordem existia originalmente no Rito Moderno, havendo menção à mesma no estatuto do Grande Capítulo francês, de 1784. Entretanto, ela não possuía graus e rituais, sendo dedicada a reuniões para estudo de outros graus (BAUER; MEYER, 2012).

<sup>7</sup> O Grande Oriente de França e o Supremo conselho da França viveram uma relação de amor e ódio, com muito mais ódio do que amor, desde o dia da fundação do Supremo Conselho, em 1804, até, pelo menos, 1880. Isso porque o Grande Oriente de França teimava em manter uma estrutura chamada Grande Colégio de Ritos, que governava os Altos Graus dos diferentes ritos adotados, chocando-se com o Supremo Conselho. Seu reconhecimento ao Supremo Conselho da Louisiana foi logo após o Supremo Conselho de Cerneau, seu aliado, abater colunas.

ção de altos corpos no Havaí (então um estado independente), onde o Supremo Conselho da França também mantinha corpos (BERNHEIM, 20--). Por tais razões, talvez Pike não estivesse motivado a encontrar franceses frente a frente. Mas o evento que idealizou ocorreria mesmo sem ele.

## 6. A divina polêmica...

Com abertura do evento no dia 06 e criação de comissões de trabalho no dia 07, o dia 08 trouxe o fato que, inesperadamente, viria a mudar toda a geopolítica maçônica mundial. Uma das comissões começou a discussão dos termos da declaração de princípios do Rito Escocês Antigo e Aceito, e, já em seu início, empacou na proposta de exigência da crença em um "Princípio Criador" em vez de em "Deus". O tema levou um dos integrantes da comissão, Lindsay Mackersey, Past Soberano Grande Comendador e representante do Supremo Conselho da Escócia, que já estava incomodado pelas discussões em francês, língua que não dominava, a se retirar da comissão e abandonar o evento. Em seu entendimento, a adoção de um "Princípio Criador" em substituição a Deus feriria um dos principais landmarks da Maçonaria e, por essa razão, não poderia sequer ser cogitada, quanto mais votada. Do hotel em que estava hospedado, escreveu uma carta e mandou entregar ao seu anfitrião, Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho da Suíça (MANDLEBERG, 1997).

Durante os dias seguintes de congresso, outro assunto apresentado e aprovado assegurava ao Supremo Conselho da Inglaterra jurisdição sobre todos os territórios além-mar sob domínio da Grã-Bretanha e ao Supremo Conselho da França a jurisdição sobre o Havaí. Infelizmente, Mackersey, representante da Escócia, não estava mais presente para apresentar objeção e garantir que os Supremos Conselhos da Escócia e da Irlanda não fossem prejudicados. Por essa razão, há quem defenda que a celeuma causada por Mackersey já no primeiro dia de debates com a questão da declaração de princípios era apenas um pretexto para tentar desacreditar o evento, retirar-se, e com isso tentar impedir que essa proposta inglesa fosse votada (estratégia "Jânio Quadros"). Mas acho difícil acreditar que um escocês fugiria da oportunidade de brigar com a Inglaterra por território. Prefiro acreditar que a Inglaterra aproveitou a ausência da Escócia e da Irlanda para emplacar essa proposta de "reserva de mercado" (BERNHEIM, 20--).

Ao final do Congresso de Lausanne, restou aprovado os seguintes documentos para publicação e envio aos Supremos Conselhos: um tratado de união e confederação dos Supremos Conselhos; a revisão da constituição do REAA; um Tuileur do rito; e a Declaração de Princípios, constando o Princípio Criador em vez de Deus.

## 7. ... e seus resultados

Nos meses seguintes, as consequências do evento começaram a surgir:

- O Supremo Conselho da Escócia questionou formalmente a decisão referente ao princípio criador da Declaração de Princípios, acompanhado da Grécia, e quanto a questão territorial envolvendo o Supremo Conselho da Inglaterra;
- O Supremo Conselho da França notifica Pike sobre a questão jurisdicional envolvendo o Havaí e a decisão do congresso a respeito, e o Supremo Conselho "Mãe do Mundo" rompe com a França por essa razão;
- Escócia, Grécia e Irlanda decidem não participar da confederação dos Supremos Conselhos pela questão deísta-teísta, comunicando formalmente o então anfitrião, Supremo Conselho da Suíça, sobre essa decisão;
- Mackersey envia carta a Pike explicando a posição da Escócia, Irlanda e Grécia e sugerindo a Pike, enquanto idealizador da criação da confederação, a tomar uma posição e providência quanto a questão;
- Após ler as manifestações da Escócia sobre a questão deísta-teísta, Pike manifesta-se a favor da posição escocesa e contra a decisão tomada no Congresso de Lausanne a respeito da questão, classificada por Pike como uma "depravação";
- Os Supremos Conselhos da Escócia, da Irlanda, da Grécia e da Jurisdição Sul dos EUA criam uma liga em oposição à confederação criada em Lausanne, que se reúne em Edimburgo, em setembro de 1877;
- Em resposta a esse conflito promovido pelo Supremo Conselho da Escócia, em outubro de 1878, o Supremo Conselho da Inglaterra resolve romper relações com o mesmo, e mudar o nome adotado em sua jurisdição, de Rito Escocês Antigo e Aceito para Rito Antigo e Aceito, suprimindo assim o ter-

mo "Escocês", de modo a não fazer mais referência alguma a Escócia.

Enquanto isso, em 1877, o Grande Oriente de França (que não abria mão da irregularidade de conceder os Altos Graus dos ritos adotados, incluindo o Rito Escocês Antigo e Aceito, concedendo, inclusive, o 33º grau, em detrimento do Supremo Conselho da França) e o Grande Oriente da Bélgica resolveram tomar partido na discussão deísta-teísta e retirar de suas legislações os dois únicos dogmas maçônicos, ou seja, a obrigação da crença em um Ser Supremo e na imortalidade da alma.

No Convento do Grande Oriente de França, a mudança foi estrategicamente proposta por um pastor, Desmond, que propôs a retirada de uma frase inteira do primeiro artigo da constituição daquela obediência, que dizia: "*La Franc-Maçonnerie a pour principe l'existence de Dieu et l'immortalité de l'âme*".<sup>8</sup>

No entanto, os Supremos Conselhos da França e da Bélgica mantiveram os dogmas em seus postulados, sob os olhos atentos do Supremo Conselho da Inglaterra, que apressou-se em declarar ter sido enganado na questão deísta-teísta, a qual estava sendo usada para iniciar ateus na Maçonaria; e informar sua saída da confederação criada em Lausanne.

E, em meio a todo esse turbilhão, a confederação de Lausanne adormeceu e, conseqüentemente, a "Liga de Edimburgo" (Jurisdição Sul dos EUA, Escócia, Irlanda e Grécia). A relação entre os Supremos Conselhos do REAA em escala mundial somente foi retomada em 1907, com um novo congresso mundial, dessa vez em Bruxelas.

## 8. Considerações Finais

A interdisciplinaridade é um conceito bastante em voga no mundo acadêmico e científico, tratando da integração do conhecimento, outrora fragmentado e sistematizado. A relação sujeito-objeto, tradicionalmente observada pelo limitado prisma de uma ciência, rompe as barreiras epistemológicas então impostas, em prol de uma visão mais holística.

Algo similar pode ser alcançado na Maçonaria. Ao eleger um objeto de estudo, como um rito específico, qualquer estudo e pesquisa que se restrinja a uma análise estrita àquele rito e seus sujeitos, dará resultados limitados. Isso porque as inter-relações

com outros ritos, com distintas obediências, com o mundo profano, e todos os fenômenos políticos, sociais, econômicos e organizacionais envolvidos, impactam direta e indiretamente no sujeito e no objeto.

Assim, não foi e não é possível aprofundar-se no Rito Escocês Antigo e Aceito, seja no Brasil ou fora dele, sem encontrar-se com o Rito Moderno, com o Rito de York, com o Grande Oriente de França e uma dúzia de outras obediências, com a geopolítica histórica envolvendo França, Estados Unidos, Haiti, com a mudança de governos franceses, com os exílios políticos do império brasileiro, etc.

E, ao mudar o objeto, no caso o Rito Moderno, logicamente essa premissa permanece. Esses três exemplos mostram conexões pelas quais vê-se pessoas distintas de instituições distintas em países distintos cujas ações causaram desdobramentos de reações que alcançaram o Rito Moderno.

Somente por meio dessa "interdisciplinaridade maçônica" pode-se enxergar o que antes era inimaginável: que Dutty Boukman, sacerdote Vodou que liderou os escravos na Revolução Haitiana, de alguma forma impactou no REAA e no Rito Moderno; que um exílio político no segundo ano do Império brasileiro levaria ao fim da hegemonia do Rito Moderno no Brasil; ou que um escocês que não falava francês pode ter dado o pontapé inicial para o Convento de 1877.

## 9. Referências bibliográficas

BATALLA, J. M. B. A sobrevivência extraordinária das ordens da Sabedoria do Rito Moderno Francês no Brasil. Trad. José Antônio Filardo. *Revista Bibliot3ca*. Disponível em: <https://bibliot3ca.com/a-sobrevivencia-extraordinaria-das-ordens-da-sabedoria-do-rito-moderno-frances-no-brasil/> Acesso em: 21-08-19.

BAUER, A.; MEYER, G. *Le Rite Français*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.

BERNHEIM, Alain. *Le Convent des Suprêmes Conseils du Rite Écossais Ancien et Accepté*. Parte 1. Pietre-Stones Review of Freemasonry. Disponível em: [http://www.freemasons-freemasonry.com/bernheim\\_convent01.html](http://www.freemasons-freemasonry.com/bernheim_convent01.html)

BERNHEIM, Alain. *Le Convent des Suprêmes Conseils du Rite Écossais Ancien et Accepté*. Parte 2. Pietre-Stones Review of Freemasonry. Disponível em: [http://www.freemasons-freemasonry.com/bernheim\\_convent02.html](http://www.freemasons-freemasonry.com/bernheim_convent02.html)

<sup>8</sup> A Maçonaria tem por princípio a existência de Deus e a Imortalidade da alma.

BÍBLIA ONLINE. *Lucas*. Capítulo 15:11-32.

COIL, Henry Wilson; BROWN, William Moseley. *Coil's Masonic Encyclopedia*. New York: Ed. Macoy, 1961.

DARUTY, Jean Émile. *Recherchessur le Rite Écossais Ancien et Accepté*. Paris: Chez le F. Panisset, 1879.

ISMAIL, Kenyo. A Origem e o Desenvolvimento do Rito Escocês Antigo e Aceito. *Revista Astréa*, n.37, jul-dez, 2015, p.11-14.

KAUFMANN, J. N. Mundialização e globalização: desafios ético-políticos. *Ser Social*, v. 1, n. 4, p. 9-42, 1999.

MACKAY, A. G. *An Encyclopedia of Freemasonry and tis Kindred Sciences*. New York e Londres: The Masonic History Company, 1914.

MANDLEBERG, J. The Lausanne Congress of 1875. *Heredom*, Vol. 6, 1997, p. 83-112.

MORRIS, Brent. *The Complete Idiot's Guide to Freemasonry*. New York: Alpha Books/Penguin, 2006.

SIMON, Jacques. *REAA: Rituel des trois premiers degrés selon les anciens cahiers – 5829*. Bonneuil-en-Valois: Éditions de La Hutte, 2013.

SUPREMO Conselho dos SSS GGG III GGG 33 e Ult. Gr. REAA para o Imp. do Braz. *Decretos*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial do Ir. Francisco de Paula Brito, 1837.

WAITE, Arthur Edward. *A New Encyclopedia of Freemasonry*. Volume II. New York: Cosimo, 2007.

## UNIVERSAL, MAS DIVERSA: A MAÇONARIA AO REDOR DO MUNDO

(UNIVERSAL, BUT DIVERSE: FREEMASONRY AROUND THE WORLD)

Rodrigo Otávio dos Anjos <sup>1</sup>

### Resumo

Muito se fala sobre a universalidade da Maçonaria. Este artigo busca, com uma abordagem extremamente simples, mostrar que, talvez, a instituição não seja assim tão universal, uma vez que apresenta uma série de diferenças, seja em seu aspecto gerencial e administrativo, seja nas práticas e na ritualística. Tais variações, por vezes, se devem a fatores locais e culturais.

**Palavras-chaves:** Maçonaria. Ritos e rituais. Diversidade.

### Abstract

Much is said about the universality of Freemasonry. This article aims to show that perhaps the institution is not as universal as it is said, as it portays a series of differences, some of them regarding its managerial and administrative aspects, others of a more practical and ritualistic nature. Such variations sometimes are due to local and cultural factors.

**Keywords:** Freemasonry. Rites and rituals. Diversity.

<sup>1</sup> Rodrigo Otávio dos Anjos é arquiteto e urbanista, graduado pelas Faculdades Metodistas Integradas Izabela Hendrix, e artista plástico, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais, com habilitações em Desenho e Gravura. E-mail: [ranjos@gmail.com](mailto:ranjos@gmail.com)

## 1. Introdução

Um dos conceitos mais propalados no seio da Maçonaria é aquele que diz que se trata de uma instituição universal.

Lado outro, é sabido que a Maçonaria tem as suas particularidades, sejam elas gerenciais ou ritualísticas, ora determinadas por aspectos locais, culturais, ora em função da enorme diversidade de ritos e rituais adotados pelas muitas lojas maçônicas espalhadas por toda a superfície do planeta.

E é justamente quando surge a seguinte pergunta: será a Maçonaria mesmo tão universal quanto se diz? Será ela tão universal quanto seus membros julgam – e muitas vezes gostariam – que seja?

O objetivo primordial deste trabalho é tão somente apontar alguns desses aspectos em que a Maçonaria pode diferir, e efetivamente difere, de uma nação para outra, de uma cultura para outra.

## 2. Características

É amplamente conhecido que a Maçonaria adota um lema, sintetizando suas virtudes e propósitos.

Ocorre que existem diferentes lemas. Um deles diretamente descendente da Maçonaria francesa e, por isso mesmo, amplamente adotado naqueles países maçonicamente influenciados pela França como, por exemplo, o Brasil. Trata-se da conhecida trilogia “liberdade, igualdade, fraternidade”. Mas quando consideramos o restante do mundo maçônico, notadamente nos países de origem anglo-saxônica, o lema adotado é outro, “amor fraternal, alívio e verdade”, conforme nos diz Ismail (2012).

Desse último lema podemos depreender duas das características mais marcantes da Maçonaria, a fraternidade entre seus membros (amor fraternal) e a caridade e a filantropia (alívio, por vezes traduzido como amparo). Outra dessas características é o formalismo e o respeito a protocolos (também chamado de etiqueta maçônica). Certamente existem muitas outras características, mas este trabalho manterá seu foco sobre essas três.

Obviamente, todas essas características estão presentes na Maçonaria, independentemente de quaisquer questões locais, mas também não resta qualquer dúvida de que em determinadas regiões esse ou aquele aspecto se destaca dos demais.

No continente europeu a característica que sobressai é o respeito aos protocolos. Diversos artigos já foram escritos sobre o assunto, e destacamos aquele escrito por George Draffen (1966) e publicado no Anuário da Grande Loja da Escócia. Nele, Draffen

nos traz um verdadeiro código de conduta a ser seguido pelos maçons escoceses, mas que se encaixaria perfeitamente em qualquer outro país.

Um segundo grupo é aquele formado pela Maçonaria norte-americana, onde o foco na caridade é nítido. Muitas das mais significativas iniciativas maçônicas no campo das ações filantrópicas têm lugar nos Estados Unidos. Um dos exemplos mais icônicos é o trabalho desenvolvido pelos Shriners, uma organização maçônica voltada para o atendimento médico gratuito a crianças, que mantém nada menos que 22 hospitais, espalhados pelos Estados Unidos, Canadá e México. Frequentemente os Shriners se referem à si próprios como a maior filantropia do mundo, e a própria organização nos diz que, além dos atendimentos realizados em seus hospitais, também se envolvem em duas outras frentes, a pesquisa, para ajudar a desenvolver melhores tratamentos médicos e a educação de profissionais da medicina, especialmente ortopedistas (SHRINERS INTERNATIONAL, 2020).

Finalmente, ao tratarmos do terceiro grupo, nos referimos à Maçonaria latino-americana, onde o espírito de fraternidade parece ser o ponto focal. Conforme observa Françoise Souza,

A fraternidade entre os irmãos pode também ser entendida como uma nova proposta de convívio entre os homens, pautada na cordialidade, no respeito e na conduta pacífica dos membros. A loja deve ser um lugar de harmonia, sendo proibidos qualquer palavra ofensiva e atos que interrompam a reciprocidade das boas relações (2010, p. 132).

Ainda que esse amor fraternal esteja presente onde quer que haja um maçom, ele é, aparentemente, potencializado em nosso continente.

## 3. Ritos e rituais

Existe uma enorme variedade de ritos e rituais diferentes sendo praticados pelas mais diversas lojas maçônicas ao redor do mundo.

Apenas no Brasil encontramos quase uma dezena deles, quais sejam, os ritos Adonhiramita, Brasileiro, Escocês Antigo e Aceito, Moderno, Schröder, York, Escocês Retificado, São João e o ritual de Emulação. Isso sem mencionar as variações de nomenclatura, especialmente no que diz respeito ao rito de York, onde uma mesma denominação se refere, ora ao rito de York propriamente dito, conforme praticado nos Estados Unidos, ora ao ritual de Emulação e, ainda,

por vezes a outros rituais praticados na Inglaterra, como o Nigerian, por exemplo.

Nesse cenário, o mais praticado em todo o mundo é o rito de York, e isso pelo simples fato de ser adotado pela quase totalidade das lojas nos Estados Unidos.

De acordo com a Masonic Service Association of North America (2017), em 1959 havia pouco mais de quatro milhões de maçons nos Estados Unidos, sendo que esse número vem caindo ano após ano, chegando a pouco mais de um milhão no ano de 2017. Embora a queda seja extremamente significativa, ainda é um número expressivo, representando cerca de 25% dos maçons de todo o mundo, conforme veremos adiante, na seção 5. E isso justifica o fato de que, ao ser o rito mais praticado naquele país, o seja também mundialmente.

Lado outro, é sabido que, no Brasil, existe um amplo domínio do rito Escocês Antigo e Aceito. Esse rito, muito comum em nosso país e também nas demais nações da América Latina, também aparece em outros continentes, notadamente naqueles países de origem latina. No entanto, ainda que em pequena escala, e ao contrário do que se possa pensar, o rito ocorre também nos Estados Unidos, conforme veremos a seguir.

Por volta do início do século XVI a França detinha a posse de vasto território na América do Norte, a que chamava Nova França, e que incluía partes dos atuais Estados Unidos e Canadá. Uma porção desse território, que se estendia desde o Golfo do México até onde hoje se localiza o estado de Illinois, era denominada La Louisiane, e foi adquirido pelos Estados Unidos em 1803, por iniciativa do então presidente Thomas Jefferson.

O atual estado da Louisiana, especialmente a região de Nova Orleans, ainda guarda forte influência desse período colonial, e isso leva a que algumas lojas maçônicas naquele estado utilizem rituais de origem francesa, em particular os do rito Escocês Antigo e Aceito.

J. Chris Nungesser, em um artigo publicado em 1949, chamava nossa atenção para o fato de existirem em Nova Orleans, Louisiana, 10 lojas “que não usam o Rito de York e são comumente chamadas de Lojas do Rito Escocês” (apud Hodapp, 2008). No mesmo texto, ele lista essas 10 lojas e suas respectivas datas de fundação. São elas: Étoile Polaire nº1 (1794), Persévérance nº4 (1810), Cervantes nº5 (1842), Germania nº46 (1844), Kosmos nº171 (1864), Union

nº172 (1865), Dante nº174 (1866), Galileo Mazzini nº368 (1917), Albert Pike nº376 (1919) e Paul M. Schneidau nº391 (1921).

Existem ainda outras lojas nos Estados Unidos que utilizam os rituais do rito Escocês Antigo e Aceito ou, em alguns casos, rituais baseados naquele rito, em seus trabalhos. Sabemos de alguns exemplos em diferentes estados americanos.

Na Grande Loja da Califórnia, trata-se da loja La Parfaite Union nº17, segundo nos conta John Cooper, ex Grão-Mestre daquela Grande Loja:

Em 6 de junho de 1851, o Grão-Mestre John A. Tutt emitiu uma autorização para a Loja La Parfaite Union nº17, em São Francisco – pouco mais de um ano depois que a Grande Loja da Califórnia foi fundada. Pouco se sabe sobre as circunstâncias envolvendo essa fundação, pois os arquivos originais foram destruídos no grande terremoto e incêndio de São Francisco, em 18 de abril de 1906. A loja continua a trabalhar nos três graus da Antiga Maçonaria Simbólica em francês, embora os graus de Companheiro e Mestre Maçom sejam traduções francesas dos trabalhos do Rito de York de Preston-Webb da Grande Loja da Califórnia. Por alguma razão desconhecida a loja foi autorizada a trabalhar no Grau de Aprendiz Maçom não apenas em francês, mas utilizando um ritual do Rito Escocês, em vez do ritual do Rito de York (COOPER, 2015, p. 3).

Já no que diz respeito à Grande Loja do Havaí, existe a loja Le Progres de L’Océanie, em Honolulu. Primeira loja nas ilhas havaianas, foi fundada em 1843, sob a jurisdição do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito da França. Em 1905 se transferiu para a Grande Loja da Califórnia e, posteriormente, em 1989, com a fundação da Grande Loja do Havaí, passou à sua jurisdição definitiva.<sup>2</sup> O ex Grão-Mestre Monty J. Glover nos diz que:

No Havaí todas as Lojas utilizam o mesmo ritual usado na Califórnia (assim como nas Filipinas, se isso for de seu interesse), que é a Constituição de York. No entanto, há uma Loja no Havaí, a Loja Le Progres, que tem a opção de executar a segunda seção do Terceiro Grau baseada em uma Constituição Escocesa (a estória de Hiram). [...] Todos os outros aspectos do trabalho ritu-

<sup>2</sup> <http://leprogresfreemasons.org/history/>

al da Le Progres são baseados na Constituição de York e mesmo naquela seção do Terceiro grau os oficiais devem estar qualificados e aptos a também executar o ritual padrão. (GLOVER, 2020).

Finalmente, no estado de Nova York também existem algumas lojas que, embora não possam ser chamadas exatamente de “escocesas”, praticam rituais de origem francesa, que guardam certas similaridades com os rituais do rito Escocês Antigo e Aceito. Esses rituais, adotados inicialmente pela loja L’Union Française nº17, chegaram aos Estados Unidos no final do século XVIII, vindos da França. E devemos nos lembrar de que os altos graus franceses deram origem a muitos dos rituais daquele rito.

Segundo o atual Grão-Mestre da Grande Loja de Nova York, William Sardone, os trabalhos da loja L’Union Française nº17 não são particularmente similares aos rituais dos graus de aprendiz, companheiro e mestre maçom do rito Escocês Antigo e Aceito, conforme publicados por Albert Pike na obra “O Pórtico e a Câmara do Meio: o Livro da Loja” – até porque a loja L’Union Française nº17 foi fundada em 1797, ou seja, é anterior à sistematização daquele rito (SARDONE, 2020).

O mesmo Sardone (2020) nos apresenta aquelas que, atualmente, praticam rituais de origem francesa no estado de Nova York. São elas: as lojas L’Union Française nº17 (em francês) e Garibaldi nº542 (em italiano) adotam exclusivamente os chamados “trabalhos da L’Union Française”. Já as lojas La Sincérité nº373 (em francês), La Fraternidad nº387 e La Universal nº751 (em espanhol), e Mazzini nº824 (em italiano) praticam os rituais de abertura e encerramento conforme o padrão adotado pela Grande Loja de Nova York, enquanto utiliza os “trabalhos da L’Union Française” para as concessões dos três graus.

De acordo com Luciano Rodrigues (2016), ainda existem outras três lojas praticando os rituais do rito Escocês Antigo e Aceito nos Estados Unidos: Italian Speranza nº219, em San Francisco, e Vallée de France nº329, em Los Angeles, ambas na Califórnia, e Aurora nº30, em Milwaukee, Wisconsin, embora não tenham obtido a confirmação dessas informações por parte de suas respectivas Grandes Lojas.

Outro exemplo interessante dessa profusão de práticas distintas ocorre na Inglaterra, onde, apenas na Grande Loja Metropolitana de Londres, nada menos que 33 rituais diferentes são praticados, conforme nos conta Martinez (2020).

Dentre eles, o ritual que mais ocorre é o Emula-

tion, adotado por 651 lojas, seguido pelos rituais Taylors (313 lojas) e Universal (115 lojas). Dado curioso é que quase a terça parte deles, 10 rituais, são praticados, cada um deles, por apenas uma única loja. Além disso, apenas uma loja adota um ritual que não seja de origem inglesa, o ritual Schröder.

Ritual	Lojas
Emulation .....	651
Taylors .....	313
Universal .....	115
West End .....	53
Logic .....	45
Calvers .....	11
Craft Guide .....	6
East End .....	6
Stability .....	6
Camden .....	4
Veritas .....	4
Emulation (Nigerian) .....	3
Own Ritual .....	3
Oxford .....	3
Poynters .....	3
Benefactum .....	2
Cartwright .....	2
Eastern Craft .....	2
Loyalty .....	2
Newman Goldman .....	2
Not Known .....	2
Paxton .....	2
Tredegart .....	2
Emulation (traduzido para o italiano) .....	1
Henley .....	1
New London .....	1
Nigerian .....	1
Pointings .....	1
Poynters South London .....	1
Revised .....	1
Schröder .....	1
Unique .....	1
Wanderers .....	1
<b>Total .....</b>	<b>1252</b>

**Tabela 1:** Distribuição por loja dos rituais praticados na jurisdição da Grande Loja Metropolitana de Londres

**Fonte:** Martinez, 2020.

#### 4. Particularidades

Várias diferenças podem ser observadas na prática maçônica, e isso nos mais diversos aspectos como a admissão ou não de dupla ou múltipla filiação, idade mínima e tempo mínimo de residência requeridos para a iniciação, exigência ou não de proficiência e tempo exigido entre os diferentes graus, apenas para mencionar alguns deles. Neste artigo, a título de exemplo, abordaremos três desses pontos.

E uma publicação em particular nos fornece uma série de dados a esse respeito. De acordo com o que diz o List of Lodges, Masonic (2020, p. 4-16), 39 dentre as 51 Grandes Lojas dos Estados Unidos admitem candidatos à iniciação à partir dos 18 anos de idade, 2 aos 19 anos e 8 aos 21 anos, sendo que as duas restantes não disponibilizaram suas informações. As Grandes Lojas com a maior idade mínima requerida são as da Áustria e de Honduras, com 25 anos, seguidas pelas Grandes Lojas da Hungria, Islândia, Luxemburgo e Noruega, que exigem que os candidatos tenham 24 anos de idade. Importante ressaltar que, no Brasil, existe uma quase unanimidade em torno desse requerimento, qual seja, 21 anos, exceção feita à Grande Loja da Bahia, com uma idade mínima requerida de 25 anos.

Outro ponto de divergência é a questão da exigência ou não da proficiência no terceiro grau, vez que todas a exigem nos dois primeiros. Dentre as Grandes Lojas estadunidenses, 36 exigem essa proficiência também no grau de mestre maçom, 14 não a exigem e em uma delas, a do estado de Michigan, a proficiência no terceiro grau é opcional, a cargo de cada Loja. Tal exigência não existe na Grande Loja Unida da Inglaterra.

Finalmente, vejamos um aspecto que, via de regra, é causa de estranheza por parte de muitos maçons brasileiros: os interstícios exigidos entre os diversos graus. No Brasil, o tempo mínimo requerido entre os graus de aprendiz e companheiro maçom varia entre 5 e 18 meses e, entre os graus de companheiro e mestre maçom, esse prazo gira entre 4 e 12 meses. Já nos Estados Unidos, esses números são consideravelmente menores, variando entre zero e 28 dias. Um detalhe particularmente interessante é que quase a metade das Grandes Lojas norte-americanas (25 dentre as 51 existentes), além dos interstícios mínimos, estabelecem um prazo máximo para que o grau subsequente seja conferido. Esses prazos máximos, em geral, variam entre 6 meses e um ano, atingindo a marca dos 3 anos, no caso específico da Grande Loja do Alaska, 5 anos no estado de Nebraska e 25 anos em New Hampshire. O tempo mínimo requerido pela Grande Loja Unida da Inglaterra é de 28 dias.

## 5. A maçonaria em números

Nesta seção serão apresentados rapidamente os números de lojas e membros ativos de algumas potências e organismos maçônicos.

Segundo o List of Lodges, Masonic (2020), a maior potência maçônica do mundo em número de membros é a Grande Loja Unida da Inglaterra, contando com 7204 lojas e 193495 maçons.

Em seguida aparecem duas Grandes Lojas norte-americanas, as dos estados da Pennsylvania e Ohio, com 376 e 451 lojas e 94790 e 74899 membros regulares, respectivamente. Por outro lado, dentre as menores potências maçônicas do mundo, figuram as Grandes Lojas da República de San Marino, com 5 lojas e 80 membros, e a Grande Loja do Taiti e Arquipélagos, com 8 lojas e 220 maçons.

A título de comparação, voltemos os nossos olhos para o nosso país. Ainda de acordo com a mesma fonte, o Grande Oriente do Brasil – GOB conta com 2760 lojas e 73139 membros em todo o Brasil, enquanto a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB, somadas as 27 Grandes Lojas confederadas, compreende 3238 lojas e 104578 maçons.

Já a Confederação Maçônica do Brasil – COMAB, apresenta 1449 lojas e 42006 membros, distribuídos entre os 23 Grandes Orientes estaduais confederados, de acordo com informações obtidas de seu secretário geral, João Krainski Neto (2021).

Finalizando esta seção, surge a seguinte questão: e no mundo, quantos seríamos? De acordo com o List of Lodges, Masonic (2020), e aqui é relevante ressaltar que, além do fato de que apenas aquelas potências maçônicas que sejam reconhecidas por, no mínimo, 10 dentre as 51 Grandes Lojas dos Estados Unidos constam dessa publicação, algumas dessas instituições não disponibilizam seus dados quantitativos, hoje somamos, em todo o mundo, 36865 lojas e 1868738 membros regulares. Conforme nos diz o sítio eletrônico da Conferência Mundial de Grandes Lojas Maçônicas regulares (2019), a Maçonaria mundial seria “formada por cerca de quatro milhões de irmãos”.<sup>3</sup>

Isto posto, cabe ressaltar que a Maçonaria brasileira ocupa posição de destaque no cenário mundial, uma vez que seus números só são suplantados por aqueles dos Estados Unidos.

<sup>3</sup> <http://www.wcrmgI.world/>

## 6. Landmarks e Constituições de Anderson

Aqui abordaremos dois dos pontos mais abordados por maçons brasileiros mas que, ao mesmo tempo, estão dentre os menos compreendidos, os landmarks e as Constituições de Anderson.

### 6.1. Landmarks

Via de regra, quando, no Brasil, nos referimos aos landmarks, imediatamente nos vem à mente a figura de Albert Mackey e sua compilação de 25 preceitos, publicada originalmente em 1858. Mas, “ao contrário do que muitos maçons brasileiros possam pensar, os landmarks que conhecemos não só não são universalmente aceitos como também não constituem o único conjunto existente” (DOS ANJOS, 2020, p. 32).

E antes que ele publicasse sua lista, ao menos quatro outras já existiam. Mckeown (2016, p. 1) nos aponta que apenas nos Estados Unidos, antes de Mackey, o fizeram as Grandes Lojas dos estados do Missouri, em 1850, da Califórnia, em 1852 (embora sem sucesso), e de Minnesota, em 1856, além da iniciativa pessoal de Rob Morris, também em 1856, ainda que, anos mais tarde, em 1874, em sua “Enciclopédia de Maçonaria”, apresente a alegação de que teria sido o primeiro a fazê-lo.

E, conforme Shepherd (1915), as Grandes Lojas norte-americanas dos estados do Alabama, Louisiana, Mississippi, Ohio, Texas e Utah não adotam nenhum conjunto em particular e, de outro lado, temos as Grandes Lojas dos estados de Connecticut, que adota uma lista com 19 landmarks, Kentucky, com 54 princípios, New Jersey, com 10, Nevada, com 39, Tennessee, com 15 e, finalmente, West Virginia, com 7.

Ainda sobre os landmarks, importante citar Pound, que nos diz que os landmarks nada mais são que “um conjunto de preceitos de validade Maçônica universal, unindo Maçons e organizações Maçônicas em todos os lugares e em todos os tempos” (apud COOPER, 2015, p. 3).<sup>4</sup>

Já Mckeown (2016, p. 1) aponta que “a primeira tentativa, por parte de alguma Grande Loja, de definir os landmarks foi na união das Grandes Lojas Inglesas em 1813, quando elas os definiram como a iniciação, passagem, elevação e instrução de candidatos – nada mais que isso”.

Andrew McBride, já em 1914, chamava nossa atenção para o fato de que “entre maçons, não há

palavra mais comum, e nem menos compreendida, que ‘landmarks’. A importância de sabê-los é do conhecimento de todos; sua compreensão é restrita a poucos” (apud BIZZACK, 2018, p. 1).<sup>5</sup> Embora escritas há mais de um século, suas palavras permanecem perfeitamente adequadas à realidade atual.

### 6.2. Constituições de Anderson

*The Constitutions of the Free-Masons containing the History, Charges, Regulations, &c. of the most Ancient and Right Worshipful Fraternity* (em tradução livre, “As Constituições dos Pedreiros-Livres contendo a História, Deveres, Regulamentos, etc. da mais Antiga e Respeitável Fraternidade”). Esse é o título completo desse famoso documento, escrito por James Anderson e publicado originalmente em 1723, para servir como os regramentos da primeira Grande Loja.

Ocorre que:

a própria Grande Loja Unida da Inglaterra, sucessora daquela Grande Loja original, já não adota as Constituições de Anderson há cerca de dois séculos e meio. Como, então, em pleno século XXI, ainda há tantas potências que declaram segui-las fielmente? (DOS ANJOS, 2020, p. 37).

Ainda no mesmo artigo, vemos que “se a questão envolvendo esse documento é complexa, a resposta a essa pergunta, todavia, é simples: porque parcela considerável dos maçons brasileiros sequer sabe o que realmente pregam as Constituições de Anderson” (DOS ANJOS, 2020, p. 37).

Basta uma leitura rápida do texto para que cheguemos à conclusão de que se trata de algo absolutamente ultrapassado, no mínimo inadequado aos dias de hoje. Ainda assim, insistimos em dizer que as adotamos.

E Ismail (2015) ainda nos lembra de que, por se tratar da legislação particular de uma Grande Loja específica, como poderíamos ser instados a segui-la, uma vez que não somos filiados àquela potência maçônica?

Podemos ver que, no que diz respeito aos landmarks e às Constituições de Anderson, sua importância, nos dias de hoje, deveria ser tão somente histórica, jamais sendo encarada como legislação a ser cumprida.

<sup>4</sup> POUND, Roscoe. *Masonic Addresses and Writings*. Richmond, Virginia: Macoy, 1953, p. 239.

<sup>5</sup> McBRIDE, A. S. *Speculative Masonry: Its Mission, Its Evolution, and Its Landmarks*. Glasgow: D. Gillan & Co., 1914, p. 188.

## 7. Organismos Maçônicos

Nesta seção apresentaremos rapidamente alguns dos organismos maçônicos, assim compreendidas aquelas confederações e conferências que abarcam, sob a sua égide, diferentes potências maçônicas.

No Brasil, temos dois desses organismos, a saber:

A Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB, fundada em 12 de novembro de 1965, na cidade do Rio de Janeiro, e instalada em 27 de julho de 1966, na cidade de São Paulo, tem sua sede administrativa na capital federal. Anteriormente à sua fundação, entre os anos de 1952 e 1966, as Grandes Lojas se reuniam anualmente nas chamadas “mesas redondas”. É formada pelas 27 Grandes Lojas regulares do Brasil e, como já apontado na seção 5, reúne 3189 lojas maçônicas e 102750 membros ativos.

A Confederação Maçônica do Brasil – COMAB, fundada sob essa denominação em 06 de abril de 1991, na cidade de Brasília, mas sucessora do Colégio de Grão-Mestres da Maçonaria Brasileira, este último fundado a 04 de agosto de 1973, na cidade de Belo Horizonte. Com sede administrativa em Belo Horizonte, é atualmente formado por 23 Grandes Orientes estaduais confederados, e reúne, conforme exposto na seção 5, 1449 lojas maçônicas e 42006 membros ativos.

Nas Américas, surge mais um organismo de grande relevância no cenário maçônico mundial, a Confederação Maçônica Interamericana – CMI. Fundada em 14 de abril de 1947, na cidade de Montevidéu, Uruguai, tem sede administrativa itinerante, acompanhando o domicílio de seu Secretário Executivo. Reúne 78 potências maçônicas, distribuídas em 25 países das Américas do Sul, Central e do Norte, Caribe e Europa.

Finalmente, em nível global, vem a Conferência Mundial de Grandes Lojas Maçônicas Regulares que, desde o ano de 1995, e conforme seus diplomas legais, se reúne a cada 18 meses, preferencialmente respeitando-se um rodízio continental entre os países que a sediam. A participação nesta conferência é permitida a todas as potências maçônicas que sejam devidamente reconhecidas por, no mínimo, 50 potências regulares (2014, p. 1).

Importante ressaltar que muitos outros existem, dos quais podemos citar, a título de curiosidade, a Conferência de Grão-Mestres na América do Norte (que reúne as Grandes Lojas dos Estados Unidos, Canadá, Porto Rico, uma Grande Loja do México e uma das Grandes Lojas alemãs, a Americano-canadense), a

Confederação Maçônica Centro-americana (compreendendo as Grandes Lojas da Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá), a Confederação Maçônica Bolivariana (Bolívia, Colômbia, Equador, Panamá, Peru e Venezuela), a Conferência de Grão-Mestres Prince Hall (que congrega 41 Grandes Lojas nos Estados Unidos), a Confederação de Grandes Lojas Regulares dos Estados Unidos Mexicanos (com 30 Grandes Lojas), a Confederação Maçônica Colombiana (5 Grandes Lojas) e as Grandes Lojas Unidas da Alemanha (reunindo as 5 Grandes Lojas alemãs).

## 8. Conclusão

Após analisarmos alguns desses aspectos em que a Maçonaria difere de um país para outro, voltamos à questão apresentada na introdução deste trabalho: será a Maçonaria mesmo tão universal quanto se diz? Será ela tão universal quanto seus membros julgam – e muitas vezes gostariam – que seja?

E aqui tomamos a liberdade de nos apropriarmos de uma expressão utilizada por Felipe Santiago Del Solar (2017, p. 27), ao se referir à proliferação de altos graus maçônicos, mas perfeitamente adequada à temática deste estudo, qual seja, “universal, mas diversa”.

## 9. Referências

- ANJOS, Rodrigo dos. Considerações sobre a Regularidade Maçônica. *C&M: Revista Ciência & Maçonaria*, Brasília, v. 7, n. 1, jul./dez. 2020. Disponível em: <<http://www.cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/issue/view/9>>. Acesso em 14 jan. 2021.
- BIZZACK, John W. *Treading on Soft Ground: Invented Landmarks – The Early List-Makers*. 2018. Disponível em: <<https://thecraftsman.org/wp-content/uploads/2020/01/DONE-Invented-Landmarks-JB.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- CONFEDERAÇÃO DA MAÇONARIA SIMBÓLICA DO BRASIL. 2020. Disponível em: <<https://cmsb.org.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- CONFEDERAÇÃO MAÇÔNICA DO BRASIL. 2020. Disponível em: <<https://comab.org.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- CONFEDERACIÓN MASÓNICA INTERAMERICANA. 2015. Disponível em: <<http://www.cmisecretariaejecutiva.org/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- COOPER, John L. Ethnic Diversity in California Freemasonry. *Policy Studies Organization*, 2015. Disponível em: <<http://www.ipsonet.org/proceedings/wp-content/uploads/2015/07/3.-Ethnic-Diversity-in-California-Freemasonry.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

- COOPER, John L. Into the Maelstrom: The Issue of Masonic Regularity, Past and Present. *Policy Studies Organization*, 2015. Disponível em: <<http://www.ipsonet.org/proceedings/2015/07/28/into-the-maelstrom-the-issue-of-masonic-regularity-past-and-present/>>. Acesso em: 26 jul. 2020.
- DEL SOLAR, Felipe S. *Por una Masonería Universal. Orígenes de la Confederación Masónica Interamericana*, CMI. 1ª ed. Santiago de Chile: Ril Editorias, 2017.
- DRAFFEN, George. *Masonic Etiquette and Scottish Usage*. 1966. Disponível em: <<https://www.randolph776.org.uk/index.php/etiquette>>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- GLOVER, Monty J. *Inquiry from Brazil* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por rodrigo@glmmg.org.br em 04 ago. 2020.
- HODAPP, Christopher. *An Historic Scottish Rite Event in New Orleans*. 2008. Disponível em: <<http://freemasonsfordummies.blogspot.com/2008/01/historic-scottish-rite-event-in-new.html>>. Acesso em 05 ago. 2020.
- ISMAIL, Kennyo. *A Constituição de Anderson nos dias atuais*. 2015. Disponível em: <<https://www.noesquadro.com.br/conceitos/constituicao-de-anderson-nos-dias-atuais/>>. Acesso em: 19 abr. 2020.
- ISMAIL, Kennyo. *O Legítimo lema da Maçonaria*. 2012. Disponível em: <<https://www.noesquadro.com.br/termos-e-expressoes/o-legitimo-lema-da-maconaria/>>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- KRAINSKI NETO, João. COMAB – GG OO [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por rodrigo@glmmg.org.br em 01 abr. 2021.
- LIST OF LODGES - MASONIC. Bloomington, Illinois: Pantagraph, 2020.
- MARTINEZ, Anderson. London Rituals [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por rodrigo@glmmg.org.br em 22 out. 2020.
- MASONIC SERVICE ASSOCIATION OF NORTH AMERICA. 2017. Disponível em: <<https://www.msana.com/msastats.asp>>. Acesso em 05 ago. 2020.
- McKEOWN, Trevor W. *The Landmarks of the Order*. Grand Lodge of British Columbia and Yukon, 2016. Disponível em: <<https://freemasonry.bcy.ca/history/landmarks.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- RODRIGUES, Luciano R. *O Rito Escocês Antigo e Aceito nos Graus Simbólicos dos EUA*. 2016. Disponível em: <<http://www.oprumodehiram.com.br/o-rito-escoces-antigo-e-aceito-nos-graus-simbolicos-dos-eua/>>. Acesso em 06 ago. 2020.
- SARDONE, William M. *Blue Lodge rituals in the USA*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por rodrigo@glmmg.org.br em 06 ago. 2020.
- SHEPHERD, Silas H. The Landmarks of Masonry. *The Builder Magazine*, Anamosa, Iowa, v. 8, ago. 1915; v. 9, set. 1915. Disponível em: <[http://www.phoenixmasonry.org/the\\_builder\\_1915-1930\\_toc.htm](http://www.phoenixmasonry.org/the_builder_1915-1930_toc.htm)>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- SHRINERS INTERNATIONAL. *An Unparelled Impact*. 2020. Disponível em: <<https://www.shrinersinternational.org/Shriners/Philanthropy/Impact>>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. Organização, Preceitos e Elementos da Cultura Maçônica: fundamentos para a introdução aos estudos da maçonaria. *Revista de Estudos Históricos de la Masonería*, Universidad de Costa Rica, San José, Costa Rica, v. 4, nº 1, mai. 2012 - nov. 2012.
- WORLD CONFERENCE OF REGULAR MASONIC GRAND LODGES. *Constitution/Bylaws*. Bucharest: WCRMGL, 2014.
- WORLD CONFERENCE OF REGULAR MASONIC GRAND LODGES. 2019. Disponível em: <<http://www.wcrmgl.world/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

## **RESSIGNIFICANDO A INICIAÇÃO, SUA JORNADA ARQUETÍPICA E EFEITOS PSICOLÓGICOS**

(RESIGNIFYING INITIATION, ITS ARCHETYPICAL JOURNEY AND PSYCHOLOGICAL EFFECTS)

Rafhael Guimarães <sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo objetiva realizar uma análise da infraestrutura psicológica do templo maçônico e da ritualística para desmistificar a correspondência entre a jornada do herói mitológico na cerimônia de iniciação do Rito Escocês Antigo e Aceito, de forma a promover uma ampla e inédita compreensão do processo inconsciente do iniciando na maçonaria.

**Palavras-chaves:** Mitologia; Iniciação; Maçonaria.

### **Abstract**

This article aims to carry out an analysis of the psychological infrastructure of the Masonic and ritualistic temple to demystify the correspondence between the journey of the hero of mythologies in the Masonic initiation of the Ancient and Accepted Scottish Rite, in order to promote a broad and unprecedented understanding of the unconscious process of the initiate. in Freemasonry.

**Keywords:** mythology; initiation; Freemasonry.

<sup>1</sup> Rafael Guimarães é advogado licenciado pela OAB/ES, assessor jurídico na Corregedoria Geral da Justiça do TJES, mestre em sociologia política pela UVV, pós-graduado em relações internacionais, direito penal e processo penal, direito constitucional, direito público e gestão pública pelo Damásio Educacional. E-mail: [guimaraes\\_rgf@hotmail.com](mailto:guimaraes_rgf@hotmail.com).

## 1. Introdução

Em uma das passagens mais marcantes do blockbuster *Matrix*, um importante intérprete do filme promove um singular questionamento acerca do que é ou não realidade:

Morpheus: - Neo, o que é o real? Como você define o real? Se você está falando sobre o que você pode sentir, o que você pode cheirar, o que você pode saborear e ver, o real são [então] simplesmente [meros] sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro.

Esse relance cinematográfico é uma via condutora para respondermos o que é maçonaria, ou melhor, o que de fato são as cerimônias maçônicas. Isso porque, a "maçonaria é um sistema de moralidade, velada em alegorias e ilustrada por símbolos" (PRESTON, 2017, p. 69). Essa expressão tantas vezes reproduzida no meio iniciático diz muito sobre a instituição e seu modo de ensino e aprendizagem, que ocorre por meio de rituais repletos de alegorias e expressões simbólicas.

Todavia, entre o desdobramento do ritual e o comportamento de seus praticantes há um mecanismo psicológico que não pode ser ignorado e cuja compreensão pode contribuir para um melhor entendimento da estrutura do templo maçônico e os procedimentos ritualísticos da cerimônia de iniciação, denotando uma explicação "subterrânea", "oculta", "estrutural" e "subjativa" do ritual que revisitaremos neste paper.

Em outras palavras, a ritualística ou o templo maçônico em si se não examinados sob diversos pontos se convertem em mera teatralidade despida de caráter litúrgico, religioso e espiritual que a instituição também propaga.

Todos os acontecimentos mitologizados em nossos rituais, como templo, oriente, ocidente, nordeste, sudeste, amanhecer, meio dia e por do sol, meio-dia, meia-noite, os degraus maçônicos, os quatro elementos, não são alegorias de experiências objetivas ou poéticas, outrossim, são expressões simbólicas do drama interno e inconsciente do maçom, que a exemplo do homem e da consciência humana, conse-

gue assimilar tais ideias através da dramatização atuante no nível inconsciente.

Compreende-se a validade e relevância dessa abordagem pelo fato da literatura produzida pela escola romântica da maçonaria brasileira privilegiar apenas as interpretações que seguem um raciocínio estrito ao entendimento moral, esotérico ou objetivo do ritual maçônico, rechaçando o universo latente do cerimonial e sua formação mitológica e psicológica que propomos constituir nesse artigo juntando os papers da "Iniciação Maçônica" (publicado pela *Fraternitas in Praxis*, em 2014) e "Os efeitos psicológicos do ritual maçônico" (publicado pela *Ciência e Maçonaria*, em 2014), ambos inéditos e de nossa autoria.

Antes de adentrarmos propriamente na jornada do herói, que dissecará o *modus operandi* da iniciação maçônica no Rito Escocês Antigo e Aceito, torna-se imperioso desmistificarmos os alicerces desse processo iniciático compreendendo as estruturas psicológicas do templo maçônico, pois, somente assim, conseguiremos compreender cada passo na aduzida jornada, do qual o processo de ingresso percorre por meio da alegoria e simbolismos da iniciação.

## 2. O templo maçônico e a psique humana

Os maçons são unânimes em dizer que o templo maçônico é simbólico,<sup>2</sup> contudo, aqui chamamos a atenção que o símbolo é muito mais do que mera ornamentação artística para representar algo.

Com efeito, toda a ornamentação e divisão do templo não são frutos do acaso e do convencionalismo estético, a começar pela câmara ou caverna de reflexões, sala dos passos perdidos, mais adiante o átrio, e finalmente o interior do recinto maçônico. Todos estes compartimentos são representações de estágios de níveis de consciência há muito tempo utilizados para separar o sagrado do profano (VAN GUENNEP, 2011, p. 23-40).

Nesse contexto, o ritual dramatiza a passagem de um estado de consciência para outro, ou seja, do profano para o sagrado, de modo que suas repartições devem ser compreendidas caso queiramos aprofundar nossa percepção sobre a ritualística e a cerimônia de iniciação.

Isso porque, rituais ou simples gestos simbólicos identificam nossa consciência com o campo essencial

<sup>2</sup> O conceito de símbolo adotado nesta obra é o da Psicologia Junguiana, que difere do conceito semiótico de símbolo instituído pelo suíço Ferdinand de Saussure, pai da linguística, bem como também difere parcialmente de certas análises Psicanalíticas de Freud.

de atuação, isto é, com cada espaço usado para estabelecer a diferença entre o sagrado e o profano na mente do indivíduo.

O soldado que retorna da guerra, ao passar pelo arco do triunfo – rito de passagem – acaba deixando a guerra para trás. Da mesma forma, ao deixarmos a sala dos passos perdidos e posteriormente o átrio, é sabido (mesmo inconscientemente) de que estamos (ou estaremos) em um local “dedicado à virtude e consagrado para a prática do bem”, o templo maçônico.

Assim, as salas que antecedem o templo, cumprem a função psicológica de devidamente introduzir o adepto em um local – estado de consciência, para que o ritual cumpra seu dever cognitivo de forma efetiva.

Um excelente exemplo ritualístico disso, por vezes ignorado, é a entrada ritualística dos que chegaram após a cerimônia de abertura dos trabalhos.

De acordo com alguns rituais, há neste momento uma saudação ritualística, pois, como dito, gestos e sinais simbólicos hão de identificar o consciente e/ou inconsciente com o campo de ação, para o caso deste não ter sido devidamente introduzido no ritual/templo pela hodierna ritualística de abertura dos trabalhos.

Para além do templo em si e sua representação como o sagrado, as funções-cargos expressadas no ritual ou na mitologia maçônica são personificações das leis psicológicas que atuam na psique humana, perfeitamente demonstradas por Jung e Campbell, quando inerente às mitologias e religiões, cujas bases serão traçadas para desmistificar a ritualística maçônica.

Destarte, o templo maçônico deve ser assimilado como uma grande alegoria estrutural da própria mente dos maçons, que está sujeita a todo tipo de desafios, complexos e provas, consoante replicado abaixo. Se este é o entendimento firmado do templo maçônico, logo, o processo de admissão ao mesmo, ou seja, a iniciação em si, é um procedimento de introspecção, uma jornada para o interior da psique, cujo cerimonial se reveste da mitologia maçônica para, ao final do processo, objetivar uma transformação psicológica no íntimo dos indivíduos.

## 2.2 Um estudo comparativo da estrutura da personalidade e suas correspondências simbólicas com o templo maçônico

De acordo com a psicologia analítica de Carl G. Jung, a psique divide-se em três níveis: A Consciência, o Inconsciente pessoal e o Inconsciente coletivo (HALL, 2005, p. 24-83). Conforme segue-se abaixo, tais divisões se conciliam em significados e funções com a parte exterior e interior do templo maçônico (sala dos passos perdidos, átrio e o templo), sendo que na parte interior, teremos uma correspondência particular com o ocidente e oriente.

### NÍVEL 1 – CONSCIÊNCIA: Sala dos passos perdidos e o mundo profano

Sobre Consciência, Persona e etc.;

A consciência é a única parte da psique a qual conhecemos direta e objetivamente (HALL, 2005, p. 24-83), e nela tudo ocorre de forma racional e lógica. Da mesma forma, isso também acontece antes de adentrarmos ao templo, pois é na sala dos passos perdidos que tudo ainda decorre de forma desprovida de questões oníricas, sem sinais ou gestos simbólicos, salvo detalhes excepcionais. Essa falibilidade das coisas a nível consciente está perfeitamente representada e dramatizada na câmara ou caverna de reflexão, onde elementos associados a vida terrana se acham dispostos com intuito de proporcionar um entendimento da finitude da vida consciente e sua perene ilusão de imortalidade.

O significado psicológico de Persona, para Jung, é aquela parte da personalidade desenvolvida e usada em nossas interações mundanas (profanas), nossa face externa consciente, nossa máscara social, como veículo não de nossa real vontade, mas da nossa necessária aceitação.

Assim que, nas iniciações maçônicas, o gesto dos candidatos serem despedidos de todos os metais, e iniciarem todos exatamente da mesma forma, pode significar que, naquele momento, o indivíduo despe-se de suas personas.

Esse desprendimento se faz necessário visto que, conforme Jung, no nível do inconsciente pessoal – que citaremos logo adiante – não há persona, a qual se manifesta apenas no nível consciente.

Se observarmos bem, o tratamento igualitário – tanto na iniciação como nas reuniões ritualísticas – fazem jus a presente esquematização, conforme corroborado abaixo, todavia não ignoramos os outros significados para com esses detalhes.

## **NÍVEL 2 – O INCONSCIENTE PESSOAL: O Templo Maçônico**

Sobre Inconsciente Pessoal, Sonhos, Anima/Animus e etc.;

Todas as experiências que temos, sendo que algumas são esquecidas, mas que, todavia, não deixam de existir, são antes armazenadas e trabalhadas no inconsciente pessoal. É nesse nível que ocorrem os sonhos e toda a projeção quando estamos dormindo, e como sabemos, tais eventos oníricos são dotados de acontecimentos surreais e ilógicos perante a nossa realidade objetiva, visto que conceitos de “Tempo e Espaço” são fatores produzidos pelo nível Consciente.

Assim o Inconsciente Pessoal encontra correspondência simbólica com o interior ocidental do templo maçônico, onde a ritualística já alcança a totalidade dos trabalhos, e estes retratam bem o estado fictício e mítico da mitologia maçônica (drama maçônico), estado este que – paralelamente – também é encontrado nos sonhos dotados de sentidos simbólicos e abstratos, onde tanto no estado onírico como na ritualística, para se ir do “ocidente ao oriente”, bastam dar alguns passos, e do “amanhecer ao pôr do sol”, bastam-se algumas horas, o que ocorre semelhantemente aos nossos sonhos, onde no nível do inconsciente não há uma limitação objetiva, da mesma forma o simbolismo da ritualística não possui um senso lógico, pois, sua linguagem é figurada.

Assim como o ritual maçônico não é literal os sonhos também não são, e ambos transmitem instruções morais através de seus simbolismos que, como observado por Jung, o crescimento e amadurecimento moral também é uma finalidade dos sonhos.

Interessante nesse momento confrontarmos as concepções postas entre consciente e inconsciente, demonstrando a oposição destes estágios e, como nosso objetivo é justapor isso com o templo maçônico, o exterior da loja é figuradamente o oposto dos significados ritualísticos do interior, tal como expusemos até agora.

Os conceitos de Anima e Animus foram talvez as duas mais importantes descobertas de Jung. Ambos são aspectos inconscientes de um indivíduo. O inconsciente do homem encontra ressonância com o arquétipo feminino, chamado de Anima, enquanto que a mulher associa-se com o arquétipo masculino, chamado de Animus.

Evidente que os conceitos de gênero em se tratando de Animus e Anima se referem às característi-

cas, e não algo literal, pois, como supramencionado, o inconsciente reside em um nível atemporal, inteiramente psicológico, portanto não material.

A Anima manifesta-se na psique de forma emocional, passiva e intuitiva, por outro lado, o Animus manifesta-se de forma racional, ativa e objetiva. Jung costuma relacionar Anima ao deus grego Eros, o deus do Amor, ao passo que Animus era relacionado com o termo Logos, que em grego significa verbo, razão.

No templo maçônico tal equilíbrio dual é conhecido pelas duas colunas B e J. Sendo que na coluna B, tomam assento os aprendizes maçons, os quais são inteiramente instruídos sobre a educação moral, espiritualidade e ética maçônica, conceitos perfeitamente associados ao arquétipo de Anima. E na coluna J tomam assentos os companheiros maçons, que ao contrário dos aprendizes, possuem suas instruções voltadas para arte da ciência, também conhecida como artes liberais, bem como para o conhecimento esotérico, que são características de Animus.

Desta forma, neste contexto, Boaz e Jakin, representam anima e animus, e a consecução entre ambas colunas representa o casamento alquímico, a totalidade do ser, ou seja, o equilíbrio perfeito, o mestre. aquele que caminha com tal união, anda pelo caminho do meio (mestre maçom). por fim, vê-se que as duas colunas separam o ocidente em dois lados, e ambas norteiam para os respectivos estudos aqueles que estão sob o seu direcionamento, semelhantemente o que ocorre com nosso inconsciente.

## **NÍVEL 3 – INCONSCIENTE COLETIVO: Sólido do Oriente**

Sobre Inconsciente Coletivo, Arquétipos e etc.;

Teoria proposta pela Psicologia Analítica, ele difere do Inconsciente Pessoal, visto que não se trata de experiências individuais, mas como o nome sugere, são experiências coletivas. Ele é um reservatório de imagens, chamadas de imagens arquetípicas, tais imagens e concepções são herdadas pelo homem de forma inconsciente através do Inconsciente pessoal. O Inconsciente coletivo estimula no homem/humanidade um comportamento padrão pré-formado, que este seguirá desde o nascimento.

Assim recebemos a forma do mundo em uma imagem virtual. Tal imagem transforma-se em realidade consciente quando durante a vida identificamos os objetos a ela correspondentes, da mesma forma recebemos do inconsciente a impressão da contra-

parte Anima (no caso dos homens), enquanto crianças a identificamos com nossas mães (ou pessoas que nos criaram que possuam características de Anima), mais adiante em nossas vidas, tal impressão se converte na companheira-mulher a qual nos casamos.

Os conteúdos do inconsciente coletivo são denominados de "arquétipos". Tal termo significa um modelo original que conforma outras coisas do mesmo tipo, semelhante ao termo "protótipo". Tanto o Inconsciente coletivo, como o arquétipo, se confundem com aquilo que chamamos nas ordens iniciáticas e meios espiritualistas de "egrégora", e a principal base científica que sustenta este presente artigo, é sem sombra de dúvida o conceito de inconsciente coletivo.

Para Jung, tanto a experiência quanto a prática religiosa eram fenômenos que tinham sua fonte, interna e externa, no inconsciente coletivo (JUNG, 2011) (conhecido esotericamente por "egrégora"). O céu, o inferno, a era mitológica, o jardim do éden, o olimpo, bem como as outras moradas dos deuses, são interpretados pela psicanálise como símbolos do inconsciente, e se enquadram ao simbolismo do dossel e do sólio no Oriente, localizado a sete degraus acima do nível onde se encontram os Aprendizes, Companheiros e Mestres, onde se encontra o chamado Trono de Salomão e que possui estampado o olho que tudo vê no Rito Escocês Antigo e Aceito.

Assim como o inconsciente coletivo dispõe da pré- formação psíquica da psique (JUNG, 2011), o direcionamento ou pré- formação dos trabalhos vem do Oriente da Loja, além de que as informações históricas da Loja, presentes na carta constitutiva, também se localizam na região do sólio, bem como os registros de todas as reuniões ficam junto ao secretário (que normalmente toma assento no oriente).

### 3. Os efeitos e sinais inconscientes da ritualística maçônica

Os efeitos e sinais inconscientes da ritualística maçônica se mostram evidentes quando dispomos da estrutura psicológica sob o templo maçônico. Desta forma, o indivíduo que vivencia os rituais por meio da iniciação, elevação e exaltação acaba por se transformar, seja pelas convicções conscientes, ocasionadas pelo sistema mnemônico da cerimônia, ou pela influência do inconsciente que recebe todos os sinais enviados pelo simbolismo, como exemplificamos abaixo:

Outra forma de transformação é alcançada através de um ritual usado para este fim. Em vez de se vivenciar a experiência de transformação mediante uma participação [vivência natural], o ritual é intencionalmente usado para produzir tal transformação. (...) Se recebe um novo nome e uma nova alma, ou ainda passa-se por uma morte figurada, transformando-se em um ser semidivino, com um novo caráter e um destino metafísico transformado (JUNG, 2011, p. 231).

Os maçons devem, portanto, realizar reflexões da simbologia maçônica. Ao se executar um ritual de alto valor cultural, com gestos e passagens incomuns ao usual, o qual, sob um olhar cético e profano, pode ser até mesmo considerado supersticioso, deve o adepto analisar tais movimentos sob diversos níveis, inclusive psicológico.

Ademais, abordar o ritual maçônico sem um entendimento basilar, como propomos neste artigo, seria como ver animais nas nuvens, ou seja, um mero exercício de vontade e imaginação (JUNG, 1978).

Com efeito, a função psicológica da ritualística maçônica é a de restaurar um equilíbrio inconsciente no praticante, por meio do sistema moral e alegórico, de modo a produzir um material onírico na mente dos membros, que terão um amadurecimento progressivo, tanto a nível objetivo e moral, como subjetivo e inconsciente.

Os exemplos são variados disso. Nos rituais tribais de iniciação (e outros por equiparação) dá-se ao candidato um novo nome, sendo classificado dentro do grupo em seu grau correspondente, bem como ele ganha ainda uma idade fictícia, que desempenha um papel simbólico do seu posto, e recebe uma marca, que nos tempos atuais figura como simbólica, e no final, tudo isso distingue o iniciado dos não iniciados – qualquer semelhança com a maçonaria não é acaso.

No Rito Escocês encontramos estes mesmos e ainda outros atos ritualísticos. Seja física ou simbólica estas representações operam igualmente no inconsciente. A prática de diferentes termos linguísticos também é usada para separar o sagrado (inconsciente) do profano (consciente). Este exemplo é um dos diferenciais do ritual, onde uma linguagem própria e colloquial é adotada.

A mitologia e a ritualística, em síntese, simbolizam e expressão a dinâmica da psique. O que ocorre de simbólico e figurado no plano consciente, errone-

amente deduzido de teatro, ocorre real e efetivamente em outros níveis, como, por exemplo, no inconsciente pessoal dos maçons.

#### 4. Jornada do herói x iniciação maçônica

Havendo demonstrado a estrutura psicológica do templo maçônico, poderemos agora aprofundar a análise da jornada arquetípica do herói no contexto na iniciação maçônica.

Isso porque, compreender tal jornada despida de conceitos como consciente, inconsciente e símbolos, outrora apresentados, seria contraproducente para captar o porque de cada estágio na estrutura da jornada do herói.

O intitulado “herói” aqui utilizado é compreendido como uma manifestação arquetípica dentro da psique coletiva (JUNG, 1978). Para reforçar tal conceito, Jung indica sua representação (ou adaptação) nas mais conhecidas culturas e religiões ao redor da terra (JUNG, 2011), e nós também poderemos encontra-lo em filosofias como a maçonaria.

O encontramos essencialmente nas histórias de Atum, Osíris e Hórus do Antigo Egito; de Marduk, dos Mistérios Sumerianos; de Apolo, Febo, Hércules, Dionísio e Orfeu, da Mitologia Greco-Romana; de Krishna, da Religião Hinduísta; de Baldur, dos Mistérios Nórdicos; de Amaterasu, na religião Xintoísta; de Oxalá, Oxalufã, e Oxaguiã, das Religiões Afro-brasileiras; do Rei Arthur, Galahad e Persival, na história do Santo Graal; na verídica história de Jacques DeMolay, nos Medievais Cavaleiros Templários; em Cristian Rosenkreuz, nas Nupcias Alquímicas da Tradição Rosacruz (Manifestos); em Hiram Abiff, no exclusivo mito maçônico; em outros contos como Branca de Neve e o Mágico de Oz; em vários heróis cinematográficos, como Luke Skywalker, Indiana Jones, James Bond, Superman, Frodo Bolseiro, e além é claro, do principal das representações ocidentais, em Jesus o Cristo.

Em todas estas histórias, encontram-se exatas e nítidas similaridades que são explicadas unicamente pelo aduzido conceito do inconsciente coletivo de Jung.

Os principais objetivos da missão do herói são, atingir a liberdade plena, compaixão pela humanidade, ou ainda um casamento místico e espiritual. O processo que leva a tais consecuições e que, sucintamente, retrata a repetida jornada arquetípica foi chamado por Jung de “processo de individuação”.

Essa individuação reside em uma harmonia entre o consciente e o inconsciente, havendo uma contínua relação funcional de equilíbrio – em outras palavras, quando deliberadamente a prática maçônica (inconsciente) toma praticidade no mundo profano (consciente), há uma sucessão de experiências únicas, que levam a um alto estado de percepção, liberdade e amadurecimento, tornando-se, segundo Jung, “um consigo mesmo” (VAN GUENNEP, 2011).

Assim como a psique humana é dividida em três partes pela psicologia analítica, a jornada do herói também o é, podendo ser classificada como: i) separação ou partida; ii) iniciação ou provas e vitórias; e iii) o retorno.

No que concerne à iniciação maçônica, essa pode perfeitamente ser enquadrada neste postulado ternário, sendo a última fase – 3. O retorno – devidamente completada no grau de mestre maçom.

#### 4.1. A separação e o chamado da aventura

... Eu o proponho, na devida forma, um candidato apropriado para os mistérios da Maçonaria. Eu o recomendo, como digno de compartilhar privilégios da Fraternidade, e, em consequência de uma declaração de suas intenções, feita de forma voluntária e devidamente atestada, eu acredito que ele seguirá estritamente em conformidade com as regras da Ordem (PRESTON, 1867, p.26).

A primeira tarefa do herói é retirar-se da cena mundana, do mundo profano nas alegorias e contos, para iniciar uma jornada – que desmistificada trata-se de uma imersão nas regiões causais da psique onde residem efetivamente as reais dificuldades – a fim de transpor os obstáculos, tornar consciente seus defeitos e, ao final, superá-los em benefício do próprio progresso ou da coletividade (CAMPBELL, 2007, p. 27).

Normalmente um problema se apresenta diante do herói mitológico, um desafio, uma questão ou ameaça, a fim de convocá-lo a cumprir seu destino, mas também poderá ocorrer outros fatores para o seu próprio crescimento, como curiosidades, sonhos, desejos e etc.

Trazendo o aduzido conceito para o contexto maçônico, conforme o procedimento maçônico padrão, o candidato é convidado a iniciar na Sublime Ordem. O convite parte do intitulado “padrinho”, o qual figu-

ra a função de arauto da jornada do herói.

Na aceitação do convite reside este estágio do “chamado da aventura”, que, em outras palavras, o padrinho figura como um sinal enviado pelo inconsciente (a qual já falamos é o templo maçônico/reunião ritualística) (CAMPBELL, 2007, p. 66). O candidato que recebe o convite-chamado representa a consciência objetiva (simbolicamente o exterior do templo maçônico – mundo profano).

Em termos reais, isso nada mais representa do que a alegoria de um sonho, a qual, como demonstramos, é um fator equilibrante do nosso inconsciente para devidamente direcionar o consciente do indivíduo, a fim de alcançarmos o pretense equilíbrio.

Com o devido paralelo que fizemos antes, acha-se dramatizado tal comunicação inconsciente pessoal versus consciente nesta referida passagem na mitologia maçônica.

Dito isso, as decorrentes associações que trazemos entre a jornada do herói e a maçonaria não devem ser literais, pois, cada mito possui uma conotação cultural que lhe é peculiar, obtendo variações de termos e simbolismo.

Assim, evidente que a história de heróis, como Buda, Jesus e Hiram Abiff, são literalmente diferentes, apesar das vergastadas coincidências, contudo, o simbolismo arquetípico de suas manifestações no desenrolar das histórias são notoriamente semelhantes.

#### 4.2. A recusa do chamado

Tente! E não diga que a vitória está perdida, Se é de batalhas que se vive a vida, Vá, Tente outra vez! (Raul Seixas).

Sempre encontramos, tanto na vida real, como nos contos mitológicos, o dramático caso do chamado ou convite que não obtém resposta, havendo, pois, o desvio da atenção para outros vis interesses.

A recusa à convocação acaba por aprisionar o herói mitológico, seja pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela ignorância na “matrix”. A recusa é uma negação

à renúncia daquilo que a pessoa (inconsciente) considera interesse próprio (CAMPBELL, 2007, p. 72), mesmo que sua mente consciente ainda não saiba, e tal recusa se caracteriza, cumulativamente, pela identificação da persona<sup>3</sup> com seu ego.<sup>4</sup>

Por essas e outras razões sempre encontramos uma manifestação de egoísmo no estágio da “recusa do chamado”. Há casos onde não são aceitos convites às iniciações por egoísmo, ou mesmo abandonam a maçonaria pelo mesmo sentido.

O clássico exemplo desse estágio é o fatídico episódio bíblico da esposa de Ló, que tornou-se estátua de sal por ter olhado para trás e desobedecido a instrução divina, devido a forte emoção que caiu diretamente em Ló, tal evento tornar-se-ia uma “recusa do chamado”, pois poderia diretamente ter rompido com a jornada daquele herói.<sup>5</sup>

A recusa do chamado na maioria das vezes é representada pelo medo em suas várias manifestações, sendo que tal evento promove um olhar ou mesmo um “voltar-se para trás” de forma a não prosseguir. Ocorre de modo semelhante como “recusa do chamado” na jornada maçônica, quando por algumas vezes o medo do desconhecido ou oculto impede os candidatos de iniciarem, outras vezes o próprio contexto cultural cumprem esse papel.

Para muitos, talvez, esse estágio é o mais difícil de todos, garantindo as devidas proporções. Todo início (na vida) é conturbado, repleto de dúvidas e dificuldades. Dar o primeiro passo, eis à chave para o chamado.

#### 4.3. O auxílio sobrenatural

Quando os tempos se tornarem tempestuosos, E os amigos simplesmente não puderem ser encontrados, Como uma ponte sobre águas turbulentas, Eu surgirei (PRESLEY, Elvis. Bridge Over Troubled Water).

Para aqueles que não recusaram o chamado – convite para iniciar – o primeiro encontro da jornada ocorre diante de uma nova figura protetora, que for-

<sup>3</sup> Em grego significa “máscara”, definida como parte da personalidade usada em nossas interações, seria nossa face externa fabricada pelo consciente, uma máscara social.

<sup>4</sup> Na visão de Jung, Ego é o nome dado à organização da mente consciente, constituindo-se de percepções, recordações, pensamentos e sentimentos estabelecidos pela sensibilidade e objetividade do indivíduo (HALL; NORDBY, 2010).

<sup>5</sup> AT. Gênesis 19:26: “E a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida numa estátua de sal.”

nece ao iniciando ajuda para lhe proteger.

As mitologias desenvolvem o papel na figura do guia e do mestre. No mito grego esse guia é Hermes-Mercúrio, e no egípcio a sua contraparte egípcia, Thoth. Nas tradições judaicas, Noé contou com uma pomba. Na mitologia cristã encontramos como guia o Espírito Santo ou mesmo com a protetora, a Virgem Maria (CAMPBELL, 2007, p. 80).

Na iniciação do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria fica evidente a figura de auxílio da jornada na função do oficial chamado de experto/guia, que conduz o iniciando, oferecendo-lhe a devida proteção: “Eu serei o vosso guia, tendes confiança em mim, e nada receeis”. A função desse cargo na iniciação é conduzir o candidato, que estando privado de certas faculdades, necessita inexoravelmente do amparo do guia.

#### 4.4. A passagem pelo primeiro limiar

Cedo ou tarde, você vai aprender, assim como eu aprendi, que existe uma diferença entre conhecer o caminho e trilhar o caminho (Morpheus - MATRIX).

Superado o medo, muitas das vezes personificado como morte, simbolizado no Rito Escocês pela passagem da câmara de reflexões, o herói segue em sua aventura até chegar ao conhecido na jornada do herói por “guardião do limiar” (CAMPBELL, 2007, p. 82-85).

Entende-se psicologicamente pelo limiar como a passagem do consciente para o inconsciente, onde se adentra a um mundo de fantasias e imagens, semelhantes aos sonhos. Ou seja, um mundo mítico e surreal – o inconsciente –, muitas vezes chamado de mundo da fantasia, variando conforme cada contexto cultural.

Consoante explicado, o ponto simbólico intermediário que marca a passagem do consciente para o inconsciente é a passagem da sala dos passos perdidos para o – átrio e – templo.

Campbell aduz que no âmbito mitológico esse estágio está representado pela presença de um guardião seguido por uma “porta”, ou uma ponte, simbolizando o limiar. Na iniciação maçônica a passagem pelo primeiro limiar ocorre, exatamente, no momento em que o candidato é levado à porta do recinto sagrado para ser abordado pelo guarda do templo.

Após sua passagem, ou seja, após ser “franqueado seu ingresso”, o candidato passa a viver uma nova e única experiência, sendo submetido a uma ritualística incomum a todas as outras, a simbólica e mística ritualística maçônica, regida no sentido figurado e subjetivo, igualmente aos contos e mitos, a qual já falamos são retratações do inconsciente.

Calha realçar que Campbell e a jornada do herói estudos pautados em centenas de mitologias, religiosos, contos e poemas, de modo que toda correspondência com a ritualística maçônica decorre, como reiteradas vezes apontado, pela manifestação arquetípica do herói estar presente na humanidade em toda e qualquer projeção do inconsciente dos indivíduos, inclusive os maçons.

#### 4.5. Provações, testes, a nova experiência - o ventre da baleia

Por isso o axioma: “Conhece-te a ti mesmo, e conhecerás todo o Universo”, em outras palavras, “Conheça o seu próprio ego, e sua mente se expandirá”.

A ideia de superação da passagem pelo limiar se acha representada na imagem arquetípica do útero ou ventre. Isso porque, o choque ocasionado pelo rompimento com o estágio consciente (mundo profano) com o avançar pelas “ondas do inconsciente” acabam lançando o indivíduo em um universo desconhecido, dando ao mesmo (novamente) a impressão de morte momentânea, ou submetido a novos testes e provações, de forma que assimile as regras surreais deste novo mundo a qual está descobrindo (CAMPBELL, 2007, p. 92).

Como exemplo, pode-se citar alguns contos, como chapeuzinho vermelho (conto alemão) na qual ela é engolida pelo lobo. Da mesma forma todo o panteão grego, exceto Zeus, foi engolido pelo pai Cronos.

Na bíblia e no alcorão encontramos Jonas, que é engolido por um peixe, passando “três dias e três noites” nas entranhas do peixe e depois sai vivo de dentro do mesmo.

Na jornada maçônica o iniciando é colocado à prova por testes simbólicos, fazendo-o seguir por “caminhos escabrosos”, para que coloque a mostra sua coragem de forma a persistir na senda da virtude.

#### 4.6. Iniciação ou provas e vitórias - a descida

Se quisermos ir ao paraíso, devemos antes passar pelo inferno (ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*).

Vindo a ser vitorioso nos primeiros testes e provas, ao cruzar por completo o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluídas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de novas provas.

Esta passagem marca o herói por se estabelecer definitivamente neste novo mundo. O paralelo com a mitologia maçônica se torna evidente, vez que a ritualística maçônica é algo jamais experimentado antes, eis aí o "novo mundo" que é apresentado ao iniciando maçom.

O herói continua a ser auxiliado de forma indireta, por guias, mestres e sua própria intuição. Esse supradito auxílio é uma perfeita associação às opiniões dadas quando o Venerável Mestre faz sucessivas perguntas ao candidato.

Estas novas provas, cada vez maiores, representam no processo iniciático maçônico, a passagem pelos quatro elementos (que são tipos psicológicos junquianos).

No processo tribal, a título de exemplificação, os probacionistas se colocam à provas físicas, seja de um incêndio, a nado, ou tempestades.

#### 4.7. Provação difícil ou traumática

Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta (Carl Gustav Jung).

Nesse estágio da jornada do herói, quando todas as barreiras foram vencidas, aparecerá uma experiência profunda e traumática do enredo mitológico. Normalmente é representado por uma morte efetiva e momentânea, ou mesmo por um renascimento miraculoso.

Em diversos ritos maçônicos (e em diferentes graus) encontramos encenações de todo o tipo para dramatizar esta importante lição, seja por mais provas iniciáticas ou por demonstrações fúnebres, funestas e sombrias, de modo que pela última vez é dada a chance ao iniciando nos Mistérios de desistir da "senda da virtude e voltar ao mundo profano", de render-se ao medo do desconhecido ou as tentações, mas, como ele mesmo descobrirá no futuro, isso é

utilizado para cumprir com as finalidades do processo iniciático.

Sendo persistente, o buscador compreende o sentido simbólico de suas provações e testes e, bem no ápice da aventura, é apresentado à prova que Campbell intitulou de "o encontro com a Deusa". Tal passagem é finalizada por um "enlace místico" ou "casamento alquímico", conhecido nos mitos por hierosgamos, o mesmo anunciado pelos manifestos rosacruzes.

Em termos psicológicos, tal superação representa a união com a "Anima", ou "Animus" em contos da heroína. Ocasão em que se toma pleno conhecimento da dualidade do inconsciente e se alcança o equilíbrio interior.

Para desmistificarmos, a mulher/anima ilustra na linguagem pictórica da mitologia a totalidade do que pode ser conhecido, já o herói é aquele que a compreende e assimila. Segundo Jung, havendo o equilíbrio total na psique (o conhecimento de Anima e Animus), atinge-se em seguida o Si-mesmo, ou seja, a totalidade do ser, torna-se lúcido todo o inconsciente, e assim completa o processo que austríaco denominou de processo de individuação do ser.

No contexto maçônico da jornada do herói, podemos entender esse encontro com a deusa, ou anima numa linguagem mais técnica, como a "Luz da Maçonaria" a qual é dada ao neófito, que estava privado de certas habilidades durante a iniciação e agora passa a ter a "Visão e Conhecimento do Templo Maçônico", obtendo um enlace eterno com a Ordem Maçônica firmado com o solene juramento.

Um dos grandes desafios do intérprete e buscador está em desmistificar conceitos e captar o significado "subterrâneo" da ritualística maçônica que, como sinalizamos, pode ser auxiliar invocando grandes pensadores como Jung e Campbell. A título de exemplo:

O herói mitológico, saindo de sua cabana ou castelo cotidianos, é atraído/levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura. Ali, encontra uma presença sombria que guarda a passagem. O herói pode derrotar essa força, assim como pode fazer um acordo com ela e penetrar com vida no reino das trevas (batalha com o irmão, batalha com o dragão; oferenda, encantamento, etc.); pode, da mesma maneira, ser morto pelo oponente e descer morto (desmembramento). Além do limiar, então,

o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem uma ajuda. Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado), pelo reconhecimento por parte do pai-criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) ou, mais uma vez — se as forças se tiverem mantido hostis a ele —, pelo roubo, por parte do herói, da bênção que ele foi buscar (rpto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). O trabalho final é o do retorno. Se as forças abençoaram o herói, ele agora retorna sob sua proteção (emissário); se não for esse o caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, Fuga de obstáculos). No limiar de retorno, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A bênção que ele traz consigo restaura o mundo (elixir).

## 5. Conclusão

Depois de todo esboço comparativo entre mitologias, sonhos e a ritualística maçônica, ficou evidente que ambos se manifestam por meio de símbolos e gestos, que atuam cada um como um sensor automático que aciona energia e desenvolve o inconsciente pessoal dos adeptos, funcionando como um fator equilibrante na mente humana (CAMPBELL, 2008).

Tanto os sonhos, como a ritualística maçônica no interior do templo maçônico (plano inconsciente), atuam como um processo de compensação, lançam símbolos na mente, alegorias instrutivas, denotam fortes emoções e sentimentos para, ao retornar ao plano consciente (mundo profano), trazerem o conteúdo-conhecimento para prática na vida diária.

Assim, o templo maçônico discorrido no início do artigo é uma autorrepresentação da psique por meio do qual percorre o enredo da iniciação maçônica que trouxemos ao final através da jornada do herói, portanto, retratam um teatro de operações psicológicas visando um crescimento psicológico do maçom.

A fim de sintetizar ainda mais, a linguagem do

inconsciente, por meio do qual os sonhos operam, são os símbolos que sempre se apresentam de forma metafórica, fábulas e alegorias. De igual modo, a ritualística maçônica executada no interior do templo maçônico é processada por alegorias e símbolos. Aliás, não apenas a maçonaria, mas todas as mitologias e religiões também são reveladas através de mitos e contos alegóricos, ou mesmo as fábulas cristãs, exatamente para atingir o mais íntimo no interior do ser humano, o seu inconsciente e ali produzir um conteúdo onírico e permanente.

Ao final dessas páginas, restou evidente que definir a maçonaria “como um sistema de moralidade, velada em alegorias e ilustrada por símbolos” é dizer muito mais do que transliterar os significados do simbolismo maçônico, ou melhor, é demonstrar seu potencial inconsciente e o real motivo do passo a passo na jornada na iniciação maçônica e o porque da estrutura do templo maçônico.

## 6. Referências bibliográficas

- CAMPBELL J. *Herói de mil faces*. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.
- \_\_\_\_\_. *As máscaras de Deus*, Mitologia Ocidental. São Paulo: Palas Athena, 1994.
- \_\_\_\_\_. *As máscaras de Deus*, Mitologia Oriental. São Paulo: Palas Athena, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Isto és Tu*. São Paulo: Landy Editora, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Mito e Transformação*. São Paulo: Ed. Ágora, 2008.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1972.
- HALL, C. S. NORDBY, V. J. *Introdução à Psicologia Junguiana*. SP: Cultrix, 2010.
- JUNG, C. G. *Sincronicidade 8/3*. Rio de Janeiro, Vozes, 2013;
- \_\_\_\_\_. *Interpretação psicológica do Dogma da Trindade*. 11/2. RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 9/1. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia do Inconsciente*. 7/1. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *O símbolo da transformação na missa*. 11/3. Rio de Janeiro: Vozes, 2011;
- \_\_\_\_\_. *Psicologia e alquimia*. 12. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Estudos alquímicos*. 13. Rio de Janeiro: Vozes,

2012.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e religião*. 11/1. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *A vida simbólica*. 18/1. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

PRESTON, W. *Illustrations of Masonry*. New York: Masonic Publishing and Manufacturing Co., 1867.

ROBERTS, J. M.: *Freemasonry: Possibilities of a Neglected Topic*. *The English Historical Review*, Vol. 84, No. 331, p. 323-335, 1969.

VAN GUENEPP, A. *Os Ritos de Passagem*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

# Sobre a Revista

## Foco e Escopo

A Revista "Ciência & Maçonaria" é a primeira revista acadêmica no Brasil dedicada a contribuições acadêmicas em um campo de pesquisa cada vez mais estudado: a Maçonaria. Seu formato é exclusivamente eletrônico e com publicações semestrais. Sua finalidade é publicar produção multidisciplinar relacionada à Maçonaria de especialistas, professores e alunos de diversas universidades. O objetivo é disponibilizar conhecimento sobre Maçonaria e democratizar a produção acadêmica sobre esse objeto de pesquisa: a Maçonaria.

A Revista "Ciência & Maçonaria" destina-se à publicação de textos inéditos na modalidade de artigos, ensaios e resenhas. Trata-se de um espaço aberto para professores, pesquisadores e estudantes que desejam publicar suas análises, reflexões e resultados de pesquisas realizadas. A revista também está aberta ao público maçônico em geral para suas contribuições. Considera-se ainda, como principal requisito para publicação na Revista "Ciência & Maçonaria", que a produção apresente conteúdo analítico-interpretativo, de maneira coerente com rigor científico na área de estudo das ciências humanas e sociais.

## Processo de Avaliação pelos Pares

O processo de avaliação da Revista Ciência & Maçonaria consiste nas seguintes etapas: O artigo original será analisado pelo editor responsável da revista, de modo a se analisar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área de avaliação o qual será direcionado. Com a etapa de definição, o artigo será enviado a dois avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores e entre os avaliadores (*peer blind review*), sendo necessária a aprovação de ambos os avaliadores para que o artigo seja publicado.

## Periodicidade

A Revista "Ciência & Maçonaria" apresenta volumes anuais com periodicidade semestral; sendo dois números por ano. A RC&M apresenta-se em formato digital, onde o leitor pode facilmente efetuar buscas por temas, títulos, autores, além de possibilitar salvar os artigos quando necessário, sem a necessidade de autorização prévia. Os volumes serão divididos em: N.1: Jan/Fev/Mar/Abr/Mai/Jun/ - publicado em Julho; N.2: Jul/Ago/Set/Out/Nov/Dez - publicado em Janeiro.

## Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

## Seções

A Revista Ciência & Maçonaria é dividida nas seguintes seções, nas quais os artigos a serem submetidos devem ser enquadrados: 1. Linguística, Filosofia e Simbologia; 2. História; 3. Sociologia, Antropologia, Administração, Ciência Política, Pedagogia e Direito; 4. Teologia; 5. Psicologia e Pedagogia.

## Diretrizes para Autores

A submissão de trabalhos deverá ser feita por meio do website da revista e seguindo estritamente o formato exigido pela mesma, respeitando ainda as condições para submissão e de acordo com os termos relativos a direitos autorais publicados no website: [www.cienciaemaconaria.com.br](http://www.cienciaemaconaria.com.br)

Atenciosamente,

Conselho Editorial



**C&M**



**Revista  
Ciência &  
Maçonaria**

**Realização:**

**NP3**  

---

**CEAM | UnB**